

É POSSÍVEL AMAR MAIS DE UMA PESSOA AO
MESMO TEMPO?

à Três

A LOVE
STORY

G. PIMENTA



À Três

Gabriela Pimenta

Capítulo 01

YANNA

Dando o último trago no cigarro de cravo, encaro a fachada do prédio exageradamente alto e espelhado por um instante. Livro-me da bituca no lixo mais próximo e ajeito o envelope marrom debaixo do braço.

Sinto a brisa da tarde bater contra os meus cabelos, que estão num rosa desbotado porque estive ocupada (e com preguiça) demais para me preocupar em retocá-los. Minha combinação de calça estilo hippie dois números maiores e com estampas do deus Ganesha, rodeado por outros elementos indianos e igualmente chamativos no tecido vermelho e cinza, e camiseta folgada preta provavelmente faz de mim uma peculiaridade.

Não é o melhor dos visuais, principalmente para estar em Soho, uma das regiões da alta moda de Nova Iorque, mas é confortável e isso basta. Se bem que, eu não me importo de qualquer forma. Não nesse momento.

Depois de jogar um chiclete de morango na boca para amenizar o gosto do tabaco, empurro a grande porta de vidro giratória e vou direto para o balcão da recepção. Meus passos decididos contrastando com a minha aparência desleixada ganham alguns olhares pelo caminho, como sempre.

Assim que paro diante do lindo e largo guichê de mogno escuro, a conhecida moça de cabelos castanhos e presos num coque abre um sorriso.

— Oh, Yanna!

— Olá, Hylie. — sopro uma bola de chiclete para fora da boca, que demora alguns segundos para estourar, e sorrio — Tudo bem?

— Sim, sim. E você? A quanto tempo!

— Estou bem, obrigada. — sorrio mais uma vez, lançando a goma para a outra bochecha — Acho que faz cinco meses, desde a última vez.

— Tanto tempo?

Dou de ombros. Não lembro muito bem. Estive tão absorta no trabalho ultimamente, que não vi o tempo passar. Falando francamente, sequer recordo o que comi de manhã. Acredito seriamente que foi uma tigela de cereal e uma caneca de café. Nada muito distinto do que costume comer.

— Ele está livre agora? — pergunto, mudando de assunto.

— Claro. Deixou a recepção avisada de que você viria hoje. Só vou telefonar para anunciar que está subindo e...

— Não ligue. Vou fazer uma surpresa.

Um pouco desconcertada, Hylie me observa. São quase cinco da tarde e, embora todos na editora finjam, é de conhecimento geral o que acontece perto desse horário. Descrição não é muito o forte do editor chefe.

— Ah, eu não acho que...

— Ei, vamos lá! Deixe-me subir, sim?!

Encaro-a. Faço um sorriso sapeca brincar em meus lábios, assim como o chiclete. E em segundos, ganho a pobre moça. Sempre funciona.

Hylie suspira, possivelmente pedindo aos céus que o editor chefe não solicite a sua demissão por causa disso.

— Tudo bem. — diz, enfim — Pode subir.

Feliz por conseguir o que quero e ter a chance de surpreender o meu editor e amigo, caminho apressada para os elevadores antes que a recepcionista mude de ideia. E quase penso que tenha acontecido, quando a ouço me chamar.

Viro-me.

— Se ele me...

— Não se preocupe. — digo enquanto ando de costas em direção ao elevador
— Se ele pensar em demiti-la, quebro-lhe a mão antes que possa assinar qualquer papel.

Dou uma piscadinha, recebendo um sorriso de volta, e enfio-me na caixa metálica assim que as portas se abrem. Acompanhada por alguns funcionários, transporto-me para o meu mundo privado da imaginação enquanto espero o elevador chegar ao andar indicado, o décimo sétimo.

Fazendo uma ou outra anotação mental, observo pessoa por pessoa desaparecer, até estar sozinha. Quando o visorzinho apita no número 17, literalmente salto para o corredor da sala do editor chefe. Como de costume, caminho despreocupada, mas a minha mente maquiavélica está arquitetando mil e uma coisas.

Abro um sorrisinho ao notar a mesa da secretária vazia. Eles não aprendem. Na verdade, talvez nem liguem mais. Afinal, quem nessa editora não sabe?

A questão é que todos são discretos o suficiente para fingirem-se de cegos e sequer cogitam pisar nesse andar depois das cinco da tarde. Além disso, ele é o editor chefe e, convenhamos, ninguém se atreveria a ir contra às custas de seu emprego. Embora seja um excelente profissional, também é um exímio cretino por usar de seu cargo para proteger suas aventuras.

Unindo o útil ao agradável, é a sua desculpa.

Mas, definitivamente, estou longe de ser um exemplo de discrição e bom-senso. Não quando algo rende um bom material. E, claro, boas risadas as custas de meu amigo também. Eu não pestanejo e dessa vez não será diferente.

Paro diante da porta dupla de madeira e encosto cuidadosamente a orelha em uma delas. Escuto suspiros e uma conversa, pra lá de indecente, diga-se de passagem. Nada muito atípico.

Certifico-me de que está destrancada e sorrio ainda mais. Ou ele é muito burro ou muito apressado para esquecer de trancar a porta. Ok, ninguém sobe nesse horário, porém, imprevistos pode acontecer, não é?!

E o dia do imprevisto chegou.

Jogo o envelope na mesa da secretária e levo as mãos até as maçanetas, disposta a fazer uma entrada triunfal e inesquecível - sem dúvidas.

Conto até três e empurro as portas sem qualquer cerimônia.

— DAAAAAAANNNIIIIIEEEEE!!!

Grito, entrando de maneira escandalosa. E rindo mais escandalosamente ainda, ao flagrar Daniel com o rosto enfiado entre os seios nus de sua secretária, a qual está sentada na beirada da mesa e com as pernas ao redor dele.

— Yanna, mas que merda!

Ele esbraveja, apressando-se em fechar o zíper da calça, sem ao menos retirar a camisinha. Será uma desgraça lavar a mancha que se formará ali depois.

A pobre secretária, chamada Ashiley, praticamente se joga da mesa para ajeitar a saia enrolada em sua cintura e abotoa a camisa social num tempo recorde. Eu, com os braços cruzados sobre o peito e mascando o chiclete de forma divertida, apenas observo enquanto ambos parecem disputar uma maratona.

No momento em que Ashiley, vermelha igual a um tomate, deixa a sala e fecha as portas, Daniel contorna a mesa e para diante de mim, nitidamente querendo arrancar a minha cabeça com os dentes.

— Eu vou matar você! — grunhe, num misto de constrangimento e indignação — Mas tenho que ir ao banheiro resolver um probleminha primeiro.

Recobrando a compostura — ou o que sobrou dela —, Daniel me dá as costas e entrou na porta do canto esquerdo de sua sala. Rindo como nunca, eu sento em uma das poltronas e agarro o primeiro pedaço de papel que vejo pela frente. Anoto o que preciso e o guardo dobrado no bolso da minha calça.

Após alguns minutos, ele volta e afunda em sua cadeira de couro azul.

— Você fez de propósito, não é?!

— Quem? Eu? Nãããããooooo...

— Sabe, existe um motivo pelo qual eu deixo avisado na recepção para que anunciem TODOS que estão subindo para a minha sala. Quem permitiu que você subisse?

Dou de ombros, fazendo-me de desentendida. Daniel bufa.

— Foi a Hylie, não é?!

— Eu disse que quebraria a sua mão antes que pudesse assinar a demissão dela.

Desacreditado com a minha cara de pau, ele solta uma risada anasalada.

— Me pergunto como ainda posso ser o seu editor.

— Você é mais do que o meu editor, Dani, é o meu melhor amigo.

— Maldito dia em que entrei naquele site para praticar o meu inglês.

Daniel Jung, editor chefe e dono de uma famosa editora de Nova Iorque, e eu nos conhecemos na época da faculdade, no auge dos nossos vinte anos.

Estudante de produção editorial e apaixonado por livros desde que se conhece por gente, o seu sonho sempre foi levar boas histórias para as pessoas, compartilhar grandes aventuras e enredos cativantes. Descobrir e conhecer autores de todas as partes do mundo e dar uma chance a eles.

No entanto, para realizar esse sonho, mais do que estudar e se dedicar muito, ele também precisava dominar o idioma que só lhe causava dor de cabeça: o inglês.

Foi então que decidiu se cadastrar em um site de conversação com usuários de outros países e lá nos conhecemos. Eu o ensinei inglês e ele me ensinou coreano. Conversa vai, conversa vem, e consequentemente nos tornamos melhores amigos. Uma amizade que já dura oito anos e que também rendeu uma parceria entre editor e escritora.

— Ei, não seja tão dramático.

— Dramático? Yan, você acabou de me flagrar fodendo.

— Como se eu nunca tivesse feito isso antes. — reviro os olhos.

— Mas foi com a minha secretária!

— E da primeira vez foi com aquela garota da sua faculdade, e da segunda com a vizinha de baixo do meu prédio. Ah! No elevador. — enrolo uma mecha rosa no dedo, buscando relembrar de outras peripécias sexuais do meu amigo — Ok, nenhuma delas foi proposital, como essa. Mas você precisa admitir que, em todas que peguei, o senhor estava tentando ser o rei do fetiche e transou onde qualquer pessoa poderia ver. Fiquei feliz que tenha sido eu a flagrar. Além disso, não é como se ninguém dessa editora não soubesse que a secretária e você usam a sala para... Reuniões particulares.

— Mas nenhum dos meus funcionários são tão inconvenientes quanto você. — alfineta, arrancando-me uma risada sarcástica em troca — E feliz é a última coisa que eu fico quando vejo as minhas transas descritas nas suas páginas. Você faz de propósito, eu sei!

— Ora essa. Desde quando eu cito o seu nome? E outra, já disse que as outras duas foram sem querer, mas eu também não perco uma oportunidade.

— Aaahh... Eu sei que não. E sobre não citar o meu nome, nem precisa. Está bem na cara. Como se eu fosse idiota o bastante para não reconhecer as minhas próprias experiências sexuais.

— Pois trate de ficar feliz, porquê a sua aventura com a secretária também vai parar em alguma história minha. Já estou avisando, para que não venha me encher o saco.

Daniel tenta mandar um olhar irritado, contudo, não consegue. Ao invés disso, abre um de seus inconfundíveis sorrisos e balança a cabeça.

O editor-chefe Jung pode até reclamar, mas sei que ele me adora assim como eu o adoro. Além disso, mesmo que negue, está na cara que ficou mais excitado lendo os meus rascunhos do que necessariamente transando de

verdade.

E também que boa parte do seu lado fetichista aflorou graças às minhas histórias. No fundo, no fundo, o seu ego aumentou um pouquinho desde que se viu representado sexualmente em algumas páginas dos livros.

— Bom, vamos mudar de assunto. — diz ele, ajeitando-se na cadeira — Como você está? Parece bastante cansada, levando em consideração que veio com essas roupas.

— Claro que estou cansada. Passei as últimas três semanas vivendo apenas para esse rascunho. Para que você tenha uma ideia, eu sequer tomei banho.

Meu amigo arregala os olhos e seu rosto se contorce em uma careta.

— Que nojo!

— Estou brincando, idiota! — solto uma gargalhada — Achou mesmo que eu não tomaria banho? Pelo amor de Deus, Dani.

— E eu vou lá saber?! Do jeito que você é, não posso duvidar de nada.

— Assim você me ofende. — um biquinho surge em meus lábios — Mas admito que não lavo os cabelos há quase uma semana.

— Está vendo?! Não posso duvidar.

Nós rimos. As nossas conversas, na maioria das vezes, resumem-se a gargalhadas e bobagens. Não é à toa que nos tornamos melhores amigos.

— Onde está o manuscrito? — ele indaga.

— Na mesa da sua amada secretária.

— Você está brincando, não é, Yan?! — aperta os olhos com os dedos.

— Nem um pouco.

— Eu te odeio, sabia?!

— Odeia nada.

Mesmo a contragosto, chama Ashiley de volta a sala, explicando que deve trazer o envelope marrom que eu, sua amiga degenerada, larguei na mesa.

Nem meio segundo se passa e a secretária dá duas batidinhas antes de empurrar a porta. Ela caminha timidamente até a mesa de seu chefe, onde, há minutos atrás, foram pegos transando. E exatamente por mim, a mulher sentada diante dele.

Sopro uma bola de chiclete para fora da boca enquanto observo Ashiley de soslaio. Daniel apenas revira os olhos, estendendo a mão para agarrar o envelope.

— Obrigado, doçura. E não se preocupe com a Yanna, pois ela é assim mesmo.

Abro um sorriso gentil e percebo que a secretária se sente minimamente mais tranquila. Faz pouco mais de sete meses que ela começou a trabalhar aqui e só nos vimos duas vezes, sendo esta a segunda. Ou seja, eu não tenho uma opinião formada sobre ela. Bem como acredito que ela não tenha uma sobre mim, mas, considerando o que Daniel e os outros funcionários devem falar, Ashiley possivelmente acha que sou a pessoa mais excêntrica que frequenta essa editora.

Considerando a roupa que estou usando e a maneira como entrei, a secretária deve ter plena certeza disso agora. Bom, eu não posso dizer o contrário.

— Desculpe-me pela entrada.... Repentina. — pronuncio-me, sorrindo de novo — Não fique acanhada ou apreensiva com a minha presença, ok?

A secretária balança a cabeça, concordando. Claro que ouvir é muito mais fácil do que fazer; curvando-se, deixa a sala e fecha a porta como manda o protocolo.

Daniel, com o manuscrito na mão, resmunga:

— Se ela pedir demissão, você e eu teremos problemas.

É a minha vez de revirar os olhos. Ele fala como se não fosse um homem com uma extensa lista de transas casuais. Apesar de ser muito gentil com

todas as suas "conquistas", ao contrário de outros caras escrotos por aí, exclusividade não faz parte do seu vocabulário há um bom tempo.

Afundando-me na poltrona, continuo mascarando o chiclete sem gosto, esperando que o meu amigo termine de ler brevemente as folhas que segura. Trata-se da última parte de uma série de sucesso que publicamos.

Quando Daniel coloca o manuscrito novamente sobre a mesa, quinze minutos depois, olha-me diretamente e não contém a satisfação:

— Vou ler com calma assim que chegar em casa. Mas, Yan, tenho certeza que vai ser um sucesso. Os leitores vão adorar o final que você propôs.

— Acha mesmo? — me aprumo, sei que estou com uma expressão incerta.

— Absolutamente.

Sorrio, feliz em saber que sua opinião é sincera. Escrever é minha vida, minha paixão, e dedico cada partícula do meu ser para isso. E embora o mundo diga que sou talentosa, as vezes eu ainda me sinto insegura. Não posso evitar.

— Já que terminou, o que pretende fazer? — pergunta, mesmo tendo a resposta que procura — Ou melhor, para onde pretende ir?

— Vou para Veneza.

Ele me olha, olha e olha. Sabe que é a forma que encontrei para ter inspiração depois daquele acontecimento. Mas, apesar de respeitar, não concorda. Esse assunto retorna sempre como um tabu entre nós, não adianta o que eu diga.

— Yan...

— Não vamos falar sobre isso de novo. — suspiro — Todas as vezes é a mesma coisa. Já cansei de dizer que sei o que estou fazendo.

Ele levanta as mãos em rendição e cala-se, consciente de que essa conversa não os levará a nada. Ótimo, porque eu realmente não queria entrar em uma discussão com ele agora, não depois de três semanas trabalhando sem parar.

Depois de ajeitarmos os últimos detalhes para a próxima publicação, decidimos jantar em um restaurante próximo a editora e que frequentamos de vez em quando. Uma hora mais tarde, despeço-me de Daniel e entro no carro, dirigindo direto para o meu apartamento. Afinal, ainda tenho o que arrumar, pois, na manhã seguinte, partirei rumo a Itália.

Capítulo 02

CHRISTOPHER

— Ai, merda!

Solto um grunhido, segurando o dedinho do pé que acabo de acertar na quina da cama. Tem coisa pior do que bater a droga do dedo na quina de alguma coisa?

Ah sim, estar atrasado. E é exatamente o que estou. Atrasado, de novo.

Ainda xingando de dor, confiro pela última vez a bolsa da câmera e dou-me por satisfeito. A bagagem finalmente está pronta. Faltando minutos para sair de casa, mas pronta.

Pego a passagem aérea e o passaporte, colocando ambos na pequena mala de mão que sempre levo comigo nas viagens, e verifico se a carteira e o celular também estão juntos. Não seria a primeira vez que esqueceria de algum deles, então, é bom confirmar. Até porque, estarei a trabalho e não posso me dar ao luxo de sofrer com atrasos ou imprevistos – apesar de já estar atrasado.

Visto um dos meus camisões lisos, escondendo parcialmente as tatuagens em meus braços, arrumo de qualquer jeito os cabelos e agarro a primeira jaqueta que encontro no armário. Penso em colocar as argolas de prata, mas será o inferno ter que tirá-las para a inspeção antes do embarque, por isso decido guardá-las na *nécessaire* para usar quando chegar a Itália.

Colocando uma das alças do mochilão camuflado no ombro, apanho a bolsa da câmera e a de mão, e arrasto-me para a sala de estar. O táxi não demorará a estacionar na frente do prédio e preciso estar preparado.

— Não vai comer nada? Nem tomar um pouco de café?

— Não, obrigado. Vou comer no aeroporto. — respondo.

— Comida de aeroporto, além de ser cara, é uma porcaria. E talvez não seja uma boa ideia. Você sabe como fica durante viagens.

— Eu sei, mas terei que encarar. — suspiro — Eu deveria ter arrumado as malas ontem.

— Eu falei!

Bufo, contrariado. Ok, admito, estou longe de ser um exemplo de organização. Longe, muito longe. A minha parte do armário é a mais bagunçada, meus tênis vivem jogados pelos cantos da casa e é quase uma marca registrada minha deixar para arrumar as malas sempre em cima da hora.

A única coisa que se salva é o estúdio. Tão limpo e organizado que muitos duvidavam ser meu. Às vezes, até eu mesmo.

— O Yoan vai te buscar quando chegar?

— Acho que sim. Para ser sincero, não conversamos sobre isso.

— Típico de vocês dois.

— Bom, o importante é que no final tudo dá certo, né?! — dou de ombros, soltando uma risada anasalada — Pelo menos, na medida do possível.

Apalpando o bolso do jeans para conferir se o iPod está acessível, ponho-me de pé quando o interfone toca. Com certeza é o porteiro anunciando o táxi. Pego novamente a bagagem e me preparo para descer. Tenho pouco mais de uma hora para chegar ao aeroporto há tempo de passar por toda a burocracia do check-in e, enfim, comer alguma coisa. Encarar um voo de quase 12h e depender somente da comida servida a bordo não está nos meus planos.

— Estou de saída. — digo, ajeitando a alça do mochilão no ombro.

— Faça uma boa viagem.

— Obrigado.

Dou-lhe um caloroso beijo nos lábios, deixando que nossas línguas brinquem um pouco antes de serem obrigadas a se separarem.

— Mande mensagens, ok?! Principalmente se rolar alguma novidade.

— Vou mandar.

Depositando mais um beijo em sua boca, acaricio lhe suavemente os cabelos e saio, rumo ao elevador.

Para a minha sorte, não tenho que descer os dezesseis andares espremido entre os outros moradores. Minha única companhia é a senhora do andar acima que sempre me cumprimenta e teima em puxar conversa. E cuja a neta mais velha costuma tentar chamar a minha atenção em busca de algo a mais, em todas as vezes que nos esbarramos em algo canto. Sutilmente eu a rejeito, em todas elas.

Assim que as portas se abrem no hall, despeço-me da senhora com um sorriso cortês, mas que evidencia a minha pressa, e sigo para o táxi estacionado próximo ao meio-fio da entrada.

O motorista, um senhor de cabelos grisalhos, diz:

— É o senhor Christopher Hayes?

— Sim, sou eu.

— Gostaria de colocar as malas lá atrás?

— Prefiro ficar com elas, obrigado.

— Tudo bem.

Uma vez dentro do carro, ao lado das bagagens, pego os fones de ouvido e o iPod do bolso. Será um longo caminho até o aeroporto e, embora eu não seja antissocial ou coisa parecida, sei que o taxista não está à fim de passar os próximos minutos papeando sobre qualquer assunto sem importância para os dois. Então, poupo uma situação constrangedora colocando os fones.

Os primeiros acordes de 'Shepherd of Fire' do Avenged Sevenfold começam

a tocar e recosto no banco, buscando uma posição confortável. O táxi parte.

Através da janela, observo a estrada correr enquanto a música continua soando alta. Meus pensamentos estão longe, mais especificamente em Veneza, onde passarei a próxima semana. Essa oportunidade caiu do céu, sem dúvidas.

Meu amigo e antigo colega de faculdade, Yoan Collins, tornou-se chefe em um grande projeto no famoso estúdio italiano que trabalha e não pensou duas vezes em convidar-me para fazer parte da equipe. E, claro, eu aceitei.

Com 27 anos, tenho um portfólio que muitos considerariam invejável, com trabalhos para importantes marcas e artistas renomados, até mesmo alguns conflitos ao redor do mundo que tive a oportunidade de fotografar.

Não me afiliei a nenhum estúdio, embora convites não tenham faltado. Inclusive do estúdio no qual meu amigo Yoan trabalha. Como o espírito livre que sou, fiz questão de permanecer assim: livre.

Fotografia sempre foi a minha maior paixão e, mais do que isso, a minha possibilidade de desbravar o mundo. Conhecer pessoas, descobrir histórias, admirar as mais diferentes paisagens e eternizar momentos. Desde cedo, eu soube que era isso o que queria e não medi esforços até conseguir. Ainda que tenha sido forçado a deixar algumas coisas para trás durante o caminho.

Era o preço a se pagar, afinal.

Enfrentar as burocracias do aeroporto é a parte mais chata na minha opinião, mas algo necessário. Realizo o check-in e despacho as malas o mais rápido possível, e uma vez que estou livre, corro para a primeira lanchonete que avistou. O meu estômago está à ponto de abrir um buraco, tamanha a fome.

Definitivamente, eu deveria ter comido antes de sair de casa. Talvez assim eu aprenda a ser menos teimoso - ou talvez ignore e continue do mesmo jeito.

Devoro o lanche em três mordidas e dou-me ao luxo de comer um enorme pedaço de torta acompanhado de um copo de café. Penso em comprar mais alguma coisa, mas considero o enjoo na hora da decolagem e desisto. Tudo o que menos preciso é de um saco de papel como companheiro, bem como

desperdiçar a pequena fortuna que gastei na lanchonete.

Com o livro na mão, entro na fila do embarque depois de quase uma hora esperando. Apresento o passaporte e sigo os demais passageiros. Minha poltrona fica próxima a asa e ao lado da janela, especificamente escolhida devido ao meu pequeno problema; guardo o exemplar de Agatha Christie de volta na bolsa e retiro a pulseira de acupressão da nécessaire, ajeitando-a no pulso.

O momento da decolagem, como sempre, é um martírio. Quase posso sentir o estômago chegar aos seus pés e aquele revirar me acerta em cheio, e eu agradeço internamente quando o voo estabiliza. A náusea acomete por mais uns minutos, porém, não demora para que eu esteja normal outra vez.

Porcaria de síndrome de cinetose.

O voo corre bem. Durmo a maior parte do tempo, mas aproveito para escutar um audiobook e comer o jantar que é servido; perto das quatro da tarde, do horário local, aterrissamos no Aeroporto Internacional Marco Polo, em Veneza.

Uma vez do lado de fora do portão de desembarque, dou uma olhada ao redor, analisando a arquitetura do prédio. É bonita e um tanto sofisticada. No entanto, comparado aos outros aeroportos em que passei, parece relativamente pequeno.

Talvez seja apenas impressão.

Continuo a olhar e logo reconheço a cabeleira loura e aquela carranca desinteressada de sempre. Não muito longe, com os braços cruzados e o pé batendo de maneira impaciente no chão, vejo-o procurando por mim entre a aglomeração. Sorrio. Será que esse cara nunca vai mudar? Provavelmente não.

— Quem diria... — me aproximo, sorrindo — Não é que você veio mesmo?!

Yoan vira e depara-se comigo. Também sorri.

— Digo o mesmo.

Trocamos um aperto de mão e, subitamente, o loiro me puxa para um abraço. Eu não hesito em retribuir. Senti falta do companheiro rabugento e irônico de faculdade, afinal, há anos que não nos encontramos pessoalmente.

Quatro anos, mais especificamente.

— Ora, já vamos começar com demonstrações de afeto? — brinco, afastando-me — Eu pensei que isso só acontecesse depois de algumas doses de uísque.

— Ah, cale a boca!

Sorrimos e nos colocamos a andar. Guiado por Yoan, entro no ônibus. Durante os vinte minutos seguintes, conversamos sobre o trabalho e o que aconteceu desde que seguimos rumos diferentes depois da faculdade - embora a gente se fale com frequência por Skype ou mensagens.

A primeira impressão que tenho ao chegar em Piazzale Roma não poderia ser melhor. Fico admirado. O cenário à minha frente é, sem dúvida, incrível.

Sem pensar duas vezes, saco imediatamente a câmera menor que guardo na bagagem de mão e começo a clicar. Bem, esse é o mal de ser fotógrafo.

— Nós ficaremos no bairro de San Marco, no Zaguri B&B. — diz Yoan, conduzindo-me — Vamos pegar o vaporetto. O hotel fica próximo à parada.

— O que é esse vaporetto?

— É o barco que faz o transporte, quase como um ônibus aquático ou algo do gênero.

— Puta merda, teremos que pegar um barco?

— Aqui é Veneza. — retruca, revirando os olhos — Não sei se percebeu, mas estamos rodeados por água. À não ser que você tenha fôlego para nadar ou adquirido o dom de andar sobre ela, vamos ter que nos locomover de barco sim.

Suspiro. Claro que é vergonhoso ser um homem adulto que enjoa em praticamente qualquer coisa que se movesse, mas não posso fazer muito

contra isso. Sofro com a síndrome desde criança e terei que continuar lidando com ela.

— Eu me pergunto como raios um fotógrafo pode ter o estômago tão fraco.

— Eu não deixo que esse problema interfira na minha vida. A questão é que barcos, que são comumente enjoativos, no meu caso são mil vezes piores.

— Bem-vindo ao inferno, então.

Yoan sorri de modo sarcástico e põe-se a andar. Dando-me por vencido, sigo-o ao longo da Piazzale Roma, parando eventualmente para fazer mais algumas fotos. Sendo essa a minha primeira vez em Veneza, não perderei a oportunidade de capturar a bela paisagem. Apesar dos vários aspectos modernos, a cidade mantém o seu charme clássico, tornando-a espetacularmente encantadora. Cheia de possibilidades para serem descobertas e fotografadas.

Possibilidades nuas, cruas, e, porque não, excepcionalmente sexuais.

O vaporetto deveria ser apenas mais um barco, porém, a atmosfera com certeza o faz diferente. Mesmo com o enjoo ameaçando o estômago, admiro a vista que o caminho proporciona: um panorama único da cidade ao longo do Grand Canale.

Meu amigo aponta para alguns pontos turísticos. Apesar de não morar na cidade, ele a frequenta com regularidade por causa do trabalho e aprendeu na marra que a melhor maneira de não se perder (como aconteceu diversas vezes) é conhecendo-a e muito bem.

— Cara, esse lugar é espetacular! — comento, verdadeiramente maravilhado.

— Veneza é realmente uma cidade encantadora e também muito romântica. Não é à toa que muitos casais vêm passar a Lua de mel aqui.

Cruzou os braços, reflexivo. De fato, é um bom lugar para a Lua de mel.

É, talvez não seja uma má ideia.

Após um pouco mais de uma hora, a qual luto bravamente entre observar a

cidade e sofrer com as náuseas, o vaporetto atraca na parada de San Marco; percorremos algumas vielas até chegarmos a Fondamenta Corner Zaguri e pararmos diante a uma estalagem rústica, que Yoan só soube ser o Zaguri B&B por causa da foto aberta em seu celular, já que não há qualquer placa indicando.

— É aqui. — diz o loiro.

— Meio caidinha, não é?! — analiso a fachada do prédio — Não que eu esteja reclamando. Já estive em lugares piores, pode acreditar.

— Dizem que o interior é confortável e moderno. E ainda temos a vista para o canal.

Olho ao redor rapidamente e solto uma risada.

— Nós temos vista para outras vistas. As janelas são literalmente em frente uma a outra.

— Exatamente! Quem sabe a gente não dá sorte de pegar uma vista bem interessante.

Sorrio e ajeito o mochilão nas costas. Até que gostei desse conceito de "vista".

Entramos na estalagem e somos recepcionados por um homem de meia-idade chamado Giuseppe, sendo um bigode escuro a sua marca registrada. Nos cumprimentamos e o tal senhor se espanta ao descobrir que um de nós estrangeiros, no caso Yoan, sabe falar italiano perfeitamente.

Somos recebidos com simpatia e guiados para os nossos respectivos quartos. O prédio é pequeno e aparenta mais uma casa de família do que um hotel.

— Se precisarem de alguma coisa, *signori*, basta chamar. — Giuseppe orienta.

O senhor desaparece escadas abaixo logo em seguida, deixando-nos à sós. Despeço-me do meu amigo e entro no quarto, surpreendendo-me em como é amplo e confortável, longe da simplicidade que a fachada passa a impressão.

Jogo o mochilão ao lado da cama e caminho até a janela, abrindo-a e revelando o canal. Debruço no parapeito e puxo o ar do entardecer respirando fundo. Estou animado, mais do que o de costume. Ansioso também, com certeza.

Será uma longa e divertida semana.

Capítulo 03

ELLIOT

Se tem algo que eu adoro fazer além de dançar, com certeza é viajar junto com a companhia. Há cinco anos como integrante e um dos bailarinos principais da *Bright Contemporary Ballet Company*, uma das mais famosas e prestigiadas de Nova Iorque e com renome em vários outros países, já conheci diversos lugares ao redor do mundo e tenho o desejo de visitar muitos outros, e nesse momento desfruto da oportunidade de estar em solo alemão.

A companhia desembarcou em Munique para duas apresentações em um festival de dança que acontecerá na cidade. Mais especificamente no Teatro Nacional. Como disse o guia no dia em que chegamos, a casa da Ópera e do Balé do Estado da Baviera, um símbolo importantíssimo e que carrega uma história de extensas produções significativas e diversas estreias mundiais.

Acho que é um dos lugares mais significativos que já estivemos.

Com a ajuda de Vince, um dos meus parceiros de espetáculo e melhor amigo desde a época de colégio, faço o alongamento antes do início do ensaio enquanto observo cada parte do imenso teatro. Todos estão maravilhados com a beleza e suntuosidade desse lugar, e eu sou uma parte nesse todo.

Já performei em espaços incríveis, mas esse está acima da média, com certeza.

— Você vai distender um músculo se não prestar atenção do que está fazendo, idiota. — Vince reclama, largando as minhas mãos — Quer acabar com a apresentação?

— Eu estou prestando atenção, coisa azucrinante. — retruco e estendo um

dos braços até o ombro dele, sentado à minha frente — E não vou acabar com apresentação nenhuma, pode ficar tranquilo. À não ser que essa sua boca praguenta faça o trabalho.

— Está querendo dizer que eu sou agourento?

— Você é a personificação do pé frio, Vi. Preciso lembrar o que aconteceu há dois anos atrás?

— De novo com esse assunto? — revira os olhos — Eu não tive culpa se você resolveu bancar o equilibrista enquanto estava bêbado e torceu o tornozelo quando caiu daquela mureta. Eu só avisei.

— Exatamente! Foi essa sua boca grande que mandou más vibrações e fez com que eu caísse. Óbvio que a culpa foi sua.

— Vai se ferrar!

Eu sei que culpa não foi totalmente sua, porém, eu gosto de implicar com o meu amigo. É engraçado e ele não me ajuda nenhum pouco a parar.

Levantamos e nos juntamos aos demais integrantes que terminam os alongamentos. Bernard, coreógrafo da companhia e que até então observava a preparação de nós bailarinos, bate palmas para chamar atenção e pede que todos formem um círculo ao seu redor à fim de passar as instruções.

Com elenco de 13 bailarinos, o espetáculo se desdobra entre composições coletivas, duos e solos. Nelas, cada integrante apresentará os seus movimentos e caminhos próprios, até integrar-se ao coletivo. Eu, por ser um dos principais e ter idealizado metade da coreografia, abrirei a apresentação e puxarei os outros bailarinos, dando abertura para as demais cenas.

Durante breves minutos, continuamos ouvindo atentamente as instruções, bem como discutindo a marcação de cada um ao longo do espetáculo, até Bernard pedir para ficarmos a postos e indicar que eu tome o meu lugar.

Posiciono-me no centro do palco, respiro fundo e espero pela música. Uma melodia suave começa a tocar e eu, com cada detalhe da coreografia nítido em mente, ponho-me a dançar. Concentrado nos passos que realizo, tento me

mover com graça e elegância como pede o personagem, e manter meu corpo envolto por leveza. Mas não dá cinco segundos e estou imerso na dança.

Sem reservas, entrego-me a cada movimento com destreza e paixão. Dizem que sou um bailarino que reúne sutileza e poder como ninguém mais consegue, que sou imponente e excepcionalmente talentoso. Bem, se isso é verdade, não faço ideia. Mas eu trabalhei muito duro para chegar até aqui, me dediquei por anos e enfim atingi a posição de bailarino principal da companhia.

Eu comecei de baixo como todo mundo e se hoje dizem me observar de tão linda e indescritível que é a minha dança, devo tudo aos anos de empenho.

Estou apenas colhendo os frutos do meu esforço.

A regata que estou usando evidencia os músculos dos meus braços e eu sei que todos estão observando enquanto me remexo ao compasso da música, principalmente as mulheres. No instante em que Bernard dá o sinal, Emma, uma bailarina veterana e com quem já fiz dupla em diversos espetáculos, entra em cena para interagir comigo.

Ao pegá-la pela cintura e trazê-la para perto, dou-lhe um sorriso provocante e explicitamente sexy assim como manda o enredo. Nossos corpos, muito próximos, movem-se com sensualidade quase como se estivemos prestes a fazer amor. Consiste em parte da coreografia, claro, mas não duvido que ela esteja se aproveitando disso. Quero dizer, quem não o faria? Se fosse em outras circunstâncias, eu também aproveitaria. E aproveitaria muito.

Emma olha diretamente nos meus olhos, buscando uma conexão além da que devemos ter no palco. Ela sequer esconde que fica "arrebata" todas as vezes em que estamos dançando juntos. Porém, é impossível eu sentir alguma atração.

Eu sou um cara discreto. Ou, como preferem chamar, misterioso. Apesar de ser falante e bem-humorado, e cheio de charme (porque não serei hipócrita em dizer que não), eu não costumo deixar que as pessoas com quem trabalho – exceto o Vi – conheçam mais do que o Park estritamente profissional e habilidoso.

Tenho um limite dentro do meu ambiente de trabalho. E talvez seja por essa razão que a maioria das bailarinas têm uma queda por mim. Meu jeito discreto em relação a vida pessoal – conforme as informações de Vince - deu margem para que elas criassem as mais famigeradas fantasias e também para que eu fosse o assunto da maioria das rodas de fofocas.

Todas querem desvendar Elliot Park. Ou seja, eu.

Por que? Bem... *"Elas acham que a sua figura emana masculinidade e dominância, além de ser todo misterioso"*, essa foi a explicação do meu amigo.

O ensaio perdura pelas horas seguintes. Perto das sete, enfim, somos liberados para descansar. Como os ensaios seguirão por mais dois dias até as apresentações, é importante que estejamos dispostos e relaxados.

— A Emma quase gozou com aquela sua pegada, hein?! — sussurra Vince, jogando uma toalha para mim. Ele e seus comentários desbocados — Percebeu o olhar dela? Certeza de que você vai ser homenageado hoje com uma boa...

— Fica quieto, babaca! — sorrio, secando o suor e guardando a toalha — Vamos logo para o hotel que eu preciso urgentemente de um banho.

Pegamos as bolsas e vamos andando para a saída, seguidos pelos demais bailarinos e conversando sobre qualquer coisa, apesar de Vince insistir em atazanar com mais comentários sobre o quanto a nossa companheira de trabalho ficou molhada com as minhas "pegadas" durante o ensaio.

Sinceramente, eu torço para que o assunto principal (Emma) dos comentários não esteja escutando, porque a verdade é que o Vi está longe de ser um exemplo de discrição.

Entre as várias coisas que eu nunca fiz na vida (o que, provavelmente, resume-se a duas ou três coisas), uma delas é ter algum envolvimento com pessoas do meu círculo de trabalho. Como disse, sou estritamente profissional, o que significa que veto qualquer tipo de relação íntima com colegas de trabalho, sejam fixos ou temporários. Eu não quero misturar as

coisas, quase cometi esse erro no passado e perdi tudo o que lutei para conquistar. E também porque não há motivos para tal, pois tenho tudo o que preciso e sempre que precisarei.

— Deveríamos sair para beber alguma coisa. Afinal, estamos no país da cerveja. — comenta meu amigo, todo sorridente e cheio de expectativas para essa noite — O ensaio amanhã será a tarde, é o suficiente para curar a nossa ressaca.

Solto uma risada nasalada e balanço a cabeça em negação. Vince não toma jeito. Porém, tenho que concordar que não é uma má ideia. Quero se divertir.

— Além disso, estamos na terra do seu pai e nada mais justo do que comemorar.

— Primeiro: o meu pai não era alemão, Vi, e sim húngaro. E segundo: porque raios comemoraríamos por causa disso?

O ruivo dá de ombros. Precisa de uma justificativa, não importa qual seja.

Passo a mão entre os fios do meu cabelo louro.

Antes que alguém pergunte, sim, eu sou mestiço. Herdei os cabelos louros e os olhos azuis do meu pai, que nasceu na Hungria. As minhas feições, no entanto, são puramente orientais e herdadas da minha mãe sul-coreana.

A história dos meus pais, Mihály e Nayeon, não é muito diferente de outras por aí. Se conheceram durante uma viagem a Bélgica e acabaram se apaixonando. Casaram-se depois de alguns anos de namoro e tiveram uma boa vida, isso até uma doença levar o meu pai aos 41 anos de idade. Eu tinha apenas 10 anos na época. Foi uma perda difícil, especialmente para a minha mãe.

Superar tamanha perda foi bastante complicado tanto para mim quanto para ela, mas aos poucos fomos retomando a vida. Com o passar dos anos, aprendemos a relembrar dos bons momentos sem sofrer e a lidar com a eterna saudade.

Mihály, meu pai, foi um bom homem e sempre fará falta.

A companhia se hospedou no Platzl Hotel e, como de costume, Vince e eu dividimos o quarto. O hotel ostenta a arquitetura tradicional alemã e os quartos também preservam um aspecto clássico. Contudo, possuem modernas e confortáveis instalações.

Ao entrarmos no quarto, sou o primeiro a correr para a ducha. Meus músculos relaxam com o toque da água quente, tanto que chego a suspirar. Eu adoro a sensação de relaxamento que um bom banho traz depois de um longo e desgastante ensaio ou de alguma apresentação. Não há nada melhor.

Exceto, talvez uma coisa.

Depois de secar os cabelos, deixo o caminho livre para Vince. Aproveito para checar as mensagens e redes sociais, e escolher uma boa roupa enquanto espero. O meu amigo costuma passar uma eternidade no banho.

Sentindo-me confortável com os jeans escuros e a camisa preta estampada, ajeito os cabelos em um topete discreto e borrifo perfume em meus pulsos como o habitual. Esfrego ambos nas laterais do pescoço e dou-me por satisfeito.

Reconheço que sou vaidoso e gosto de estar bem arrumado. Olho-me mais uma vez e pisco para mim diante do espelho, só não contava que faria isso bem no instante em que meu amigo sai do banheiro, sendo pego no flagra. Merda!

Obviamente que sou motivo de chacota.

Como dois adolescentes, abandonamos o quarto as escondidas, torcendo para que o diretor sequer sonhe que estamos escapando para uma noite em plena véspera de espetáculo. Veja bem, a recomendação para descansarmos pode ser interpretada de várias formas, certo?! Cada um tem a sua concepção de descanso e a nossa é farrear em qualquer lugar que seja interessante.

Mesmo depois de entrarmos na companhia de dança e tornarem-se adultos (ao menos fisicamente), mantemos o hábito de sair escondidos para curtir o que cada país tem a oferecer. Afinal, com tantas obrigações e ensaios, nem sempre sobra tempo e sendo os bons curiosos e animados que somos,

simplesmente fugimos. Já perdi as contas de quantas vezes fizemos isso, essa é apenas mais uma de tantas outras que aconteceram, e provavelmente ainda acontecerão.

— Eu não conheço nada por aqui. — comento, observando a rua do hotel. Não está necessariamente movimentada — Não sei nem para que lado ir.

— Vamos fazer o que fazemos de melhor: desbravar! Com certeza encontraremos alguma coisa interessante por aí.

Sem mais delongas, Vi agarra o meu braço e começa a arrastar-me rua afora.

Apesar de ser apenas nove da noite, percebo que a agitação cresce conforme andamos. Bares e outros estabelecimentos destacam-se com suas fachadas iluminadas e as pessoas caminham descontraídas, assim como nós dois a procura de diversão - dos mais variados tipos, quem sabe.

— Pena que não estamos na época do Oktoberfest. — ele dita, analisando as possibilidades ao redor — Dizem que é o maior evento de cerveja do mundo.

— Se a temporada de apresentações não for estendida, podemos vir em outubro. Sempre tive curiosidade para visitar essa tal Oktoberfest. Deve ser incrível!

— Com certeza. Mas, e aí, o que vai ser: balada ou barzinho?

— Por mim, tanto faz.

— Ouvi o pessoal falar de uma tal Schla... Schla alguma coisa.

— Não faço ideia do que está dizendo. Alemão está longe de ser o meu forte.

O ruivo apanha o celular do bolso da calça e o sacode no ar, dando um sorrisinho convencido. Eis o poder da internet como ele mesmo diria.

— A tal... Schlagergarten, não sei se é assim que pronuncia, fica há uns quinze minutos daqui de carro. O que acha? Podemos pegar um táxi.

Esgueiro-me e espio o seu celular. Dou risada ao ler:

— A noite mais animada que você pode ter?! — olho para Vince, que também sorri — Acho que temos um vencedor, afinal. Vamos para lá!

Tomamos o primeiro táxi que avistamos na rua. Utilizando-me do meu ótimo inglês, oriento o motorista e não demora mais do que quinze minutos para estarmos diante de uma fachada iluminada, com um letreiro brilhando em neon azul.

Ao entrarmos, todos os olhares se voltam para nós, especialmente os femininos - e alguns nem tanto. Com seus quase 1,80m e os cabelos num tom gritante de vermelho (e que lhe caia muito bem), Vince é notado onde quer que chegasse. Eu, por outro lado e com os seus 1,76m, tenho uma postura mais reservada. Sei que chamo tanta atenção quanto o meu amigo, mas a maioria das pessoas só conhecem a minha verdadeira personalidade quando a música começa a rolar.

Eis um dos meus defeitos, ou melhor, um hábito que carrega desde pequeno: se movimentar ao som de música, não importa onde. E estando em uma das baladas mais famosas de Munique e ainda por cima com Vince Bennett, todos estão prestes a saber do que eu, Elliot Park, sou capaz.

Que a ressaca não estrague o ensaio do dia seguinte.

Capítulo 04

YANNA

Sentada em uma das mesas do famoso Café Florian, na Piazza San Marco, com o meu inseparável caderno de capa vermelha no colo e a caneta na mão, observo o movimento das pessoas. A praça está lotada, tanto de turistas quanto de locais.

A Piazza San Marco é o maior cartão postal de Veneza, tão linda e cheia de detalhes que, mesmo passando despercebidos aos olhos às vezes, guardam grande beleza.

Cheguei a cidade há dois dias e não poderia estar mais satisfeita com a escolha. É a minha primeira vez aqui. Pensei muito antes de embarcar para um lugar que não estava familiarizada. Porém, querendo novas ideias e perspectivas, arrumei as minhas coisas, comprei a passagem e parti rumo a Itália.

Eu sempre adorei viajar. Não importa quando ou para onde, assim que vejo uma oportunidade, faço as malas e lanço-me no mundo. O mesmo vale se o caso for mudar. Não tenho medo ou receio de migrar de país no momento em que me convém. Estou morando em Nova Iorque a mais ou menos um ano e por muita insistência de Daniel, que me convenceu de que seria bom passar um tempo próximo a editora, principalmente por causa dos novos projetos em que estamos trabalhando.

Cansada de Bruxelas, decidi aceitar as insistências do meu melhor amigo. Mas ambos sabemos que a qualquer instante isso pode mudar.

Sou uma pessoa inconstante. Se existe algo que não consigo de jeito nenhum é ficar parada em um mesmo lugar. Mas nem sempre foi assim. Houve um

tempo em que eu só queria estar em um único lugar. Contudo, tanto esse tempo quanto esse lugar passaram a fazer parte do passado.

No presente, há espaço somente para desbravar os caminhos que surgirem a frente. Afinal de contas, ser inconstante é melhor do que tentar ser constante em um mundo tão mutável.

Dou outro gole de café e recosto na cadeira, ajeitando os óculos escuros no topo da cabeça. Enfim tomei vergonha na cara e retoquei a cor dos meus cabelos, que continuam num tom suave de rosa e agora estão presos em um rabo de cavalo, e ainda se destacam dos demais. Tenho vontade de acender um cigarro, mas como as regras proíbem fumar na Piazza, sou obrigada a conter esse péssimo hábito até voltar para o quarto de hotel. Parar de fumar está na minha lista de metas há uns dois anos, porém, eu nunca tentei de fato parar.

Sou péssima com essas coisas.

Estou na rua desde cedo (lê-se hora do almoço) e, depois de desfrutar de uma maravilhosa refeição tipicamente veneziana, aproveitei para visitar os pontos mais importantes da praça, como a Basílica de São Marcos, o Museu Correr e a Torre dell'Orologio. Todos excepcionalmente deslumbrantes e repletos de memórias.

Parei na cafeteria depois do tour e aqui me encontro há quase quarenta minutos com a sua segunda xícara. Apesar de ter tirado essa viagem também para descansar das semanas exaustivas em que me dediquei totalmente ao manuscrito da última história, aquela típica e conhecida coceirinha na mão que me leva a rascunhar deu as caras e por isso o caderno repousa em meu colo. Eu o mantenho sobre as pernas, bem como a caneta na mão, embora não tenha usado nem um dos dois desde que os tirei da bolsa.

Tudo bem. Não será a primeira e nem seria a última vez que isso acontece.

Mesmo sem pretensões, continuo observando as pessoas. Gosto de imaginar que cada uma delas tem sua história e os seus sonhos.

Todos são iguais, no final das contas.

Meus olhos recaem num grupo de turistas posando para uma foto. Dou risada ao notar um dos rapazes fazer "chifrinho" em outro. Algo tão batido, mas que se tornou um clássico; em seguida, é uma dupla de senhoras que entra no meu campo de visão. As duas parecem brigar com o celular enquanto apontam de um lado para o outro, com pontos de interrogação desenhados em seus rostos. Perdidas é pouco para descrever o que essas mulheres verdadeiramente estão.

Eu não as culpo. Fui uma dessas turistas há dois dias atrás.

Ao colocar os pés na parte ilhada da cidade, apenas com o folheto do hotel em mãos, o celular fatalmente descarregado dentro da mochila, passei boas três horas procurando o local. E ainda que tenha rido dessa pequena desgraça uma vez que estava no quarto, não achei a mínima graça enquanto perambulava perdida pelas vielas.

Aquelas duas, sem dúvidas, estão no lucro comparado a minha situação de outrora.

Meus olhos varrem ao longo da praça mais uma vez. A movimentação parece ter aumentado de um minuto para o outro. Vejo as duas senhoras irem embora, o grupo de turistas entrar na Basílica e algumas crianças correrem pelos arredores, isso até que uma figura alta chamar a minha atenção não muito longe.

Mais do que isso. Tomou-a por inteiro.

Entre a multidão, um homem com algo em torno de 1,80m de altura ou perto disso se destaca, como se fosse mais um dos tantos aspectos únicos e especiais desse lugar maravilhoso. Tem braços musculosos marcados com várias tatuagens coloridas, que contrastam perfeitamente com a sua pele dourada. O cabelo é espesso e castanho, e cai sensualmente sobre a testa. Pernas longas e malhadas. O cara é um pecado!

Um belo espécime para ter na cama, com certeza.

Imagino o que posso fazer com aquele homem maravilhoso no quarto do hotel e todas as possibilidades levam a orgasmos explosivos. Meu radar interno pisca "*macho alfa à vista e pronto para o abate*". E, acredite, o meu

radar nunca erra.

No entanto, ao descer mais os olhos para conferir o restante daquele homem maravilhoso, reparo na câmera fotográfica que descansa em suas mãos e pelo jeito profissional que a segura, concluo que seja um fotógrafo.

Porra, um fotógrafo? Logo um fotógrafo?

Antes, isso seria o suficiente para cortar todo o meu interesse, mas acontece exatamente o contrário. Não sou capaz de tirar os olhos dele um segundo sequer.

Uma estranha atração me empurra para aquele homem, que parece apaixonado pelo o que faz. Ele sorri, e que sorriso! Definitivamente, é impossível não o encarar.

Pensou em colocar os óculos escuro, mas, por alguma razão inexplicável, não o faço. Algo dentro de mim deseja que ele note, que perceba que está sendo descaradamente observado, mesmo eu não sabendo muito bem o que espero com isso.

Mas, droga, é um fotógrafo.

Só há dois tipos de homens com quem não me envolvo, esse é um deles.

Debato comigo mesma enquanto acompanho cada movimento daquele moreno fodidamente sexy. E como se já não fosse muito, por um instante desejo que aquelas mãos másculas e de dedos longos estivesse segurando a minha cintura ao invés da câmera. Elas devem ser tão habilidosas manuseando um corpo quanto a câmera que carrega.

Oh, porcaria! Eu nunca desejei tanto ser a droga de um objeto.

Como se a minha mão tivesse vida própria, começo a descrevê-lo no caderno. A caneta viaja rápido entre as linhas, repassando cada traço, cada detalhe.

E é então que percebo estar indo longe demais.

No instante em que o tal moreno vira para dar mais alguns click's, fecho o caderno e enfio dentro da bolsa juntamente com a caneta, pedindo a conta em

seguida. Escondi-me atrás dos óculos escuros e tomei o meu rumo depois de deixar uma generosa gorjeta para o garçom. A única opção para resistir à tentação é sair daqui o mais rápido possível e é exatamente o que eu faço.

Ao chegar no hotel, corro até o maço de cigarro de cravos e acendo um. Dou uma tragada e solto a fumaça como se tentasse soltar todo o tesão reprimido junto. Porém, não funciona. A imagem daquele homem de beleza ultrajante domina os meus pensamentos, muito mais do que gostaria.

Ah, que merda!

Dou outro trago e tiro as sandálias, largando-as ao lado da cama. A camiseta é a próxima e a saia logo tem o mesmo destino que o restante das peças, o chão.

Vestida somente com a calcinha e o sutiã de renda, caminho até próximo a varanda e sento em uma das poltronas confortáveis, tendo uma visão perfeita do Grand Canale, que se torna ainda mais exuberante com o Sol que começa a se pôr.

A fumaça cheirosa dança ao meu redor, mas o que realmente nubla a minha cabeça é o bendito fotógrafo. Sinto-me quente, muito quente, e tento culpar os quase dois meses sem sexo por todo esse tesão que me aflige.

Mesmo não sendo de fato a verdade.

A lembrança daquelas mãos fortes acerta-me em cheio, bem como dos braços tatuados que facilmente me pegariam no colo. E aquele cabelo? Ah, aquele espesso cabelo castanho deve deixá-lo uma perdição quando molhado. Como eu gostaria de mergulhar os dedos entre as mechas e apertá-las enquanto ele estivesse me chu...

— Banho! Eu preciso de um banho. — exclamou, levantando de supetão.

Pego o celular dentro da bolsa e vou em direção ao espaçoso banheiro do quarto.

Abro as torneiras para encher a banheira e jogo as únicas peças que ainda vestia sobre a tampa do vaso. O cigarro vai parar no cinzeiro amassado após

o último trago e despejo alguns saís de lavanda antes de entrar. Seleciono minha playlist favorita e deixo o celular de lado, sentindo o corpo relaxar aos poucos com o toque da água.

Recosto na borda da banheira e fecho os olhos para espairecer. De repente, os primeiros acordes de *"I'm Into You"* de Chet Faker soam e tudo fica mais quente do que já estava. A tentativa de espairecer mais uma vez não funciona, pois, a minha mente teima em vagar junto com a melodia e, antes que me dê conta, minha mão já desliza por entre as minhas pernas. Maldito modo aleatório!

Oh, merda, o que estou fazendo?

Bem, não quero pensar muito nisso. Não quando a excitação cresce desgovernada. *Se não posso tê-lo, que ao menos o tenha como uma fantasia.*

"Eu tenho um pressentimento que nós vamos ganhar

Nossos corpos tornam tudo perfeito

E seus olhos podem me fazer nadar

Então, de novo tudo parece novo

Eu mal posso segurar minha língua

Para dizer o mínimo, eu estou na sua

E seus olhos

*Estão dizendo mais do que podemos falar e estão mais quentes que o nosso
esporte no quarto*

E suas coxas são beijos de fora, garota isso é tudo que eu preciso"

Toco-me, acariciando e desbravando através de minhas dobras. Um arrepio prazeroso rasga a minha espinha de cima a baixo e um gemido preenche o

banheiro quando empurro o primeiro dedo para dentro do meu centro escorregadio.

Enquanto a mão direita trabalha em baixo, a esquerda desliza por toda a extensão da minha barriga até chegar a um dos seios, onde capturo o mamilo intumescido com os dedos e aperto. Outro gemido, mais forte, me escapou. Abro mais as pernas, tomando cuidado para não escorregar dentro da banheira e presenteio meu corpo com intensas e deliciosas sensações.

As batidas envolventes de Chet Faker e minha imaginação se unem para dar-me um maravilhoso orgasmo. Ofegante, descanso a cabeça na borda e curto os espasmos de prazer que ainda correm por todo o meu corpo. Claro que a fantasia nem se compara a realidade, mas é tudo o que tenho e me permitirei ter.

Minutos depois, enrolada com o roupão felpudo do hotel e os cabelos ainda úmidos, jogo-me na enorme cama de casal e ligo a televisão. Meu plano para essa noite é visitar a tão falada Fondamenta Delle Zattere, uma doca que reúne os melhores bares e restaurantes, sendo o local mais procurado por quem deseja experimentar a agitação noturna de Veneza.

Como tudo o que fiz foi praticamente hibernar desde que cheguei, quero aproveitar para conhecer as atrações e, de quebra, tirar um certo alguém que ocupou os meus pensamentos a tarde inteira - e deu-me, não apenas um, mas dois orgasmos fantásticos no banho.

Perto das nove, decido sair. Devido ao outono, as noites na cidade estão mais frias do que o costume. Por isso coloco botas de salto que combinam com a jaqueta de couro e uma calça jeans apertada nos pontos certos. Nada muito glamoroso, mas não menos atrativo. Além de ser confortável.

Com as mãos nos bolsos, atravesso a ponte e pego a direção indicada no Google Maps. A caminhada dura alguns minutos. A Fondamenta Delle Zattere está lotada e as entradas rústicas dos bares, apesar de estreitas, são bastante convidativas.

Perambulo um pouco ao longo da doca, observando, e resolvo entrar em uma pequena porta vermelha com entalhes ao redor do batente. Não tem placa.

Aprendi no pouco tempo em que estou na cidade que a maioria dos estabelecimentos não possuem identificação, o que às vezes dificulta as coisas. Mas o nome não importa muito. Não quando vejo que o interior é magnífico e acolhedor.

Sentou-me diante do balcão de madeira bem trabalhado e peço uma cerveja. Percebo que o *bartender*, muito interessante por sinal, encara meus cabelos ao entregar a garrafa. Ele abre um sorriso e pisca antes de se afastar para atender os demais clientes. Sorriu e dou um gole na bebida. Conheço bem esse tipo de atitude e sei onde podemos parar no final da noite se investir no flerte.

O tal *bartender* tem sua beleza. Cabelos escuros e olhos verdes iguais aos meus. Aparenta ser mais novo, mas enquanto estiver na faixa dentro da lei, isso não será um problema. Bom, não para o que pretendo fazer com ele na cama.

Pensando nisso, aprecio a bebida e a música que toca de fundo. Um rock progressista dos anos 80. Estou contente com esse momento e com as várias possibilidades que podem surgir, tanto que não poupo trocar olhares com o *bartender* e até engato uma conversa enquanto ele está na pausa.

Estou rindo de um comentário do rapaz quando o sino sobre a porta soa, indicando que alguém entrou. Meus olhos voam até a entrada por reflexo e o meu sorriso murcha quase que de imediato. Fico estática na banquetta, deixando o pobre bartender falando sozinho.

Sério? Sério mesmo?

Vestido com uma blusa de mangas compridas, que estão dobradas até a altura dos cotovelos e evidenciando as tatuagens nos antebraços; jeans escuros e botas, o fotógrafo entra no bar exalando aquela aura que me arrebatou na praça mais cedo. Meço-o de cima à baixo, sorvendo cada centímetro.

O cara é ainda mais impactante de perto.

Antes que eu possa desviar, os olhos dele encontram os meus. Orbes castanhos, assim como os cabelos, porém mais escuros. Entreolhamo-nos por

um longo instante.

Engulo custosamente o gole que dei na cerveja e viro a cabeça para frente, tentando ser despercebida. Torço para que esteja acompanhado ou vá encontrar alguém, e passe direto para as mesas no fundo do bar. Embora aquela troca intensa de olhares tenha deixado muito claro que a minha vontade era outra.

Mas óbvio que o universo não estaria a meu favor.

Pelo canto dos olhos, observo a aproximação do moreno e, para o meu total espanto, sentar bem ao meu lado no balcão. "*Droga! Droga! Tanto lugar para sentar e ele senta justamente aqui?*", penso. Parece que tem uma placa luminosa sobre a minha cabeça piscando "*Me nota! Me nota!*".

Ok, tudo bem. Tudo bem, tudo bem. Posso lidar com isso.

Respiro fundo. Péssima ideia. Além de lindo, o cara é cheiroso.

Teria ele algum defeito? Ah, sim. O pior de todos para compensar.

Eu só queria estar enxergando esse defeito ao invés de todas as qualidades.

Espiando novamente, vejo quando o *bartender* com quem conversava e deu o flerte como encerrado por conta própria, entrega duas garrafas de cerveja.

Pois bem, ótimo!

O tal fotógrafo está acompanhado e só parou aqui para pegar as bebidas. Logo se levantará e pronto. Não há motivos para entrar em parafuso.

Suspiro aliviada e bebo o último gole da cerveja. Se esse homem ficar mais alguns minutos ao meu lado, não sei do que seria capaz. Por isso estou torcendo para que ele saia rápido e leve o seu corpo tentador para longe.

Só o que eu não contava era que a segunda garrafa fosse parar bem na minha frente, empurrada pela mão dele. Atordoada, encaro-o pela segunda vez desde que entrou no bar e ganho aquele sorriso encantador, o mesmo que admirei na Piazza San Marco e mexeu com meus neurônios e hormônios pelo resto do dia.

— O que é isso? — pergunto.

— Você não era a única observando essa tarde. — responde ele em inglês, erguendo o canto da boca em um pequeno sorriso sedutor — A propósito, é para você.

Olho, olho e olho. Ele também me observou durante a tarde?

Um sorriso irônico se espalha em meu rosto.

Aí, aí... O universo não poderia ser mais engraçado.

Entregar-me a tentação do fotógrafo estava longe de ser o mais sensato. Porém, talvez esse encontro seja a essência para novas perspectivas. Talvez abrir uma pequena exceção não seja tão ruim assim. Afinal, de que adianta prosseguir com essa batalha interna se tudo indica que o resultado será o mesmo?

— Bem, obrigada então. — respondo.

— Sou Christopher, muito prazer. — estende a mão — E você?

Envolvo a minha mão a dele, num aperto cheio de promessas, e respondo:

— Rebecca.

Capítulo 05

CHRISTOPHER

Acordar cedo nunca foi o meu forte. Eu odeio! Porém, quando se trata de trabalho, não meço esforços para superar a preguiça matinal. O mesmo acontece essa manhã. O ensaio fotógrafo na Piazza San Marco está marcado para às oito, o melhor horário já que a praça fica praticamente vazia pela falta de movimento.

Yoan bate na porta do meu quarto exatamente às 6:30hs. Apesar do sono e de estar me arrastando, deixo que entre e sou agraciado com uma carranca. Ele está de péssimo humor. Eu não sou o único que odeia acordar cedo.

— Vá tomar um banho. O café da manhã será servido daqui a pouco e nós temos que estar na Piazza San Marco até às sete e meia. — ele diz, mais irritado que o normal.

— Já tomou o seu? — pergunto, caminhando para pegar uma muda de roupa limpa na mochila.

— Foi a primeira coisa que eu fiz assim que acordei. Caso contrário, certeza de que eu nem estaria aqui.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia sair para beber aquelas doses ontem à noite.

— Você acha? — ironiza — Sinto que eu preciso de litros de café para despertar.

— Seu senso de humor pela manhã é fascinante. — solto uma risada preguiçosa e jogo a toalha sobre o ombro — Sorte da pessoa que acordar ao seu lado todos os dias.

— Como se a pessoa que acorda ao seu lado fosse muito feliz, né?!

— Nunca tive reclamações. Até porque, eu faço muito bem o meu trabalho à noite para que ela acorde de bom humor todos os dias. Chega a ser radiante.

Meu amigo revira os olhos e despenca sobre a minha cama. Tenho quase certeza de que o encontrarei cochilando quando sair do banheiro.

Minutos depois, vestido e mais desperto graças ao banho, desço junto com o meu amigo para o café da manhã. Giuseppe, o senhor que nos recebeu, dá bom dia e indica a mesa repleta dos mais variados tipos de alimentos: frutas frescas, pães doces, dois tipos de bolo, *fette biscottate* (acho que isso), iogurte caseiro.

A mesa está coberta de delícias.

Meus olhos cintilam. Quem me conhece, sabe que uma das minhas maiores paixões é comer. Comer muito. Não é raro me flagrar mastigando alguma coisa em qualquer hora do dia ou da noite.

Antes que alguém presente na sala possa piscar, já estou sentado e colocando um pedaço enorme de bolo no prato. Essa viagem provavelmente me custará uns quilos à mais para queimar na academia, principalmente se todas as refeições forem igualmente fartas. Não que ele esteja reclamando, longe disso.

Estou é bastante feliz.

Fartamo-nos com a deliciosa comida do hotel. Assim que terminamos e de eu tentar elogiar os proprietários com meu italiano chulo, pegamos os nossos materiais e partimos rumo ao lugar marcado para encontrar o restante da equipe. Para a minha sorte, não é necessário pegar o tal *vaporetto*. Vamos caminhando enquanto conversamos sobre alguns detalhes do trabalho e, vez ou outra, Yoan aponta para lugares que seria interessante visitarmos depois.

A Piazza está praticamente vazia. Algumas pessoas transitam nos arredores, mas nada que interfira no ensaio. Nós cumprimentamos os demais assim que chegamos. Técnicos de iluminação, maquiadores, cabeleireiros e as modelos. Sendo uma delas a ruiva com quem troco olhares nada discretos e puritanos.

Tendo a posição de chefe, Yoan dá as instruções para a equipe técnica enquanto as modelos são preparadas em uma pequena tenda instalada na praça. O ensaio consiste em catálogos para a semana de moda de Milão, um dos eventos mais importantes do ano para o ramo.

O estúdio em que meu amigo trabalha é conhecido por seu envolvimento no mundo da moda, e diversas marcas e estilistas procuram os serviços do estúdio para compor o design gráfico de suas coleções.

Ajusto a lente da câmera e distribuo as outras sobre uma mesa comprida que montaram para facilitar a nossa vida. Ligo o sistema no laptop para direcionar as fotos e sento-me em uma mureta para esperar. Não demora muito para que Yoan se junte a mim e as modelos apareçam prontas para fotografar.

A ruiva lança uma piscadela ao passar com as demais e eu sorrio.

Entre trocas de figurinos, cenários e milhares de click's, o ensaio se estende por toda a manhã. Alguns curiosos param para observar conforme o movimento na praça cresce, mas nada que atrapalhe o andamento do trabalho.

Decidimos fazer uma pausa para o almoço perto do meio dia e vamos todos para uma cantina nas proximidades. A dona do lugar acomoda-nos em uma mesa enorme e atende com entusiasmo. A modelo ruiva senta na cadeira ao meu lado e eu não posso dizer estar surpreso com isso. Dou-lhe um sorriso simpático, apesar de estar mais interessado no cheiro delicioso que vem da cozinha no fundo do restaurante. Levando em consideração a fome descomunal que sinto, a comida é prioridade.

Entretanto, logo começamos uma conversa. A modelo se apresenta como Vivienne. É francesa e está no ramo há quatro anos. Como imaginei, é mais nova. Tem 22 anos. Não é uma diferença gritante para os meus 27.

Voltamos ao ensaio após uma hora e damos seguimento dentro do Museu Correr; Yoan dispensa a equipe um pouco antes das cinco, inclusive eu.

— Eu tenho algumas burocracias para resolver, mas será rápido. Você pode esperar aqui? — pergunta o loiro, ajustando a bolsa da câmera no ombro.

— Fique tranquilo, eu espero. Vou aproveitar para tirar umas fotos.

— Beleza. Eu volto logo.

Uma vez sozinho, olhou ao redor, sentindo-me novamente maravilhado. Agora a praça está lotada, bem diferente de quando chegamos pela manhã.

Dou alguns passos e ergo a câmera para testar o ponto de luz. Embora não esteja muito tarde, a iluminação já começou a mudar e preciso da melhor possível para fotografar. Fazendo algumas tomadas como teste, primeiro da Basílica e depois do museu onde estava, viro-me em direção ao Café Florian.

E então eu a vejo.

Sorrindo graciosamente, ela observa algo. Os cabelos possuem um inusitado tom de rosa e estão amarrados num sexy rabo de cavalo, mostrando seu longo e delicado pescoço. A cor combina tão bem com a doçura de seu sorriso. Mesmo que, lá no fundo, eu tenha a sensação de que o semblante suave e o cabelo claro escondam um lado selvagem, e que fiquei com vontade de provar desde que pousei os olhos nela.

Eu a quero.

Sem pensar duas vezes, ergo novamente a câmera e tiro uma foto dela. Porém, não é o bastante. Desejo ser notado da mesma maneira que a notei e não somente guardar sua foto num arquivo do laptop. Eu quero mais. Quero aquela linda mulher dos cabelos rosados sentindo a mesma atração súbita que senti por ela.

Por que? Bem, eu não faço a mínima ideia.

Tudo o que ronda a minha cabeça nesse instante são imagens eróticas de nós dois na cama do quarto de hotel e a minha mão enredada nos fios de cor rosa enquanto a pego com força por trás. Enquanto gememos em puro deleite.

"Vai com calma, Christopher!", repreendo a si mesmo ao perceber o jeans ficar mais apertado do que deveria ser. Não tenho como lidar com uma ereção em meio a tanta gente.

Disfarçadamente, mas com um objetivo em mente, embrenho-me na multidão e caminho até o ponto onde presumo estar a linha de visão dela. Espreito de soslaio e coloco-me rente à mesa que está no Café Florian.

Parece uma atitude tão adolescente. Quero dizer, geralmente eu apenas me aproximaria e tentaria engatar uma conversa, como qualquer adulto faria. Como eu mesmo sempre faço e nunca falha. Contudo, sem saber ao certo se ela está acompanhada ou não, e, estranhamente, desejando que ambos nos reconheçamos antes de dar o próximo passo, decido que tentar algo menos evasivo é a melhor opção.

Fingindo estar apreciando a paisagem e preparando-me para fotografar, noto que estou sendo observado. Sorrio largo. Consegui atrair a atenção dela.

Não posso dizer ao certo, mas tenho a impressão de que os olhos dela são claros, pois parecem reluzir com a luz do Sol. Por trás da fachada que criei, vislumbrou-a uns minutos, esperando o momento para fazer o meu movimento.

Porém, antes que eu seja capaz de dar o primeiro passo, espanto-me ao vê-la levantar depressa e simplesmente sair em disparada para bem longe. Porra!

Penso em ir atrás dela, porém, uma mão impede. Olho por cima do ombro e vejo Yoan. Meus olhos movem-se outra vez para a direção em que ela foi, só que a multidão encobriu qualquer rastro. Soltou um suspiro resignado.

Não tenho mais o que fazer.

— Aconteceu alguma coisa? — ele pergunta, olhando para mesma direção que tanto encaro. Acho que ele pensa que fui roubado, pois busca o meu equipamento e respira aliviado ao ver que a câmera está em minhas mãos.

— Ah, não. Não aconteceu nada. — sacudo a cabeça e solto outro suspiro. Enfim, olho para ele — E então, terminou? Podemos voltar para o hotel?

— Sim, vamos voltar. E descansar porque temos planos essa noite.

Levanto uma sobrancelha, intrigado.

— Temos, é?! Não era você quem estava reclamando de manhã porque fomos beber ontem? Se bem que você reclamar não é uma novidade.

— Pare de bancar o babaca e me escute.

Ergo as mãos em rendição e sigo Yoan que começa a andar.

— Mais do que resolver problemas, eu fui marcar o nosso encontro.

— Como assim?

— Duas das modelos querem sair conosco hoje à noite. Aquela ruiva que trocou olhares com você e nem se preocupou em disfarçar. E a loirinha mais baixa.

Vivienne é exuberante. O seu corpo de modelo é esguio e milimetricamente desenhado para as passarelas e revistas. Temos quase a mesma altura, sendo apenas uns centímetros mais baixa. Algo rolou entre nós pela manhã e também no almoço, e não tenho como negar que gostei da reciprocidade.

No entanto, a mulher dos cabelos rosados dominou a minha cabeça. Aquele olhar enigmático e cobiçador, a postura sensual e a forma como desejou-me estão latentes em minhas terminações. Oh merda! Por que ela teve que partir?

— O que acha? — meu amigo insiste.

— Por mim, tudo bem.

O loiro imita o meu gesto anterior ao levantar uma sobrancelha também.

— Você não parece muito animado.

Ainda busco ao redor quando respondo:

— Impressão sua.

Quando olho para Yoan novamente, reparo que me estuda. No entanto, segundos depois, dá de ombros. Eu costumo perder o foco muito facilmente às vezes. Então estar aéreo não é muito anormal. Ele deve ter deduzido isso.

Porém, ao longo da tarde e até o anoitecer, permaneço perdido em

pensamentos. Uma coisa é distrair-se, outra é mergulhar no mundo da Lua e não voltar mais.

O loiro entra no meu quarto, pronto para sair, e encontra-me também arrumado. Contudo, igualmente perdido. Yoan bufa. Não preciso ser um gênio para entender que vai arrancar a verdade de mim nem que seja sob tortura. O que, para ele, não seria muito difícil com as ferramentas certas e a sua disposição a me fazer abrir o bico para despejar tudo.

— É sério, Chris, o que você tem? Está estranho desde que voltamos.

Solto um suspiro profundo e caio contra o encosto da poltrona. Devo falar?

Ah, céus, ficarei louco se não contar. Então confesso:

— Eu conheci uma mulher.

— O que?

— Na verdade, eu vi uma mulher. E agora ela não sai da droga da minha cabeça.

— Foi por isso que você demorou no banho? — debocha e olho-o atravessado — Ela deveria ser maravilhosa para dominar a sua cabeça.

— Com certeza.

— Mas, e aí?

— "E aí" nada. Ela simplesmente foi embora antes que eu pudesse fazer qualquer coisa.

— Bom, aí está. Se não rolou nada, esqueça e vamos sair. Tem uma modelo super gostosa esperando por você e disposta a terminar o encontro só amanhã.

Fuzilo-o com o olhar. Mas, mesmo a contragosto, concordo.

Como disse o meu amigo, o melhor é esquecer.

Caminhamos rumo a Fondamenta Delle Zattere para encontrar as modelos

que fotografamos pela manhã: Vivienne e Alice. Novamente, agradeço aos céus por não precisar embarcar no *vaporetto*, ainda que, inevitavelmente, terei que fazê-lo uma hora ou outra. Contudo, enquanto eu puder retardar, farei.

Vivienne e Alice batem papo do outro lado da ponte. As duas sorriem quando nos aproximamos. A ruiva beija o canto dos meus lábios ao cumprimentar-me, deixando óbvias as suas intenções e fazendo-me sorrir. A noite promete.

— O que gostariam de fazer? — indaga Alice, enlaçando o braço do meu amigo.

— Não sei. Jantar?

— Ah, sim. Estou faminta! — responde Vivienne, lançando-me um olhar.

Eu não sou idiota para não reparar o duplo sentido da frase.

Após jantarmos em um agradável restaurante que encontramos por acaso, resolvemos beber alguns drinks num quiosque com uma bela vista na beira da doca. Estou conversando animadamente com Vivienne, esperando o outro casal voltar com as bebidas, quando pego de relance o balançar de fios rosados.

Viro a cabeça tão rápido que poderia facilmente tê-la girado em 360 graus igualzinho a garota do Exorcista, mas não encontro nada além de pessoas desconhecidas. Estaria delirando?

— Tudo bem, Christopher? — pergunta Vivienne.

— Sim.

A ruiva olha na direção que tanto encaro.

— Tem certeza? — insiste.

Balanço a cabeça e respiro agradecido com a volta de Yoan e Alice, que me poupa de explicações. Honestamente, está começando a ficar ridículo.

Pegando o copo de *cosmopolitan*, recosto ao lado de Vivienne na cerca de

segurança e tento dar aos seus pensamentos outro rumo.

Entretanto, como se uma força superior estivesse brincando comigo, noto novamente o balançar do que parece um cabelo rosado ao longe e não há dúvidas. Eu vi! Tenho certeza de que vi.

Meu primeiro impulso é querer correr até ela, mas estanco no lugar ao rever minha situação. Merda, como farei para sair daqui? E sem levantar suspeitas?

As engrenagens dentro da minha cabeça trabalham incessantemente durante longos minutos. A vontade de vê-la pulsa tanto em minhas veias, que simplesmente não aguento mais.

— Com licença. — peço, afastando-me.

À passos rápidos e sob o protesto do meu amigo e minha acompanhante, atravesso a viela e paro diante de uma porta vermelha com entalhes ao redor do batente. Observo através do vidro e espanto-me ao encontrar justamente a mulher que estive azucrinando a minha mente ao longo de toda a tarde.

Sentada diante do balcão e sorrindo para o *bartender* que diz qualquer coisa inútil, ela está absurdamente linda com botas de cano alto e jaqueta de couro. O cabelo rosa solto sobre os ombros. Sou incapaz de não suspirar.

Qual é a probabilidade desse reencontro acontecer? Bom, independente de qual seja, estou agradecido de que tenha acontecido.

Dando outro passo, abro a porta e o pequeno sino soa. A atenção dela recai sobre mim ao entrar e o sorriso desaparece de imediato, denotando a sua surpresa (quero acreditar que foi isso ao invés de qualquer outro sentimento). Nós nos entreolhamos intensamente. Contudo, ela trata de desviar e fingir que uma repentina e poderosa faísca não surgiu com tal ato.

Afinal, por que ela estava fugindo? Se está ou não, eu não cometerei o mesmo erro de novo. A abordagem suave foi descartada dos meus planos. Serei quem sempre fui, o descarado e cheio de atitude Christopher Hayes.

Como quem não quer nada, sento-me na banquetta ao lado e sou instantaneamente arrebatado pelo aroma doce que parece vir de sua pele.

Inspirou profundamente e sinto uma fisgada dentro da calça.

Peço uma cerveja ao *bartender* que há minutos atrás flertava com ela e de quem gostaria de arrancar alguns dentes por cobiçá-la, porém, peço mais uma ao notar que a dela está quase no fim. Esse será o "pontapé" para iniciar uma conversa.

Ela se mantém calada, dando atenção para a garrafa em suas mãos como se do gargalo fosse sair todas as respostas do universo. Reprimo uma risada. É engraçado como tenta me ignorar, mesmo ciente do anseio estampado no rosto.

Existe algo entre nós dois. Uma atração crua e palpável. A faísca que só precisa ser atizada e que levará a uma explosão de gemidos e orgasmos.

Eu pretendo atiçá-la.

Assim que ela toma o último gole da cerveja, encontro a oportunidade perfeita. Sem dizer uma palavra, empurro a segunda garrafa que pedi em direção as suas mãos, esperando que a atitude dê certo. E, para a minha sorte, dá.

"Os olhos dela são verdes, então", reconheço admirado ao tê-la encarando-me. Acertei ao presumir que fossem claros. Porém, não imaginei que fossem tão lindos. Esse par de jades cintilantes aquecem mais partes do meu corpo do que o permitido. Deve ser sensacional encará-los de cima. Algo que amo fazer durante o sexo, mas que apenas uma pessoa compartilha comigo atualmente.

— O que é isso? — pergunta ela.

— Você não era a única observando essa tarde. — respondo em inglês, erguendo o canto da boca em um sorriso — A propósito, é para você.

— Bem, obrigada então.

A brecha que tanto esperei aparece. Estendo a mão para cumprimentá-la.

— Sou Christopher, muito prazer. E você?

Dedos graciosos e uma palma suave encaixam-se em minha mão. Mas sinto pequenos calos nas pontas roçarem em minha pele.

Será musicista? Bom, aparenta tocar algum instrumento por conta da pequena aspereza nos topos dos dedos.

Colocando uma mecha do cabelo rosa atrás da orelha, ela responde:

— Rebecca.

Rebecca? *"Hum... Um lindo nome para uma linda mulher"*. Mas eu não serei louco de dizer essa frase ridiculamente clichê em voz alta.

Pensar tudo bem, poupa a minha dignidade.

Há um minuto de silêncio entre nós. De fundo, "Anna Molly" da banda Incubus começa a tocar e não posso deixar de sorrir ao olhar para Rebecca e perceber como a letra combina coincidentemente com o nosso encontro em Veneza.

Eu gosto dessa música e nesse instante passei a gostar ainda mais.

*"Uma nuvem paira
É uma cidade costeira
Eu vejo os navios passando e imagino
se ela poderia estar
Lá fora e sóbria
Como uma fonte para a solidão
Por favor, persista, garota
Está na hora de nos encontrarmos e
fazermos uma bagunça."*

Oh, sim. Eu planejo fazer uma grande bagunça com essa mulher, se ela também desejar. Uma bagunça suada e fervente que nos levará a loucura, e fará até o tal senhor Giuseppe tampar os ouvidos.

Pensando de maneira presunçosa, quem sabe o hotel inteiro.

Observo Rebecca dar um gole na cerveja e acabo por fazer o mesmo. Meu coração bate ansioso, o que é um pouco estranho se comparado as outras vezes em que flertei, mas acredito que seja por causa do reencontro.

— Você é musicista? — pergunto, puxando assunto. Como ela não responde, somente encaro-a com as sobrancelhas franzidas e prossigo — Senti pequenos calos nas pontas dos seus dedos. Geralmente eles aparecem quando você toca algum instrumento. De cordas, principalmente.

Ela demora uns segundos até soltar:

— Algo assim. E você, o que faz?

— Sou fotógrafo.

— Então, está na cidade a trabalho ou...

— A trabalho. Você também?

— Não. Apenas passeando.

Assinto, bebendo outro gole. Quero perguntar se veio acompanhada ou sozinha, pois ainda não faço ideia sobre tal. No entanto, prefiro controlar a curiosidade. Se ela não me dispensou ainda significa que está sozinha ou simplesmente não se importa caso tenha alguém. Ou talvez seja como eu.

Além disso, não é do meu feitio dar uma de desesperado. Posso esperar.

— O que está achando de Veneza?

— Oh, é uma cidade encantadora. — responde animada — É a minha primeira vez aqui.

— SÉrio? É a minha também! E não pense que estou dizendo isso só para termos coisas em comum. Apesar de eu querer saber se temos ou não.

Rebecca solta uma gargalhada e eu adorei ouvi-la.

— Pois bem, vejamos. Diga-me do que você gosta. Um hobby ou...

— Gosto de ler. — respondo.

— Ponto positivo, senhor fotógrafo. — pisca — Também amo ler.

Rebecca sorri alheia, como se risse da própria constatação mental. Fico tentado a saber de seus pensamentos, mas não creio que seja da minha conta.

A conversa flui por minutos a fio. Outras garrafas logo enfeitam o balcão e já não há mais tensão. Nós rimos com naturalidade e nos entreolhamos mais.

Em dado momento, puxo-a para a estreita pista perto das mesas. Dançar não também não é o meu forte, mas ela se move com tanta desenvoltura e liberdade, que não dou importância e simplesmente continuo na pista para observá-la balançar os quadris de forma quase hipnótica.

O mundo lá fora não interessa mais, nem mesmo o sentimento de culpa que me incomodou por largar Vivienne sem explicações na doca. Eu fui completamente conquistado pela mulher de cabelos rosados que brinca com a minha imaginação rebolando sensualmente ao som de Fate No More.

Quando chegar a hora - e essa hora com certeza chega -, farei com que ela deslize no meu colo do mesmo jeito que faz nessa porcaria de pista.

Sentamos novamente diante do balcão, resgatamos as garrafas esquecidas e brindamos antes de beber. Jogando a franja de fios castanhos para trás e lembrando da linda foto que tirara na Piazza e que desejava mostrar, indago:

— A propósito, esqueci de perguntar uma coisa.

— O que?

— Você gosta de fotografia?

— Para ser sincera, não muito.

Tal resposta me surpreende.

— Posso saber o porquê?

O rosto de Rebecca cai e percebo que pisei num terreno proibido.

— Fotografias são tristes. Elas guardam imagens de momentos que nunca irão voltar... E pessoas também. Elas nos lembram constantemente do que perdemos.

Encaro-a, um tanto desconcertado. O que foi isso?

Tirar fotos é a minha vida e jamais vi o lado ruim disso. Na realidade, sempre considereei a fotografia um meio de eternizar os bons momentos, as pessoas amadas e lugares incríveis. Tantas e tantas coisas. A saudade existe, claro, mas são as fotografias que nos lembram do quanto fomos felizes e não o contrário.

Decidido a não deixar que o clima bom se esvaia, eu digo:

— Uma pena. — dou de ombros, fingindo desinteresse — Por que eu tirei uma linda de você hoje.

Ela arregalou os já imensos e lindos olhos verdes.

Noto uma singela chama de curiosidade brilhar em seu rosto e sorriso. Talvez eu seja o responsável por fazê-la esquecer essa concepção tão melancólica sobre algo tão bonito e especial. Por devolver o sorriso lindo que se desfez.

— Você que ver? — instigo-a.

— Quero.

— Pois bem. Há somente um problema.

— E qual seria?

— Ela está na minha câmera, no meu quarto de hotel.

Sei que estou apressando as coisas e posso me dar mal, mas também estou agitado demais para cogitar as possibilidades. Controlei-me por horas e atingi o limite. "*Tudo ou nada!*", soa como um mantra dentro da minha cabeça.

Tomado pela vontade de me aproximar e sentir mais dela, enrolo o dedo em uma mecha rosa e levo até perto do nariz. Seus cabelos têm um aroma gostoso, algo que lembra chiclete de *tutti-frutti*, fazendo-a parecer um doce saboroso e que desejo mais do que tudo ter na boca para chupar, morder e... Porra!

— E então, *Sweetie*, o que me diz? — sussurro, sentindo-a arrepiar.

Ela sorriu com o apelido. *Sweetie* parece combinar muito bem consigo e por muitos motivos, especialmente pelo cabelo. Eu sou mesmo descarado, dane-se!

— Você é bastante autoconfiante, não é, senhor fotógrafo?

— Talvez um pouco mais do que a maioria. — volto a cheirar a mecha enrolada em meus dedos, embriagando-me — Talvez o suficiente para dizer que a desejo desde que coloquei os meus olhos em você essa tarde.

Reparo que estremece diante de minhas palavras, assim como da minha respiração próxima a sua garganta, enviando arrepios por todo o seu corpo.

Rebecca vira a cabeça e nossos lábios ficam perigosamente próximos. Tanto ela quanto eu ofegamos com tamanha proximidade.

— O que acha que devo responder? — indaga, desafiando-me com suas jades.

— Seja qual for a sua resposta, eu vou respeitar. Mas admito que um 'sim' me deixaria bem feliz. — murmuro — E eu posso fazê-la muito feliz também.

Ela hesita um segundo. Um mísero segundo. Pois no outro está pressionando sua boca na minha, que ofego surpreso e excitado. É um beijo curto, apenas um colar de lábios, mas o bastante para que fagulhas de tesão cresçam e se espalhem em mim. Nem sob tortura negaria a atração que nos envolve.

Somos adultos e sabemos perfeitamente o que vai acontecer, o que desejamos.

— Isso foi um sim?

— Isso foi um.... Eu também o quero desde que coloquei os meus olhos em você.

Mordo o lábio inferior e viro uma golada de cerveja em minha garganta seca. Meu pênis dá uma fígada dolorosa e a pressão quase rasga os meus jeans.

— Vamos lá, senhor fotógrafo. Deixe-me ver as suas fotos e... Um pouco mais.

Eu praticamente empurro a banquetta ao levantar. Enfio a mão no bolso e bato uma nota de 50 euros sobre o balcão, o suficiente para pagar todas as bebidas e ainda sobrar uma gorjeta gorda para o bartender. Eu facilmente deixaria todo o meu dinheiro se necessário, tudo para sair o mais rápido possível daqui.

Ofereço a mão para Rebecca e ela aceita, dando-me certo alívio. Embora o verdadeiro alívio só virá de fato quando eu estiver enterrado nela até o fundo. E do jeito que ela me segura e caminha apressada para a saída, presumo que sinta o mesmo.

O vento frio acerta nós dois em cheio quando deixamos o bar e arrependo-me amargamente por não ter voltado para pegar a jaqueta esquecida sobre a cama. Bem, não parecia que esfriaria tanto àquela hora. Belo engano.

Tento controlar um arrepio, sem sucesso. No entanto, o arrepio maior que sinto é quando Rebecca coloca a jaqueta de couro que usava em seus ombros.

Espantado com a atitude, vislumbro-a.

— Você não sabia que uma mulher também pode oferecer a jaqueta para um homem que sente frio? — pisca e dá-me a mão outra vez.

Eu sorrio. Um sorriso genuinamente deslumbrado. A jaqueta mal cobre os meus ombros largos e não protege do frio. Contudo, mantenho-a ali,

agarrando firmemente as beiradas para que não caia e apreciando o cheiro dela no tecido.

Oh, certo. Eu admito. A quem eu quero enganar?

A realidade é que estou mais encantado do que gostaria de admitir.

Capítulo 06

ELLIOT

Como se um trator tivesse passado duas.... Não! Três vezes por cima do meu corpo, abro lentamente os olhos e arrependo-me no mesmo instante em que os raios da manhã encontram o meu rosto, forçando-me a cobri-lo com o braço. Minha cabeça lateja e aquele conhecido embrulho no estômago dá o ar da graça.

É oficial: estou de ressaca.

Vince e eu, mais uma vez, extrapolamos. Tanto na bebida quanto na pista de dança. Mas valeu a pena, e como valeu. A tal balada cumpriu com o que prometia, foi a noite mais animada que poderíamos ter. A nossa passagem por Munique entrará para a história, com certeza.

Ainda de olhos fechados, tateio o espaço ao meu lado na cama, procurando a morena com quem voltei para o hotel e que protagonizou cenas pra lá de picantes comigo na pista de dança.

Sempre foi proibido trazer pessoas de fora para o quarto e geralmente eu respeito – pelo menos – essa regra, indo para qualquer outro lugar próximo para depois retornar e, junto com Vince, fingir que nada aconteceu.

Só que desta vez às circunstâncias não colaboraram e eu não encontrei um quarto disponível nos hotéis ao redor. O que, consequentemente, me levou a recorrer ao quarto que estou dividindo com o meu amigo. Sorte que, pelo que lembro vagamente, Vi desapareceu com a mulher que trouxe a tiracolo na hora em que chegamos na entrada do Platzl Hotel.

Meus dedos encontram o cabelo macio dela e embrenham-se entre os fios.

Não lembro da sensação que foi segurá-los enquanto transávamos (bem como não se lembro de muita coisa da noite passada), mas, considerando o que sinto nesse momento, deve ter sido muito bom.

Mesmo com a cabeça protestando, mas querendo dar um beijo na garota e perguntar se ela gostaria de algo antes de ir embora, viro para observá-la. Meus olhos vagaram pelo comprimento de suas pernas até o quadril descoberto, e seria uma bela maneira de começar o dia, se uma bunda nua e claramente masculina não tivesse entrado no meu campo de visão.

Erguendo rapidamente o olhar, reparo que, ao invés de um cabelo castanho, minha mão agarra um cabelo escandalosamente vermelho. E somente uma pessoa tem esse tom berrante. Mas que porra é essa??

Dou um impulso tão forte para trás que, por um triz, não caio da cama. Olho debaixo do lençol e noto que uso apenas sua cueca.

Caralho! Caralho!

Sem qualquer cuidado, chuto a costela do amigo, que reclama desacordado, e então grito:

— Pelo amor de Deus, Vince! O que você está fazendo pelado na minha cama, porra?

O ruivo resmunga contra o travesseiro e, ao virar a cabeça, murmura:

— Dormindo.

O bafo de bebida me dá a dica: ele está completamente embriagado.

E nu.

Ao meu lado.

Na. Porcaria. Da. Cama!

Esfrego nervosamente as mãos no rosto. Como raios acabamos nessa situação? Tenho quase certeza de que entrei com a tal morena e que Vince também estava acompanhado. Então como?

Sem contar que estou apenas de cueca e somando isso a bebida, ao meu amigo pelado e a circunstância num geral, o único resultado que consigo chegar é exatamente o mais pavoroso de todos. Será? Será que nós...?

Assustado com o rumo dos meus pensamentos e sem fazer a mais vaga ideia do que aconteceu graças a amnésia causada pela droga da bebida, obrigo-me a sair da cama para lavar o rosto, talvez isso clareie a minha mente e eu possa reavivar ao menos alguma coisa do que fizemos na noite passada. Eu tenho que lembrar!

Ao resgatar a calça jogada no chão para vestir, sinto um cheiro estranho subir. Parece azedo, algo estragado. Porém, dou de ombros. Qualquer coisa cheira azedo com a ressaca que estou. Uma vez que termino de colocá-la, começo a caçar o celular para verificar o horário. No entanto, um barulho vindo do banheiro me faz parar no meio da busca.

"O que é isso? ", pensou, colocando-me na defensiva.

Dou um passo na direção da porta do banheiro e inclino um pouco o corpo tentando enxergar qualquer coisa, tomando outro susto ao perceber um vulto se movimentando dentro do cômodo.

Será a tal morena? Eu torço para que seja, pois, dessa forma estarei livre da incerteza de ter transado com o meu melhor amigo.

À passos cautelosos, aproximo-me mais da porta. E qual não é a minha surpresa ao encontrar, em vez da morena maravilhosa com que estive noite passada, o diretor da nossa companhia: Adam. E pela expressão em seu rosto, ele está longe de parecer feliz. Meu corpo enrijece.

Putá merda. Estou ferrado!

— Oh-oh! – escapa dos meus lábios.

— "Oh-oh" mesmo, Elliot Park. Embora isso não seja o que eu realmente quero dizer para vocês dois.

Fecho brevemente os olhos, querendo controlar a dor de cabeça e preparando-me mentalmente para a bronca que estou prestes a ouvir. E, dado

o cenário em que me encontro, será das bravas. Temo que meus ouvidos peguem fogo no final. Mas, bem, o que posso fazer? No fundo, eu sei que mereço.

Na verdade, nós dois merecemos. Mas Vince está apagado. Cretino!

Adam passa a mão entre os cabelos levemente grisalhos e solta o ar com força. Eu o conheço melhor do que ninguém e sei que não é um bom.

— Eu deveria proibir os dois de se apresentarem no festival. — ele censura, enfurecido, fazendo-me arregalar os olhos com a possibilidade — Mas vocês têm sorte de serem os dançarinos principais e não termos tempo para rearranjar o espetáculo.

Eu dou um resfôlego. Estar fora do festival depois de tanto trabalho duro seria uma verdadeira merda. Com certeza me sentiria péssimo; Adam olha em direção a cama, onde Vi continua "desmaiado", e suspira.

— O que deu na cabeça de vocês, afinal? — questiona — Fugir para curtir a noite no meio da semana de ensaios para um evento tão importante? O quão irresponsável vocês conseguem ser?

"Muito! ", quero responder, mas prefiro não piorar as coisas. Fico calado. A situação já está complicada o suficiente para eu tentar dar uma de engraçadinho.

Não ficarei nem um pouco surpreso se começarem a nos vigiar — o que obviamente vai acontecer. Dar adeus as escapadas noturnas será chato, mas eu prefiro mil vezes bancar o monge tibetano do que perder o meu posto na companhia.

Massageando as têmporas doloridas com as pontas dos dedos, respiro fundo e disse:

— Me desculpe. Sei que fomos irresponsáveis por ter saído. Nós erramos, admito.

— Antes fosse apenas isso.

Franzo as sobrancelhas. Como assim?

— Ah, do que você está falando? – indago, confuso.

— Claro que você não sabe. Chegou tão bêbado que não me admira que tenha esquecido tudo. – olha novamente para Vince – Aquele ser ali, eu não vou nem mencionar. Acho que ele não lembra nem de quem é.

Sentido que a ressaca moral se tornar maior do que a normal, caminho até a poltrona mais próxima e sento. Adam me segue. De frente um para o outro, o diretor volta a falar:

— Você realmente não lembra de nada?

— Só de algumas partes e, acredite, tem outras que eu quero muito lembrar porque as possibilidades estão me apavorando. Tipo a do porque o Vince está pelado na minha cama.

Pela primeira vez, o diretor sorri. Um sorriso que me dá calafrios. Eu não sou burro e muito menos cego para não ver que ele está cogitando seriamente em deixar que eu continue consumindo com a dúvida como forma de castigo.

Por um breve instante, temo que ele vá fazer exatamente isso. Vontade não falta, não tenho dúvidas. Mas, para a minha sorte (ou não), ele decide ser bonzinho ao menos dessa vez e não tarda em explicar:

— Vocês chegaram no hotel um pouco depois das seis. Eu tinha acabado de descer para tomar café da manhã. Encontrei os dois acompanhados de duas estrangeiras, tão bêbadas quanto. Eu desconfio do que pretendiam fazer, mas, convenhamos, nenhum dos quatro se aguentavam de pé.

Quero dar risada. É como dizem: *"seria cômico se não fosse trágico"*.

Adam prossegue:

— Vince que já é naturalmente escandaloso, estava fazendo um escarcéu na recepção e você ria sem parar enquanto.... Bem, agarrava a moça com quem estava. Os outros hóspedes e os funcionários, sem dúvidas, formaram uma ótima opinião sobre vocês.

— E como foi que... — aponto para a cama e depois para mim — Chegamos a isso?

— Em resumo: mandei as duas garotas para outro quarto e vocês de volta para cá. Pedi a uma funcionária para cuidar das nossas "visitantes" enquanto tratava de cuidar para que vocês não fizessem mais nenhuma besteira, como acordar os demais bailarinos. Vince vomitou nas próprias roupas assim que entramos e eu mandei que tirasse para dormir.

Concordo. Isso explica o cheiro de azedo ao redor das roupas largadas no chão.

— Você só reclamou de calor mesmo e também tirou suas roupas. No final, ambos caíram na mesma cama, no caso a sua, e apagaram. Eu até tentei arrastar ele para a cama do lado, mas foi impossível.

— Quer dizer que...

— Eu não sei o que estava pensando e nem quero saber, mas a resposta é não.

Um sopro de alívio enche os meus pulmões e permito-me relaxar, afundando na poltrona. Pelo menos essa besteira eu não cometi.

Mais leve ao saber exatamente o que fiz e que não ultrapassei a linha, digo:

— Obrigado por cuidar de nós. E mais uma vez desculpe. Não vai mais acontecer, pode ficar tranquilo.

— Mas é claro que não vai mais acontecer! Vou ficar de olho em vocês daqui pra frente. Podem dar adeus as noitadas.

Pois bem, como presumi, seremos vigiados. Vince terá um ataque quando acordar e descobrir tudo. E provavelmente começará a bolar milhares de planos para driblarmos essa vigilância depois de reclamar tudo o que tem (na verdade não) direito.

Depois de mais alguns minutos de sermão, Adam decidi me liberar para curar a ressaca, o que inclui me liberar do ensaio da tarde. Liberar Vince nem era uma opção e sim uma necessidade, e assim ele fica isento de aparecer no

teatro também. Tento protestar e dizer que posso ensaiar, mas considerando a dor de cabeça e o estômago que parece querer pular para fora, não há outro jeito a não ser aceitar, querendo ou não.

— Vocês perderam o café da manhã e o almoço está quase no final. Mas podem pedir o serviço de quarto. E peçam um remédio também.

— Tudo o que eu quero agora é dormir. Quem sabe mais tarde.

— Descansem. E diga ao Vince que terei uma conversa séria com ele...

— Pode deixar.

Logo que o diretor sai do quarto, solto um suspiro. Meus ouvidos não estão pegando fogo, o que é bom, já que a minha cabeça está a ponto de explodir; penso em tomar um banho, porém, a ressaca e o sono forçam-me a rastejar de volta para a cama.

Chuto o meu amigo mais uma vez antes de desabar e dormir.

Acordo sendo sacudido e com uma voz ecoando em meus ouvidos. Nem preciso abrir os olhos para saber quem é o barulhento no meu cangote.

— Eli! Elliot, nós estamos ferrados!

"Você não tem ideia", penso enquanto busco coragem para encarar o meu amigo. Assim que abro os olhos, deparo com um ruivo eufórico e ainda nu.

Qual é o problema desse cara com roupas, afinal?

Somos melhores amigos desde o colégio, mas não sou obrigado a olhar para aquele pinto flácido balançando de um lado para o outro.

Intimidade também tem limites.

— Você poderia colocar pelo menos uma calça? – resmungo, alcançando e jogando um travesseiro nele.

— Esqueça isso! – retruca, segurando o travesseiro em frente ao quadril –

Nós perdemos o ensaio.

— Não, não perdemos.

Sento e recosto na cabeceira da cama. Depois que Vi - por muita insistência - veste uma bermuda, começo a relatar tudo o que aconteceu desde a noite anterior e o que a escapada nos resultou.

Evidentemente que o ruivo fica "possesso", mas basta alguns minutos para dar início às suas mirabolantes ideias para escaparmos na próxima viagem, exatamente como imaginei. Típico dele. E saber que acertei em cheio me faz rir, além das idiotices que o meu amigo diz com convicção que darão muito certo - só que não.

— Você acha que elas ainda estão aqui no hotel? - ele pergunta, largado em cima da cama novamente.

— Mesmo que estejam, não vamos atrás delas. Você quer que o Adam coloque um segurança na nossa porta? E outra, eu não estou em condições nem de levantar, imagina transar.

— E quem disse que eu queria ir vê-las para isso?

Encaro-o, claramente descrente de sua intenção. Vince sorri.

— Ok, você tem razão. Eu só quero dormir até que esteja em condições de viver como um ser humano normal de novo.

— Normal você nunca vai ser.

O ruivo dá de ombros. Ele é normal a sua maneira, o que não necessariamente vale para as outras pessoas. Mas Vi não dá a mínima e quem gosta dele também não. Eu não dou a mínima.

Imersos na escuridão do quarto por conta da dor de cabeça e tendo um balde cada um como companheiro, passamos todo o dia trancados no hotel recuperando-nos da ressaca. Nós torcíamos para que as garotas estivessem bem e não se ressentissem pela falta daquilo que intuímos dar a noite toda e acabou nem rolando.

Perto da hora do jantar, Adam aparece no quarto e é a vez do meu amigo ganhar a sua dose de sermão. Porém, nem mesmo a ameaça do diretor é o suficiente para que o ruivo desista de seus planos de escapada.

Ele é mais cabeça-dura do que aparentava.

Eu apenas rio dos esquemas de Vince quando estamos novamente sozinhos. Não quero admitir e tento me fazer de disciplinado e responsável, mas estou tão ansioso quanto o meu amigo desmiolado para colocar cada um desses planos em ação. Afinal, nós crescemos apenas fisicamente, pois continuamos sendo os mesmos garotos do ensino médio de anos atrás.

Capítulo 07

YANNA

Afoita como em poucas vezes estive na vida, cruzo apressadamente a Ponte dell' Accademia, sobre o Grand Canale, de mãos dadas com Christopher.

Apesar de estarmos andando a alguns minutos, claramente perdidos, nenhum de nós dá importância para isso. É como se a demora fizesse parte das preliminares, o que torna tudo ainda mais excitante.

Sinto a palma dele quente contra a minha e uma inusitada expectativa tomar conta de mim. Depois de tantos encontros casuais ao longo dos últimos anos, é estranho voltar a ter esse tipo de sensação. O que, se por um lado me apavora, por outro também. Afinal, sensações como essa não deveriam fazer parte do meu repertório, especialmente quando o cara em questão é um fotógrafo, o que por si só já foi um grande problema desde o começo.

Mas, indo contra todos os sinais de alerta dentro da minha cabeça, tal sensação vibra forte em meu interior e cresce a cada segundo em que tomo consciência de nossas mãos unidas com tanta familiaridade e aconchego, do desejo descontrolado que parece amarrar-nos um ao outro.

Com o que me resta de bom senso, tento impor a mim mesma que não passa de tesão, da atração impetuosa e poderosa que curaremos somente quando estivermos nus e ofegantes na cama do quarto de hotel – e depois de boas horas também. Assim que tudo terminar e nós dois conseguirmos o que queremos, cada qual tomará o seu rumo e nunca mais ouviremos falar um do outro, não seremos mais do que uma aventura casual em nossas memórias. Para mim, no caso, memórias que serão escritas para milhares num futuro não tão distante.

Pensar dessa forma é o que me impulsiona a seguir em frente com a loucura na qual me meti ao abrir uma exceção para esse moreno maravilhoso e que, com seus olhos castanhos e sorriso galanteador, promete fazer cada uma das minhas incertezas valer muito a pena.

Como diz a minha mãe: *"se está na chuva, é para se molhar"*.

Então que eu termine encharcada.

Presa em meio as minhas divagações, sobressalto ao ser empurrada repentinamente contra uma parede de tijolos. Levanto a cabeça e sequer tenho tempo de assimilar o que acontece, pois Christopher me beija sem prévio aviso, levando não somente as divagações de antes como qualquer outra habilidade cerebral que não envolva apreciar sua boca deliciosa colada na minha.

Estamos em uma viela pouco movimentada, o que contribuí para que ninguém interrompa. Se eu pensava ser a única ansiosa, esse beijo me faz entender que os hormônios dele também se encontram a flor da pele.

Ele é excitantemente descarado e delicioso, mas também divertido e sensual demais para o seu próprio bem. Como raios eu poderia não abrir uma exceção?

— Eu sei que prometi mostrar a foto, mas, sendo sincero, acho que não estou em condições de esperar até chegarmos no meu hotel, *Sweetie*. — confessa ele, afundando o rosto no vão do meu pescoço e mordendo de leve a pele sensível da região — Seu pescoço é tão cheiroso, baby.

— Eu pensei que a foto era uma desculpa para me tirar do bar. Ela realmente existe? — sussurro de volta, apreciando o belo trabalho que seus lábios fazem.

Meu corpo treme com os toques e a respiração dele, o desejo é palpável em cada gesto.

— Até pode ter sido, mas eu realmente quero mostrá-la a você. Só que não é a minha prioridade agora, pode ter certeza. E sim, ela existe.

A mão dele vaga entre os fios rosados do meu cabelo e segura-os com certa

posse, de maneira que me deixa louca e sei que cobiçou desde que nos vimos pela primeira vez na praça. Com o rosto rente ao dele, noto como seus olhos castanhos parecem mais escuros, beirando a ferocidade.

Sinto-me como uma presa prestes a ser abatida.

— Vamos procurar um hotel aqui por perto? – ele sugere.

Percebo como luta contra a vontade de jogar tudo para o alto e me foder aqui na viela mesmo, correndo o risco de sermos presos. Ah, se ele soubesse que eu também estou quase cogitando seriamente essa possibilidade.

Teria motivo melhor para acabar na cadeia?

Não, nenhum motivo justifica uma passagem para a cadeia.

Tomada pela urgência de sentir esse homem e compartilhar da impaciência que tenha certeza de que fará a cama ranger, impulsiono o corpo para frente e giro, prendendo-o como a segundos estava presa. O moreno suspira, deixando-se submeter a minha dominância e correspondendo ao beijo que reivindico. Tanto as mãos dele quanto as minhas querem alcançar e apalpar mais do que podem devido as roupas incomodas que ainda usamos.

— Se não me engano, tem um hotel à três quadras daqui. – digo, ofegante – Vamos tentar? Se tudo der errado, talvez possamos apenas correr o risco de sermos presos transando em um beco. Sempre ouvi dizer que o perigo aumenta o tesão.

Christopher sorri, contente em saber que também estou disposta a quebrar algumas regras, e, pelo o que sinto pressionar na minha coxa, isso o deixou a ponto de bala. Sim, querido, eu posso surpreendê-lo ainda mais.

— Apesar de ser uma ideia tentadora, *Sweetie*, melhor irmos para um hotel.

Devolvendo-me a jaqueta que pendia em seus ombros desde que saímos do bar, ele me abraça de lado, pressionando um dos meus seios em suas costelas.

Percorremos as travessas a passos rápidos e paramos diante de um prédio não muito grande, onde podemos ver escrito acima da porta principal "*Casa de*

Uscoli". Pelo horário – duas da manhã – temíamos não ser atendidos, mas, por sorte, uma senhora perto dos quarenta aparece na recepção.

Ela nem se dá ao trabalho de esconder a expressão de desgosto ao atender e entender o que pretendemos fazer. No entanto, apesar do contragosto, entrega a chave de um dos quartos e desaparece na porta dos fundos atrás do balcão.

Entre o decoro e o lucro, não é necessário pensar muito para saber o que ganha.

Aos tropeços por causa dos beijos trocados nos degraus, subimos as escadas até o segundo andar e Christopher enfia a chave na porta no final do corredor, abrindo-a com um empurrão. Sorrindo por ser agarrada com tamanho entusiasmo, deixo-me ser levada para dentro e não reclamo quando ele pega a pequena bolsa que trago comigo e a jaqueta, e joga ambas no chão.

Dando uma breve geral pelo quarto, noto que a janela dá vista direta para o Grand Canale, mas, definitivamente, a vista que o moreno oferece ao tirar a camisa e evidenciar o dorso nu, coberto por tatuagens, é o que verdadeiramente chama a minha atenção. Senhor, que perfeição é essa?

Além dos desenhos que recobrem os braços fortes, ele também possui alguns no peito e nos flancos. Eu não consigo distingui-las direito, mas reconheço a frase de uma das músicas do Avenged Sevenfold: *"Comeback to the days when we were young. Comeback to the days when nothing mattered"*. Em tradução literal: *"Volte para os dias em que éramos jovens. Volte para os dias em que nada importava"*. É a letra de Second Heartbeat.

Notando que o encaro mais do que o normal, ele abaixa rapidamente o olhar e diz:

— É a letra de uma música do...

— Avenged Sevenfold, eu sei.

— Conhece? – balançou a cabeça confirmando – É a minha banda favorita. Sou pirado nos caras desde os dezoito anos. Essa é a letra de Second Heartbeat, e eu tenho outra frase nas costas – vira-se para mostrar – *"Seize the day or die regretting the time you lost"*.

Perco-me nas linhas esculpidas dos seus músculos antes de olhar para a tatuagem.

— Aproveite o dia ou morra lamentando o tempo que você perdeu. — murmuro.

— Exatamente. Eu sempre tento fazer dessa frase o meu lema, assim como a de Second Heartbeat. Às vezes nós complicamos demais as coisas ou nos deixamos engolir pelo mundo e acabamos nos perdendo. Eu acredito que, ao chegarmos nesse ponto, só precisamos voltar aos dias em que éramos jovens e nada importava para perceber que somos fortes e podemos lidar com tudo sem abandonar a nossa verdadeira essência.

Vislumbro-o, tocada com o que tal frase representa para ele. É um significado profundo e poético, muito simples até, mas que, mesmo não tendo um real motivo, passou a representar para mim também.

Nesse instante, percebo que levarei mais do que lembranças desse homem e da viagem. Levarei uma lição para a minha própria vida.

Tendo em mente que o rumo do encontro está ganhando uma profundidade desnecessária, puxo-o em direção a cama pelos passantes do jeans. Assim que as minhas pernas tocam à beira do colchão, lugar onde quero estar o mais rápido possível, ponho os braços ao redor do seu pescoço e o beijo.

Menos conversa e mais ação.

Christopher tem gosto de cerveja e uma pitada de menta, que faço questão de apreciar enquanto minha língua roça libidinosamente contra a dele.

Minhas mãos descem acariciando o seu peitoral duro, reconhecendo a textura e o calor de sua pele cheirosa e marcada por lindas tatuagens, até alcançarem a braguilha da calça jeans. Ele ofega ao sentir o meu toque tão perto do seu membro pulsante, mas, de repente, afasta-me.

Sem entender, eu o observo.

— Vou cuidar de você primeiro. — murmura ele, guiando-me para o colchão.

Uma vez deitada, acompanho os movimentos do moreno ao apoiar o salto de uma das botas no peito, para então começar a descer o zíper.

— A verdade é que eu gostaria muito de manter as botas enquanto o restante do seu corpo estiver nu. Seria foddidamente excitante senti-la afundar os saltos nas minhas coxas enquanto estiver me enterrando em você, sem contar que o cheiro do couro misturado aos do seu cabelo rosado provavelmente me enlouqueceria. — Christopher confessa num sussurro rouco, que, por um triz, não me leva ao orgasmo — Poder desfrutar dessas sensações durante o sexo seria fantástico. Mas deixarei para a próxima vez que, com certeza, farei acontecer. Pois, nesse instante, não quero nada entre os nós dois. Nem mesmo um par de botas sexy.

Depois de jogar ambas as botas no chão e encharcar a minha calcinha com sua declaração - no mínimo – arrebatadora, ele pousa as mãos no cóis da calça que estou usando, fazendo-me ofegar em antecipação.

Nós nos entreolhamos.

— Os pelos aqui em baixo também são rosas? – pergunta de forma divertida, arrancando-me uma gargalhada.

— Acho que terá que confirmar por si mesmo.

Observo-o, a excitação é nítida em suas feições. Mordo o lábio com o puxão repentino que dá no botão da minha calça. Preciso e rápido. O zíper é o próximo e suspiro ao ter o tecido jeans retirado e lançado longe.

Ele admira minhas pernas que são um tanto esguias e bronzeadas, e surpreende-se com a tatuagem que tenho na coxa esquerda: um ramo entrelaçado de flores alaranjadas que circula a pele como se fosse uma cinta-liga. É um bonito arranjo, formado pelas flores e pequenas folhas verdes que, unido aos caules, formam algo único. Sutil, porém, bastante forte. Por isso gosto tanto dela.

— Combina com você. — comenta.

— Obrigada.

Apesar do que diz, sei que o seu interesse está em outra flor, a qual se abrirá para ele, molhada e receptiva. A qual oferecerei a ele com muito prazer.

O moreno debruça próximo ao meu montículo coberto pela fina renda da calcinha e esfrega o nariz ali, arrastando-o lentamente como se aspirasse um perfume. Move as mãos para as laterais da lingerie e abaixa devagar. Sinto o meu peito descer e subir com respirações curtas e ofegantes, assim como cada centímetro do meu corpo eriçar com a imagem do homem maravilhoso entre as minhas pernas abertas, devorando-me com olhares e gestos.

Ao livra-me da calcinha, ele observa os pequenos pêlos que mantenho. Toca-os com suavidade. É tão gostoso, ainda que faça um pouco de cócegas.

Decidido a atijar, voltou a beijar minha boca. Sinto minhas carnes escorregadias esfregando no seu pau ainda coberto pelo maldito jeans e, apesar de ser uma tortura, gosto de cada investida de seus quadris.

— Não são rosas. – sussurra contra os meus lábios, sorrindo.

— Não são. Apenas o meu cabelo.

— Uma pena. Mas me contento com isso.

Prendo o seu lábio inferior entre os dentes de maneira provocante e o empurro para trás, ajoelhando-me em seguida. Sem esperar por qualquer atitude dele, tiro a blusa e o sutiã. Meus seios não são grandes, pelo contrário, mas sempre me garanti com eles. Não me aborrece a ideia de não ser "bem-dotada" como várias mulheres desejam ser. Nenhum aspecto do meu corpo me desagradava.

Christopher fita-me. Sua boca saliva por meus seios arrebitados e de mamilos duros que pedem, praticamente imploram, para serem muito bem chupados.

E é o que ele faz. Dobra-se e abocanha um, acariciando o mamilo com a ponta da língua, circulando e mordiscando. Muda para o outro e lhe dá o mesmo tratamento. As mãos amassando lentamente os dois enquanto sua boca os prova.

Huuuummm.... Que delícia!

Com tanta pressa e desejo quanto eu, o moreno tira o restante de suas roupas e enfim estamos ambos nus. Encaro o seu pênis e é a minha vez de salivar. O homem é lindo dos pés à cabeça. Seu membro é espesso, na medida certa, e levemente alongado. Senti-lo penetrar a minha boceta, sem dúvidas, me fará delirar de prazer.

Solto um gemido ao ter seus dedos longos mergulhados nos meus cabelos e a língua em minha boca, e não tardo em devolver o puxão. Frenéticos, caímos no colchão. Ele, que está por baixo, pega-me firme pelas coxas para que eu possa montar sobre a região do seu corpo que grita por alívio.

Seu pau desliza em minhas dobras, sem entrar, e o movimento da minha boceta friccionando de cima para baixo contra a sua pele dolorida enlouquece-nos.

— Ah, *Sweetie*.... Assim você vai me fazer gozar.

— Essa não é o intuito, senhor fotógrafo?

— Não quando eu ainda nem meti em você.

— Nós temos a noite inteira... Bom, a madrugada inteira pela frente.

— Sinceramente, acho que não vai ser o bastante para mim.

Christopher me beija. Sua mão serpenteia sobre a minha barriga, ambicionando atingir o meu botão inchado. No entanto, seus dedos encontram algo gelado em meio a todo o calor, e o faz abrir os olhos. Ele tateia, arrancando-me lamurias e ofega ao entender do que se trata. Inevitavelmente, eu sorrio.

Como não percebeu antes?

Num impulso, troca as posições e afasta os meus joelhos para olhar o que está preso logo acima das dobras molhada: um piercing perfurando o clitóris. Uma curta haste de metal com uma minúscula pedra brilhante na ponta, quase como se fosse um brinco.

Novamente sorrio com a reação desconcertada dele, que, por sua vez, nem se

dá ao trabalho de reprimir um gemido.

— É a primeira vez que você vê um? – indago.

— De perto, sim.

— Gosta?

— Eu nem sei o que dizer...

— Não diga nada. Ao invés disso, mostre o quanto te atrai.

Os olhos dele cintilam de excitação, suas narinas se contraem, e juro que ouço-o soltar um rosnado quase animalesco. Sem pensar duas vezes, abre mais as minhas pernas e cai de boca no piercing e no meu clitóris, sugando com força e apertando entre os lábios. Acho que sou capaz de ver estrelas por um momento.

Meu corpo sacode e eu gritou, tamanho o prazer que a língua dele proporciona. Apanho as mechas de seu cabelo castanho e aperto seu rosto contra o meu sexo, remexendo os quadris para obriga-lo a consumir cada gota que lhe concedo.

Mais... Mais... Mais...

Sequer sou capaz de respirar direito com o movimento da boca dele em meu sexo fervente. Exatamente como uma flor, abro-me para ele.

— Aaaahhh... Christopher!!

Grito o seu nome durante o orgasmo, intenso e feroz. Ele me suga até estar saciado, explora com os lábios e a língua até arrancar vários suspiros meus.

Meus fluidos lambuzaram todo o seu rosto. Eu gozei muito e, como o bom egocêntrico que eu desconhecia ser, o moreno se vangloria por ser o responsável por tal. Mas, tudo bem. Dou-lhe o crédito e muito mais. Estou tão molhada que posso tê-lo sem qualquer problema, numa estocada profunda e certa.

Ainda arquejando pelo orgasmo arrebatador que Christopher me

proporcionou, esforço-me para segurar seus braços tatuados e trazê-lo para perto.

— Quero que me foda. — exijo.

Minha imposição faz seu pau latejar. Se sua dureza cutucando e procurando abrigo entre as minhas pernas não são uma resposta satisfatória, eu não saberei o que responder. Bom, agir sempre foi a melhor resposta.

— Tem camisinha na minha bolsa. — digo.

— Com isso não precisamos nos preocupar, eu tenho algumas também.

— Ótimo, porque vamos precisar.

O moreno sorri e murmura:

— Estou adorando conhecer a sua personalidade ferosa.

Beijo-o mais uma vez e deixo que vá pegar os preservativos. Da cama, observo-o caminhar até minha bolsa, seu traseiro é uma bela visão para os meus olhos e o pensamento das minhas mãos segurando cada banda enquanto ele me come gostoso preenchem a minha cabeça. Com certeza aproveitarei para fazer tudo o que desejo com esse homem ao longo da noite.

Assim que ele sobe novamente no colchão e larga os pacotinhos laminados de lado, empurro-o até que caia de costas e o monto. Alcanço uma das camisinhas e abro com os dentes. Balançando a borrachinha no ar, sorrio travessa e digo:

— Mudei de ideia. Sou eu quem vai te foder.

Deslizando a camisinha pelo comprimento robusto dele, ergo-me nos joelhos para posiciona-lo e afundo, gemendo com a sensação do seu pau abrindo caminho a cada investida. Meu piercing roça em sua pélvis uma vez que está dentro, enviando ondas intensas de prazer para todo o meu corpo.

Espalmo as mãos em seu peito e começo a me mover, subindo e descendo, remexendo-me com afinco. Sinto como pressiona e massageia as bochechas da minha bunda, intensificando as penetrações e apertando o piercing com o

vai-e-vem.

Uma.... Duas.... Cinco... Mil vezes...

Os olhos dele não desviam dos meus, que tomo tudo o que quero, que preciso. Como imaginei, é sensacional encará-lo durante o sexo. Porém, por um segundo, também é apavorante. Apavorante demais. Há algo se construindo entre nós dois e não é o orgasmo. Posso sentir, sendo que não quero, não posso.

E o mesmo vale para Christopher, que me olha com uma expressão desconcertada.

Ele também sente essa conexão.

Mandando os pensamentos inoportunos para longe, prefiro me concentrar no prazer que compartilho com ele nesse momento. Não passa de sexo, casualidade, e assim continuará.

Christopher senta, mantendo-me presa entre os seus braços, e estoca com força. Eu o acompanho, movendo-me para frente e para trás, e em segundos estamos batalhando para manter o controle. Nossos corpos guerreiam sensualmente sobre a cama, o orgasmo avançando como um maremoto prestes a varrer tudo o que encontrar pela frente. Forte e devastador.

De novo... De novo...

Desliza para dentro e para fora, enquanto esmago-o de uma forma quase proibida de tão malditamente boa para nós dois.

Sou a primeira a vir. Graças a pressão do corpo rígido contra o meu, o piercing me fez explodir em êxtase. Eu grito, agarrada aos cabelos dele, que me penetra mais algumas vezes antes de enterrar o rosto em meu ombro úmido de suor e respirar profundamente enquanto ainda convulsiona por gozar. A mão firme nos fios rosados do meu cabelo que o hipnotizaram.

O quarto cai no silêncio, apesar de nossas respirações.

Foi fenomenal, indescritível.

No entanto, quando nos entreolhamos, ainda unidos, entendemos mutuamente que o quer que fosse que tenha acontecido aqui nesse quarto, deverá terminar na manhã do dia seguinte.

Mas não antes de estarmos completamente satisfeitos.

Capítulo 08

CHRISTOPHER

Ao chegarmos na Piazza San Marco, paramos em frente ao Café Florian, lugar onde nos vimos pela primeira vez e, como imaginei, rendeu uma noite foda (literalmente falando). São apenas dez da manhã e embora eu tenha passado toda a noite na companhia dela, eu não quero deixá-la ir.

É estranho, mas realmente não quero. Só que preciso voltar ao hotel para trocar de roupa e também para enfrentar Yoan que, considerando a mensagem que enviou na madrugada, deve estar puto da vida.

E como não estaria depois do que fiz?

Sem dar importância para quem esteja passando, beijo-a com ânsia e suspiro ao ser correspondido com a mesma empolgação. Disposto a estender o meu tempo com ela e aproveitando ser o meu dia de folga, dou-lhe um selinho e proponho:

— Que tal almoçarmos juntos?

Rebecca observa-me por um instante. Meu coração bate forte com a ideia de que ela simplesmente dê um basta. Ficou subentendido na troca de olhares que tivemos depois de transarmos a primeira vez que precisaríamos tomar os nossos caminhos. Contudo, por alguma razão, não estou pronto para dar um fim a isso (seja lá o que isso for). Quero que esse encontro, ou melhor, o reencontro dure mais do que apenas uma noite. Será que ela também?

— Acho uma ótima ideia – responde ela.

— Legal! Então me passe o número do seu celular.

Ela sorri e beija o canto dos meus lábios.

— Me encontre nesse mesmo lugar daqui a duas horas. — diz.

— Mas...

— Eu não vou fugir de você, senhor fotógrafo. Não se preocupe.

Rebecca sorri. Se depender de mim, não vai fugir mesmo.

— Eu estarei aqui em exatamente duas horas e não sairei até que você apareça. — retruco, pegando sua mão e roçando os lábios na pele macia do dorso — E não estou brincando.

— Digo o mesmo.

Sem conter a vontade de tê-la em meus braços, puxo-a para mim e aperto contra o meu corpo. Inalo o perfume dos cabelos rosados e sussurro:

— Vou esperar por você.

Depois de beijá-la mais uma vez, como se selasse uma promessa, solto-a e observo até que desapareça entre as ruelas, da mesma forma que fiz na tarde do dia anterior, com a diferença de que agora sei o seu nome e conheço o seu corpo.

Eu vou esperá-la nem que tenha que passar o dia plantado na frente do café.

Mais feliz do que pinto no lixo (como minha sogra costuma falar), consigo voltar ao Zagury B&B depois de brigar com o Google Maps, o hotel em que me hospedei com Yoan. E basta eu abrir a porta do quarto para dar de cara com ele sentado na beirada da cama e de braços cruzados, a perna balançando de um jeito nervoso.

Hesito um passo ao encontrá-lo ali, pronto para voar direto no meu pescoço e exigir respostas, mas estou tão relaxado e satisfeito que nem a carranca do meu amigo será o suficiente para acabar com a minha alegria — embora eu mereça a ira de Yoan por largá-lo sozinho, sem explicações e com duas mulheres, sendo uma delas a minha acompanhante rejeitada sem saber o porquê.

— É bom que tenha uma excelente explicação para ter fugido sem mais e nem menos ontem à noite, e ainda ter largado uma gostosa como a Vivienne para trás. — ele resmunga, nada contente — Sabia que essa sua palhaçada me rendeu uma noite sozinho e na base da punheta? Porque, obviamente, a Alice preferiu ir embora com a amiga rejeitada e ressentida do que ficar comigo.

Reprimo uma risada. Ele é engraçado quando nervoso, mas eu também não preciso cutuca-lo para que fique ainda mais furioso.

Pois, daí sim, a coisa ficaria feia.

— Sem contar que você está me devendo uma — continua ele — Porque eu tive que inventar a desculpa mais esfarrapada do mundo para que a Vivienne não surtasse com a sua "fuga".

— Eu devo te agradecer, então.

— Christopher Hayes, não brinque com a minha paciência.

Passo a língua no interior da bochecha, mania essa que tenho quando me sinto ansioso, nervoso ou muito, muito espirituoso.

Sob os protestos de Yoan, tiro as botas e depois a camisa, que jogo sobre a cama, indo atrás de roupas limpas na mala. Estou pegando uma calça quando sou atingido por um travesseiro em cheio nas costas. Viro para o meu amigo, que estreita os olhos e encara-me indignado.

— Filho da puta! Você foi atrás de uma mulher, não é?!

— Você fala como uma esposa traída.

— Não, eu falo como um cara que perdeu uma foda incrível por causa do amigo que fugiu de uma mulher para correr atrás de outra mulher.

Vislumbro-o por um instante. As lembranças da noite fantástica que passei com Rebecca inundam a minha mente e sou incapaz de não sorrir.

Ela é linda, uma beleza original. Lembro de seus seios pequenos e arrebitados, os pêlos macios e claros entre suas pernas, que fizeram-me

deduzir que os cabelos rosados escondem fios louros naturais ou algo perto disso.

Porra, e aquele piercing?

Vagar pelas memórias da noite passada desperta mais do que deveria. Preciso pensar com a cabeça de cima e não com a de baixo, ainda que o meu sangue esteja todo concentrado nessa parte, privando-me de usar as demais.

Olho novamente para o meu amigo, que está com uma sobrancelha arqueada e me encarando como se eu estivesse com uma melancia na cabeça – ou de pau duro sem nenhuma razão aparente, o que é a verdade.

— Eu a reencontrei. – digo.

— Reencontrou quem?

— A mulher de ontem, a qual eu comentei.

— Você está brincando?! A do cabelo rosa?

— Pior que não. Ela também estava na Fundamenta ontem. Eu a vi passar e até achei que estivesse delirando, mas quando notei aquele cabelo rosa, tive certeza de que era ela. A vi entrando em um bar perto de onde estávamos e não consegui me controlar, tive que ir atrás.

— Ok, isso explica muita coisa. – bufa, dando-se por vencido – Foi bom, pelo menos? Pela sua cara, deve ter sido uma transa e tanto.

— Porra, e se foi! Ela é incrível e não digo somente na cama, em tudo o que pude conhecer.

— Você não acha que está muito "animado" com uma mulher que teve uma transa casual?

— Se você soubesse o que ela sabe fazer com a boca, também ficaria muito "animado". Além disso, como eu disse, ela é uma pessoa incrível.

Yoan me observa por uns segundos. Seus braços estão novamente cruzados, denotando sua preocupação. O quarto mergulha no silêncio.

— O que foi? – pergunto, notando o loiro mais quieto que o normal.

— Isso é perigoso, Chris.

— Do que está falando?

— Toda essa animação com a tal mulher do cabelo rosa.

— E qual é o problema?

— Preciso lembrá-lo de que está noivo?

Respiro fundo. Sabia que cairíamos nesse assunto outra vez.

Ele não consegue entender como as coisas funcionam.

— Por acaso, você está querendo dizer que estou apaixonado por ela? – insinuo de um jeito cômico – Acredito que demore um pouco mais de 24 horas para alguém se apaixonar.

— Não foi exatamente o que aconteceu com você quatro anos atrás?

— Isso é diferente, Yoan.

— Não está parecendo.

— Mas é!

— Tudo bem, eu não vou discutir com você. – ergue as mãos em rendição.

O clima de repente ficou desconfortável, mas trato logo de rompê-lo.

— Tudo bem ficar por aqui sem mim hoje?

— E desde quando eu nasci colado em você? Claro que está tudo bem. Tem planos?

— Sim, vou sair para almoçar com ela.

— Como é?

— Isso o que ouviu.

— Que horas vai encontrá-la?

— Daqui a uma hora. Vou tomar banho e sair.

— Beleza. Você não é o único que tem planos no dia de folga.

— Ah, é? E o que você vai fazer?

— Não que seja da sua conta, mas vou sair com a Alice.

— Mas você não disse que ela...

— Eu menti. — dá de ombros — Só queria fazer você se sentir culpado.

— Filho da puta!

— É verdade que ela foi embora com a amiga ontem, mas dei o endereço daqui e nos encontramos duas horas depois. Ela saiu pela manhã.

— Você é muito cara de pau.

— Por aí.

Balanço a cabeça e rumou para o banheiro. No entanto, uma vez que fecho a porta, encosto nela e assim fico. As palavras do meu amigo ecoam em minha mente. Tudo bem que senti aquela mesma faísca de quatro anos atrás, mas é impossível ter acontecido de novo. Eu tenho certeza em meu coração e nada parece ter mudado, e de fato não mudou. Logo, não há razões para ficar apreensivo, certo?

Certo!

Poucos minutos depois, tanto eu quanto Yoan estamos prontos para os nossos respectivos encontros. Correndo contra o relógio, abro o laptop e transfiro a foto que tirei de Rebecca da Piazza para o celular.

Farei aquela atrevidinha engolir as palavras.

Antes de sair, Yoan dá-me um soco amistoso no ombro, pedindo silenciosamente para que me cuide. No fundo, eu sei que se preocupa comigo, mas também sabe que sou adulto e tenho consciência do que faço ou

não.

Ansioso com a possibilidade de ela não cumprir com o que disse e me deixar a ver navios, coloco-me diante da entrada do Café Florian e espero com as mãos nos bolsos da calça.

Quando os primeiros dez minutos passam, considero que seja normal. Afinal, é fácil se perder nessas ruelas. O mesmo valeu para os quinze minutos seguintes. No entanto, ao olhar no celular e perceber que quarenta minutos se foram e nada de ela aparecer, é inevitável não pensar que levei uma bota e das grandes. Ainda que eu tente ser otimista, o cenário é claro: "*Rebecca me rejeitou*". A ideia de que fui largado não deveria me incomodar, mas incomoda e muito.

Experimentei situações semelhantes e não dei a mínima, apenas segui com a minha vida como sempre fazia. Porém, nesse instante, sinto-me verdadeiramente enganado. E o pior é que eu sequer tenho um número para ligar e falar com ela, pedir uma explicação ou somente dizer-lhe o quanto foi bom o tempo em que estivemos juntos. Deveria ter desconfiado no que poderia dar tudo isso. Mas eu quis acreditar. Quis acreditar que...

— Oh, meu Deus. Desculpe a demora!

Ergo a cabeça e deparo com aquele lindo par de olhos verdes. Antes que eu perceba, solto um suspiro aliviado ao vê-la bem a minha frente.

— Realmente, me desculpe. – diz Rebecca outra vez e visivelmente ofegante, como se tivesse corrido – Tive que responder uns e-mails importantes do trabalho e levou mais tempo do que eu esperava. Ainda tive que me arrumar e...

Ponho os dedos gentilmente em seus lábios e dou-lhe um sorriso. Então falo:

— Está tudo bem. Eu disse que iria esperá-la nem que fosse o dia todo.

— Não duvido que se eu tivesse demorado mais um pouco, não teria o encontrado aqui.

— Seria uma possibilidade.

— Bom saber que você é paciente, senhor fotógrafo.

Rebecca sorriu e tomo alguns segundos para observá-la. Se ela estava linda na noite anterior, agora está fabulosa. Usando um vestido levemente rodado, uma jaqueta jeans e calçando tênis, ela está adoravelmente bonita.

Os cabelos rosados mais uma vez presos em um rabo de cavalo, mostra o pescoço tentador que beijei e lambi durante toda a madrugada, e quero repetir tais carícias o mais rápido possível. Ainda hoje.

— Já pensou onde iremos almoçar? – pergunto, ajeitando os óculos escuros no rosto.

— Não faço ideia. Que tal darmos uma volta por aí?

— Perfeito.

Entrelaçando meus dedos aos dela num gesto quase inconsciente de tão natural, começo a guiá-la sem um destino certo pela Piazza. Por ser hora do almoço, a maioria dos restaurantes e cantinas estão abarrotados de turistas como nós, o que torna a procura um pouco mais demorada do que imaginávamos. No entanto, a companhia e a paisagem compensam a demora.

Após alguns minutos caminhando, encontramos um lugar chamado *La Caravella*. Como todo o estabelecimento em Veneza, a fachada do restaurante é rústica e bastante modesta, agregada a entrada do hotel de nome *Saturnia*. O charme do restaurante, entretanto, está em seu pátio interno tipicamente veneziano de verão, onde as mesas foram postas de maneira que casam perfeitamente com as diversas plantas e a decoração tradicional italiana.

Apesar de não ser o melhor horário para beber, dividimos uma garrafa de vinho branco enquanto desfrutamos de um delicioso *La Zuppa di Pesce Alla Veneziana*, um prato típico e composto por peixe e outros ingredientes, acompanhado de *crostini di pane* e polenta.

Boa comida, boa companhia e um bom vinho. Sinto-me no paraíso.

— Admito que, por um momento, eu pensei que tivesse sido abandonado –

comentou, enfiando um pedaço de crostini di pane na boca.

Rebecca vislumbra-me por cima da taça e sorri.

— Eu disse que não fugiria de você – responde.

— Bom, quarenta minutos de pé e plantado me fizeram pensar o contrário.

— Você disse que estava tudo bem e agora usa isso contra a minha pessoa? Acho que você não é muito justo, senhor fotógrafo.

— Chris. Por favor, me chame de Chris.

Eu gosto de ouvi-la me chamar de "senhor fotógrafo", mas ouvir o meu nome saindo de seus lábios é muito melhor.

— Desculpe, estou apenas implicando com você. – murmuro, alcançando a mão dela sobre a mesa e tomando-a para mim.

Nós nos entreolhamos e afasto rapidamente a mão, ocupando-a com a taça.

Dou um sorriso sem jeito.

— Eu também estou implicando contigo. – diz ela – Mas, de qualquer maneira, desculpe por ter demorado.

— Esqueça isso e vamos aproveitar.

Desfrutando de risadas e olhares repletos de desejo, terminamos o almoço, com mais fome do que quando chegamos. Fome um do outro. Porém, ainda que a vontade de procurar um hotel seja maior do que qualquer coisa, decidimos que Veneza merece ser explorada. Pois, mais do que livros, outro ponto em comum entre nós é o espírito aventureiro. Realmente gosto disso.

Andamos em meio as travessas até chegarmos ao Gueto Judaico, onde turistas, locais e estudantes estão sentados à beira do canal. Conforme o que li e Yoan comentou por alto, essa área reúne vários prédios de importância histórica para os judeus que viviam aqui desde os tempos da República.

Crianças correm de um lado para o outro ao longo da praça Ghetto Nouvo e

um sutil aroma de lavanda misturado com roupa limpa paira pelo ar.

Sacando o celular do bolso, capturo algumas imagens dos arredores e, secretamente, outras de Becca também. A foto que tirei no dia anterior está salva em meu aparelho, mas não há problema em adicionar novas para mostrar-lhe depois. Será tipo como um bônus.

Ao retornarmos a Piazza e entrarmos na adjacente, a Piazzale San Marco, Rebecca puxa-me para a margem onde há uma parada de gondoleiros, e sugere animada:

— Vamos andar de gôndola?

Eu travo. Gôndola? Aquele barquinho que o pessoal andava pelos canais?

Barco?

Só de imaginar o balançar desse treco, fico enjoado.

— Ouvi dizer que esse horário é mais barato e menos lotado que a noite.

Hesito. Porém, convencendo a mim mesmo, decido dar uma chance. Afinal, estar em Veneza e não andar em uma famosa gôndola seria o mesmo que ir a Nova Iorque e não visitar a Estátua da Liberdade, ou ir a Paris e não visitar a Torre Eiffel, ou mesmo ir a Londres e não conhecer o Big Ben.

Eu poderia pensar em milhares de motivos durante toda a tarde, mas respondo:

— Tudo bem. Estamos em Veneza, então... — dou de ombros.

"E eu não posso fugir dos barcos para sempre", completou mentalmente.

— Tem certeza? — ela cruza os braços e encara-me de forma divertida.

— Tenho, espertinha. — toco a ponta do seu nariz.

"Não muita, para falar a verdade", mantenho a última parte para mim.

Respiro fundo ao dar o primeiro passo para dentro da gôndola e sento de frente para Rebecca, que sorri da possível cara de desgosto que estou

fazendo. Mais duas pessoas nos acompanham e o gondoleiro não demora a iniciar o martírio.

Assim como o *vaporetto*, o passeio de gôndola oferece um ângulo único da cidade, porém, com um clima bem diferente. É uma experiência inesquecível, sem dúvida. Especialmente para mim que, mais uma vez, luto entre observar a paisagem, dar atenção a minha companhia e controlar o enjoo que revira o meu estômago. Maldita hora em que decidi não colocar o remédio para enjoo no bolso da calça. Em um lugar como Veneza, deveria ser prioridade.

O gondoleiro vestido tradicionalmente com uma camiseta listrada e usando chapéu de palha, conta a história dos principais pontos turísticos em que passamos e até cantarola antigas trovas italianas, mas eu estou mais preocupado em manter o almoço dentro do estômago e a fachada do que ouvir o cara. Já estou desempenhando tarefas demais para um único passeio.

Em certo momento, noto que Rebecca me observa. Engolindo em seco, sorrio ainda um pouco nauseado e indago:

— O que foi?

— Você enjoa. – está longe de ser uma pergunta, é uma afirmação – Você enjoa andando de barco. E, deixe-me adivinhar, em outros meios de transporte também?!

— Ficou tão óbvio assim?

— Não necessariamente. Eu tinha um conhecido que passava pelo mesmo que você, então acabei aprendendo a identificar alguns sinais. Você quer terminar o passeio e descer?

Ainda espantado com a perspicácia dela, balanço a cabeça em negação e respondo:

— Não, eu vou ficar bem.

— Eu realmente não me importo se quiser.

— É sério, vou ficar bem. Convivo com essa porcaria de síndrome desde

criança.

— Qual é o nome mesmo? Ah... Cinetose?!

— Exato! Não me orgulho de ser um homem de 27 anos que enjoa em quase todo o tipo de transporte, principalmente barcos e aviões. Mas o que eu posso fazer? E' parte de mim.

Rebecca dá risada, mas reparo o lindo sorriso dela vacilar como aconteceu no bar quando falamos de fotografias; de repente, ela estende a mão para mim.

— Me dê a sua mão. Eu tenho uma técnica que vai ajudar a diminuir o enjoo.

Faço o que pede e suspiro ao senti-la segurar gentilmente o meu pulso, e também com a semelhança dessa cena. Observo-a pressionar os dedos finos na linha abaixo do pulso e começar a massagear de leve, criando círculos invisíveis em sua pele. Ao longo de alguns minutos, Rebecca estimula a área e depois parte para o outro pulso, repetindo o processo.

Meus olhos ficam grudados nela, sem perder um movimento. Borbulhas de uma inexplicável emoção fervem em meu interior e então entendo o porquê Yoan disse que poderia ser perigoso. Porque de fato era muito perigoso.

Perigoso demais.

E embora eu adore um perigo, esse em questão é um que não tenho pretensões de enfrentar. Nem pretensões e nem motivos.

Deveria dar o fora assim que a gôndola atracasse na próxima parada? Sim, deveria. Mas também quero provar a mim mesmo que não está rolando mais do que uma atração intensa e totalmente carnal.

"Não, isso é ridículo! ", censuro-me. Embate sentimental definitivamente não é a minha praia. Eu simplesmente curto e pronto. Não adianta ficar remoendo pensamentos que, no fim, não levarão a lugar nenhum. Certo?

Na teoria parecia funcionar muito bem, mas na prática...

Pela segunda vez em minha vida, não sei o que fazer e nem o que sentir, embora a certeza continue intacta em meu coração. Pode ser mais confuso?

— Melhorou? – indago ela ao soltar-me.

— Sim, obrigado.

Estranhamente desconfortável, cruzo os braços e viro o rosto para olhar qualquer coisa. No decorrer do que resta do passeio, apesar de não ser minha intenção, o clima entre nós fica pesado, de modo que não aconteceu nem mesmo quando acordamos juntos na cama do hotel.

Contudo, uma vez que a gôndola atraca, retomo o controle da situação e volto a agir normalmente, pegando-a pela mão e a beijando em seguida.

Se eu agir de maneira incomum, é porque algo está acontecendo. E convencido de não ser o caso, agir com normalidade é o melhor a se fazer.

A noite cai aos poucos em Veneza. Sentados na beira do cais de pedra, rodeados por outras pessoas, dividimos uma caixa dos famosos *biscoitos de veneto* acompanhados por nossos copos de café. Apesar de conversarmos sobre praticamente qualquer assunto, nossas vidas pessoais ficam longe do foco. Talvez ela tenha tantas dúvidas e curiosidades quanto eu, mas escolhemos mantê-las encobertas por assuntos triviais. Afinal de contas, não é necessário saber muito de alguém que em pouco tempo você nunca mais verá.

— O que acha de ver aquela foto agora? – pergunto, pegando o celular do bolso.

— Oh! A tão esperada foto.

— Eu disse que existia.

— Vamos vê-la então.

Rebecca arrasta-se para perto e enfia um biscoitinho na boca.

Seu ombro colado ao meu.

— Estou curiosa.

— Tenho certeza de que esta – abro a galeria e clico na foto – Aqui.

Entrego o aparelho a ela, que arregala os olhos.

Na foto, Rebecca sorri e seu cabelo rosa, embora preso, flutua com a brisa. As lentes do óculo no topo de sua cabeça reluzem graças ao Sol, o que dá a impressão de que há uma aura cintilante ao seu redor. Linda, assim como ela.

Sorrio ao ter dois olhos verdes o encarando-me de maneira encantadora. Ela gostou da foto, posso sentir. Ou melhor, posso ver refletido nos orbes claros dela.

Estaria mentindo se dissesse que não fiquei feliz com isso.

— Passe para o lado. Eu tirei mais algumas essa tarde. – digo.

Rebecca concorda e começa a ver as demais fotos. Há paisagens, pessoas e várias imagens suas, que ela sequer notou que tirei.

Também são bonitas, mas a da Piazza ganha.

Observando-a deslizar o dedo na tela para trocar as fotos, percebo quando a sua expressão vai tornando-se amarga, exatamente como na noite anterior. A animação dá lugar a um olhar distante, e, indo contra todas as possibilidades, tenho vontade de abraçá-la até que suas dores desapareçam.

O que, infelizmente, era impossível. Em todos os sentidos.

— Bom, foram apenas essas que tirei. – digo de repente, quase arrancando o celular das mãos dela – As outras são apenas trabalho. Nada importante.

— Ah, ok. – Yanna pigarreou, tentando recompor-se.

Um breve silêncio pairou entre nós, até ela comentar:

— Se você não queria que eu visse os seus *nudes*, era só dizer.

Deixo uma risada escapar. Esperava tudo, menos uma reviravolta dessas.

— Acho que não faria muito sentido, já que você me viu pelado noite passada.

— Isso é verdade. Mas vai saber que tipo de *nudes* você manda.

— Eu não mando *nudes*.

— E eu não tenho um piercing genital.

— Disso eu tenho que discordar. É um belo piercing, diga-se de passagem.

É a vez de Rebecca rir.

Mais do que o cabelo rosa, o sorriso dessa mulher foi o que me pegou de jeito. É lindo e sincero, ilumina o ambiente, assim como o outro sorriso que sempre está em meus pensamentos. E mesmo consciente de que não posso, eu gostaria de garantir que ela nunca deixe de sorrir.

Capítulo 09

YANNA

Observar Christopher adormecido na cama continua me trazendo aquele sentimento esquisito. Faz uma semana, exatos sete dias desde que nos encontramos pela primeira vez, e, apesar da minha criatividade estar a mil, o mesmo vale para as minhas dúvidas. Estas que, até pouco tempo atrás, sequer passam pela minha cabeça. Mas aqui está, cheia delas. Tão cheia que não consigo voltar a dormir, remoendo-as. Assim como as ideais que fervilham, clamando para serem colocadas para fora.

O que posso fazer? Era mais forte do que eu.

Tomando cuidado para não despertar o homem ao meu lado, levanto da cama devagar e visto o robe de cetim, andando até minha bolsa jogada perto da estante. Dela, tiro meu inseparável caderno de capa vermelha e uma caneta, fazendo algumas anotações de maneira tão rápida que as palavras se tornam apenas garranchos incompreensíveis para qualquer um, menos para mim. Uma vez que termino, guardo-o de volta e pego o maço de cigarros, pois preciso de uns tragos para espairecer.

Caminho silenciosamente em direção a varanda e abro uma das janelas, recebendo o ar gélido do começo da manhã no rosto. O Sol ainda está baixo, o que significa que acabou de nascer. A imagem da cidade e do Grand Canale banhados com os primeiros raios solares é linda, e é admirando-a que acendo o cigarro e dou o primeiro trago do dia, apertando o robe contra o corpo para proteger-me do vento.

Meu olhar recai sobre Christopher na cama não muito tempo depois e tomo alguns minutos para vislumbrar o homem maravilhoso que ele é. As tatuagens se destacam nos lençóis claros, bem como os músculos de suas

costas esculpidas, onde, bem acima das omoplatas, está a frase da música do Avenged Sevenfold. A silhueta masculina dele é digna de ser admirada, com certeza absoluta.

Mesmo de longe, traço mentalmente a linha de sua mandíbula marcada, como se estivesse utilizando os dedos e sentindo a pele. Absorvendo cada traço, cada pedaço, e guardando-os para mim. Chris é bonito demais para o próprio bem, assim como para o meu bem e de todas as mulheres do mundo.

E ainda que eu o tenha observado por todos os dias em que estivemos juntos, sou incapaz de me cansar. Poderia continuar olhando e olhando, sem pretensões de parar ou considerar banal.

Levando isso em consideração, fica fácil entender porque resolvi voltar no dia em que fui convidada para almoçar, sendo que não era a minha intenção. Quando me despedi dele na Piazza, sem ao menos dar-lhe o número do meu celular (o que eu não faria, mesmo querendo muito. Afinal, seria passar dos limites e eu já havia ultrapassado limites demais por uma noite) e com uma vaga promessa, a ideia era simplesmente não aparecer. Talvez aparentasse menosprezo e até desconsideração, mas na verdade era somente uma forma de preservar a mim mesma de tudo o que tal encontro havia causado.

Eu não demorei por estar respondendo e-mails de trabalho e sim porque debatia comigo sobre ir ou não. Sobre o que voltar para encontrá-lo significaria. Sem contar que não fui capaz de parar de escrever um segundo que fosse, desde que entrei no quarto. Só parei - à contragosto - ao notar o atraso e decidir o que fazer.

Com as ideias fluindo loucamente, julguei depois de muito questionar-me que o risco valia a pena. Além disso, embora não admita nem sob tortura, queria usar isso como uma desculpa plausível para explicar a vontade de encontrá-lo outra vez. "*Unir o útil ao agradável*", repeti como um mantra buscando acreditar que fosse verdade.

E prossegui repetindo enquanto sentia aquela euforia indevida ao estar na companhia dele e durante toda a semana em que ficamos juntos.

Os dias em que estive com Christopher foram os melhores. Divertidos,

emocionantes, inigualáveis. Tanto que as vezes era difícil lembrar a mim mesma que o vazio é mais seguro. Emoções só complicam demais as coisas e as tornam dolorosas a longo prazo. Por isso, eu prefiro permanecer com a casualidade. Isso me poupa de aborrecimentos futuros.

O bom é que estarei partindo para Munique amanhã e logo darei um fim a isso. Ele não sabe, o que facilitará as coisas. Sem qualquer tipo de contato, eventualmente esqueceremos ou ao menos deixaremos de sentir o que quer que fosse.

É o mais sensato. É o que acontecerá de um jeito ou de outro.

Dando mais um trago no cigarro de cravo, cogito seriamente em pegar minhas coisas e colocar o plano em ação antes da hora. Quem sabe desse modo o desconforto crescente em meu peito suma mais rápido. Mas, eu não tenho coragem. Preciso ficar mais um pouco, mesmo sem entender exatamente o motivo.

Imersa em meus devaneios, dou um pulinho de susto ao ter a cintura segurada por trás e um beijo estalado repentinamente na bochecha. Olhando por cima do ombro, vejo-o sorrir ainda sonolento e aconchegar mais o corpo contra o meu, abrigando a ereção matinal entre as minhas nádegas por cima do tecido de cetim. Solto um suspiro.

— Bom dia, madrugadora. — diz ele, apertando-me num abraço.

— Bom dia.

— O que está fazendo aqui? São seis e vinte da manhã ainda. — puxa o meu cabelo rosa para o lado e beija-me a nuca — Estava pensando na melhor maneira de me largar sozinho? É o que a maioria faz esse horário.

A pergunta soa divertida, mas faz-me retesar.

Estariam tão óbvias assim as minhas intenções?

— Apenas fumando. — respondo, um tanto sem graça.

— O cheiro de cravo está no seu cabelo.

— Sempre fica.

— É gostoso.

— Você acha?

— Sim. — encosta o nariz nos fios e sinto que inspira o cheiro — Se bem que, você é toda gostosa.

Chris me aperta mais e planta os lábios na base do meu pescoço, beijando-o outra vez e com mais ardor. A ereção firme continua roçando no meu traseiro, e eu instintivamente arqueio a procura de mais contato.

— O que acha de um café da manhã? – indago — Você ficaria para comer?

— Sinceramente, eu prefiro comer você.

Não é preciso mais do que isso – e o pau dele na minha bunda – para o meu desejo despertar. Desde o primeiro instante, basta uma faísca e eu entro em combustão. Que mulher não cairia de tesão com um homem desses?

Não é necessário esforço algum.

Sedenta para avançar na boca apetitosa do moreno, dispenso o cigarro e viro a fim de devorá-lo com beijos e de outras formas sexuais também, mas vacilo ao encará-lo nos olhos.

Algo estava errado.

Pensando francamente, reparei que desde a noite anterior ele parece disperso. Bem, não o suficiente para privar-me de orgasmos fantásticos.

— Eu tenho uma coisa para contar — murmura ele, olhando-me fixamente.

— E o que é?

Christopher hesita por um segundo antes de responder:

— Estou indo embora essa tarde.

Uma inquietação súbita tomou conta de mim. Ele estará indo embora nessa

tarde? Nós nos entreolhamos e eu tenho certeza. Ah, sim, ele estará.

Por que de repente sinto-me traída?

Bem, eu planejava fazer quase o mesmo, não é? Com exceção de que sequer daria ao trabalho de avisar. A frase "*provar do próprio veneno*" nunca fez tanto sentido para mim quanto nesse momento. Tenho a impressão de que ele sentiria o mesmo, caso fosse o contrário.

— Essa tarde? — balbucio.

— Sim. Terminamos o trabalho e não há mais nada para fazermos aqui. A equipe voltará para Milão e eu.... Bem...

Dou um passo para trás e solto um longo suspiro. É isso afinal.

Teria que acontecer, não é?! Precisamos acabar e seguir com nossas vidas.

— Desculpe não ter dito antes. — Chris apressa-se em explicar — Mas é que... Becca, eu realmente...

Sem permitir que termine a frase, desamarro o laço do robe e deixo que o tecido acetinado deslize pelo comprimento do meu corpo nu até que encontre o chão. Meus mamilos saltam gloriosos diante dos olhos dele, endurecidos com o ar frio da manhã que entra pela janela aberta.

Não há o que falar. Não há o porquê de explicações. Nenhum de nós busca por isso, de qualquer forma. Então para que complicar?

Movendo-me com a sensualidade que sei excita-lo, me aproximo dele e o puxo para perto da janela.

— Quero transar com você aqui. — sussurro, instigando-o — Diante do Grand Canale e da cidade.

Chris morde o lábio. Vejo como a sua hesitação transforma-se numa mera lembrança. Um sorrisinho malicioso enfeita o seu rosto. Acho que gosta da ideia de transarmos na sacada do hotel, em frente a um dos pontos mais importantes de Veneza e sem dar a mínima para o fato de que podemos ser vistos mesmo nesse horário. Ações ao invés de palavras. Tem como ser

melhor?

— Quem sou eu para negar um pedido desses? — sussurra de volta, cheio de tesão — Transar de frente para o Grand Canale vai ser uma experiência e tanto.

— Com certeza, senhor fotógrafo.

Permitindo-me desfrutar pela última vez desse homem, entrego-me ao beijo possessivo dele, agarrando-o até que nossos corpos estejam unidos. Pele com pele. O membro robusto e esticado cutucando em sua barriga provoca calafrios de prazer, fazendo minha excitação crescer e os sucos encharcarem entre as minhas pernas.

As mãos hábeis e um tanto rudes dele deslizam pela curva de minhas costas até alcançarem meus quadris. Os baixos murmúrios de prazer dele preenchem meus ouvidos da forma mais erótica possível. Ele é totalmente erótico. Feito para o sexo, para o amor. Para coisas que não posso dar-me ao luxo de usufruir.

Não mais.

Mas está tudo bem. Eu tenho o que preciso ter. É o bastante.

Tomando o controle, apoio-me nos ombros largos dele e chupou um de seus mamilos. Meus dedos tracejam por toda a extensão do seu abdômen, contornando uma das tantas tatuagens, e envolvem seu pênis duro que clama por atenção. Christopher joga a cabeça para trás com a carícia e agarra os meus cabelos rosados, gemendo sem reservas. É fenomenal ouvir um homem como ele gemer de maneira tão livre. Nenhum dos meus outros amantes tinham coragem de se expressar desse jeito – exceto um.

Os gemidos dele serão um dos sons que me seguirão por meses.

Disposta a ter mais, ajoelho diante dele e o levo aos lábios. O aperto em meus cabelos aumenta conforme minha língua percorre o comprimento do pênis grosso e de pele suave, para então enfiá-lo todo na boca, à ponto de roçar em minha garganta.

Os olhos dele reviram tamanho o prazer que lhe provoco. Especialmente quando toco nas bolas e distribuo pequenos beijos nessa região tão sensível.

Não sei dizer se é um fetiche ou algo do tipo, mas desde a primeira vez notei que ele gosta de encarar os meus olhos enquanto transamos. Não faço ideia de como descrever o que sinto ao tê-lo encarando-me de cima desse jeito.

— Se a ideia é proporcionar um espetáculo erótico aos venezianos, é melhor para agora, *Sweetie*. Ou teremos que esperar uma hora. - ele comenta, pronto para lançar toda a sua carga na minha boca.

Não que me incomode esperar e começar tudo de novo.

Sorrio e sugo-o uma última vez, antes de pôr-me de pé. Balançando os quadris de um lado para o outro, me aproximo da varanda e seguro a grade, empinando o traseiro em direção a ele. Lá em baixo, está o Grand Canale banhado pelo Sol e a cidade que se estende até o horizonte.

— O que acha da visão? — pergunto brincalhona.

Porém, não tenho resposta.

Chris puxa uma forte respiração entre os dentes. Ele não consegue encontrar palavras, pois está ocupado demais observando-me.

Uma onda quente de luxúria atravessa o meu corpo.

Ele enterra a mão em meus cabelos e inclinou minha cabeça para trás, espalhando beijos molhados e mordidas por todo o meu pescoço. Seu pau esfrega descaradamente entre as bochechas da minha bunda.

— Eu quero você. — ele sussurra em meu ouvido, sem fôlego.

Sinto meu coração palpitar, mas ignoro e finjo que essas palavras, esse homem, não mexeram profundamente comigo. É melhor continuar seguindo esse fluxo.

— Eu também quero você.

Assim que coloca a camisinha, Christopher geme ao empurrar-se dentro de

mim, inebriado com o meu calor latejante envolvendo ao seu redor. Aperto a barra de ferro com força e curvo-me para recebê-lo até o fundo. Eu nunca tinha ficado tão excitada na vida, ao menos, nos últimos anos. Estou perdida em sensações, emoções, incapaz de manter o controle.

Estou à mercê desse homem.

Meus quadris dobram e eu grito ao tê-lo impetuoso, forte e profundamente. A mão dele continua em meus cabelos e a outra guia os movimentos de seu entra e sai. Os murmúrios de prazer de antes transformaram-se em palavras vulgares sussurradas em meu ouvido, unidas a grunhidos que arrepiam até minha alma.

O cara é fodidamente quente.

— Quero que saiba.... Que foi uma das melhores semanas da minha vida. — Christopher fala, comendo-me devagar o suficiente para apreciar as reações que o tesão provoca no meu corpo — Mesmo você me fazendo andar de gôndola.

Tento sorrir em meio aos gemidos, mas a maneira como ele move os quadris é insanamente boa. Minha cabeça cai no ombro nu dele e tudo o que sou capaz de fazer é assentir. Não há necessidade de dizer para que ele entenda, que, para mim, também foi uma das melhores semanas.

— Você vai ser a minha melhor lembrança de Veneza, *Sweetie*. — beija-me — Minha garota do cabelo rosa.

Engulo em seco. Sim, é uma despedida.

Ambos sabemos perfeitamente disso. E se é saudade o sentimento que emerge subitamente em meu peito, decido rejeitar. Será mais fácil assim.

Pegando-me com firmeza, ele acelera suas investidas mais uma vez. Seu ataque vem feroz, intenso. Estou perdendo a cabeça, rendendo-me ao orgasmo que culmina do meu centro e espalha-se rapidamente por todo o meu corpo.

Mais... Mais... Mais...

Ele moveu as mãos para segurar os meus seios pequenos e arrebitados, massageando-os enquanto mete incansavelmente.

Nenhum de nós se importa com a possibilidade de estarmos na mira de curiosos ou no que essa aventura pode ocasionar. Afinal, a paisagem e a intensidade do que compartilhamos nesse instante é maior do que tudo.

É o momento deles. O último.

— Diga o meu nome. — ele exige, golpeando-me, batendo e enterrando fundo.

— Christopher...

— De novo!

— Christopher... Christopher...

Eu também desejo ouvir meu nome sair de seus lábios em suspiros. Porém, tudo o que ele tem é um nome falso e que não pode ser desmentido.

Por que eu fui inventar essa droga? Ah, sim. Eu sei bem o porquê.

— Oh, vou gozar! — exclamo, à beira do ápice.

Num golpe seco, grito em libertação e o orgasmo me consome até eu que esteja em pleno êxtase sexual. Chris, por sua vez, aperta-me em seus braços enquanto goza vigorosamente e balbucia qualquer coisa sem nexo.

Através das pálpebras semicerradas e com a respiração ainda ofegante, a observo o canal e a cidade lá em baixo, pensando que acabo de vivenciar uma experiência magnífica e sem igual, ainda por cima com esse homem.

A ideia de fazermos sexo diante do Grand Canale pareceu uma estupidez de início, mas, depois do que senti, tenho plena certeza do contrário.

Christopher me abraça, seu queixo apoiado no topo da minha cabeça de fios. Mesmo que eu não queria aceitar, sei que *levarei mais dele do que esperava*.

Em dado momento, após tomarmos banho, abotoo minha camisa enquanto

Christopher amarra suas botas. Assimilar que não o verei mais assim que sair desse quarto de hotel faz uma sensação de afundamento atingir meu estômago, por isso faço o possível e o impossível para não o olhar – apesar de espia-lo vez ou outra, como a boa contraditória que sou (eu também devo ser masoquista).

Prendo os cabelos num coque e meus ombros sobem e descem em uma respiração profunda. Que merda! Por que estou assim, afinal?

De soslaio, espio-o novamente, ele está com as mãos apoiadas no colchão e a cabeça caída para trás. Seus olhos ficam grudados no teto por uns segundos, isso até ele dizer:

— Tem algo que eu gostaria de dar a você. — ergue a cabeça e eu o encaro, intrigada — O meu voo sairá às seis. Terei algum tempo antes de ir para o aeroporto. Você poderia me encontrar na Ponte Rialto, daqui a duas horas?

Eu apenas o observo.

Como se já não estivesse sendo esquisito o bastante ter que lidar com o desconforto em meu interior e o clima pesado que paira no quarto, ainda tenho que ir encontrá-lo antes da partida. Não seria um pouco demais? (O que não foi demais em nosso envolvimento?)

Minha mão coça para agarrar um cigarro. Estou ficando nervosa. Não podemos simplesmente pegar cada qual o seu rumo e ficar por isso mesmo? Quero dizer, uma despedida num hotel seria mais fácil do que em qualquer outro lugar. Especialmente quando não sei ao certo se quero me despedir.

Vendo a hesitação estampada em meu rosto, Christopher endireita-se e fala:

— Não tomará muito do seu tempo. Eu só quero lhe entregar uma coisa.

Num menear leve com a cabeça, eu concordo. Que porra estou fazendo?

— Ótimo. — responde ele.

Levantando-se da cama num impulso, se aproxima e pega minha mão. Leva até os lábios e beija, afastando-se em seguida.

O quarto cai no silêncio.

Sinto-me tão patética por um instante. Se não conseguimos dizer adeus nesse instante, como o faremos mais tarde, quando for para valer?

Ainda calado, ele caminha em direção a porta. No entanto, ao tocar na maçaneta, muda completamente de ideia e dá um passo para lançar-se nos meus lábios. Eu o aceito, desesperada. Beija-me fervorosamente, quase me esmagando em seus braços. Assim que nossas bocas se desgrudam, suspiro e olho-o diretamente nos olhos. São de um castanho tão vivo e brilhante.

Eu nunca esquecerei, mesmo que queira.

Sem dizer uma palavra, Christopher dá meia volta e sai do quarto. Sozinha, solto um suspiro resignado, apanho um cigarro no maço sobre a mesa e acendo. A fumaça sobe e logo dissipa com o vento que entra pela janela.

Eu tenho consciência de que sai do personagem em diversas vezes e que não posso cometer o mesmo erro de dias atrás. Por isso, ao olhar para a porta que ele acaba de sair, decido: *não irei encontrá-lo.*

Capítulo 10

CHRISTOPHER

Com os braços cruzados, examino a mala em cima da cama, tentando lembrar se esqueci de pegar alguma coisa. O equipamento fotográfico, como de costume, é sempre o primeiro a ficar pronto. Contudo, destoando de todos os seus pertences, encontra-se o pacote que fiz no dia anterior.

Pego-o e estendo diante de mim, analisando rapidamente. Graças à ajuda que tive da sobrinha do senhor Giuseppe, fiz um bom trabalho com o embrulho. Nem aparenta ter sido dobrado e desdobrado mil vezes, ou rasgado em pontos específicos e habilmente escondidos com fita. Está decente, o que já é um progresso para quem tem a fama de ser péssimo com tarefas do tipo.

Uma batida na porta chama a minha atenção. Olho para trás e encontro Yoan, que nem espera por uma aprovação para entrar. Coloco o pacote de volta na cama e fecho a bolsa de mão, não sem antes conferir o passaporte e a passagem.

Sentado na poltrona à alguns passos de distância, percebo de canto que Yoan acompanha silenciosamente meus movimentos que, sim, são uma tentativa esdrúxula de esquivar de prováveis perguntas.

O olhar do loiro recai sobre o embrulho na cama.

— Você vai mesmo entregar?

Paro no meio do quarto e o encaro. Reprimo um suspiro irritado e somente balanço a cabeça. Quantas vezes teremos que falar sobre isso? Eu já não estou com as malas prontas para ir embora? Qual é a merda de entregar o tal pacote?

— Onde vai encontrá-la?

— Na ponte Rialto.

— Dará tempo de chegar ao aeroporto?

— Claro que sim.

— Devo te esperar?

— Quantas perguntas... — bufo — Sim, pode me esperar. Apesar de que o seu voo sai quase uma hora depois do meu.

— Voos domésticos são tão burocráticos quanto os internacionais.

— Vamos lá, Yo, cartas na mesa. Ser sorrateiro não é o seu forte.

— Eu só estou preocupado. E você vai deixar as malas aqui. — dita, impassível.

Eu o observo, incrédulo.

— Mas que porra! Quantos anos você acha que eu tenho? Eu não vou fugir!

— Não se eu puder evitar.

— Qual é o seu problema?

— Só não quero que cometa uma besteira, Chris.

— E que tipo de besteira eu posso cometer? Eu só transei com ela.

— Não é o que parece para mim. — enfurece-se — Embora você seja muito sensato, Christopher, ficou tão aficionado naquela mulher do cabelo rosa que não duvido de mais nada, e eu não quero vê-lo arrependido mais tarde

Calo-me diante de suas palavras. Ele está malditamente certo. Merda! Eu não apenas passei as noites com ela, esbaldando-se em seu corpo, como a desejei além de quatro paredes. Como continuo desejando.

Quando eu disse que a queria, não foi somente pelo momento, eu reconheci a

mim mesmo que a queria até demais. Ela virou minha pequena obsessão, da qual preciso me livrar o mais rápido possível e, em contrapartida, nego-me a deixar. Ao olhar para a cidade depois de transarmos de frente para o canal, com ela aninhada em meus braços, e perceber que a normal e típica viagem de trabalho rendeu algo muito além do que esperava, tudo ficou muito claro.

Eu tenho que partir. Não só por isso, mas também porque, apesar da vontade de ficar, desejo voltar para casa e para a minha verdadeira vida. Para a pessoa com quem tenho um compromisso e sinto tanta falta.

As emoções dentro de mim não poderiam ser mais conflitantes.

Nervoso com o rumo da conversa e dos meus sentimentos, passo a mão entre os fios do meu cabelo e caio sentado na cama. Cravo os olhos em Yoan. Eu odeio bancar o canalha, mas devo tomar a decisão mais correta e nesse caso é não sair daqui. Tenho que, mesmo no final, tratá-la como todas as outras - embora ela esteja longe de ser como as demais.

Bendita hora que foi pedir para que me encontrasse antes de ir. Como poderia me despedir quando eu mesmo não sei ao certo como lidar com isso? É uma verdadeira merda. Qual é o seu problema afinal?

Bem, eu nunca passei mais do que uma noite com minhas transas casuais e menos ainda experimentei aquela estranha conexão com nenhuma delas.

Soltando o ar com força, levanto e pego o embrulho. Queria entregar a foto que tirei e num impulso emoldurei para presenteá-la. Porém, se o intuito é deixá-la como somente uma aventura nessa viagem, não devo tornar isso importante ao dar um presente com um significado.

Sem pensar duas vezes, estendo-o para Yoan e digo:

— Livre-se disso.

— Então, você não vai?

— Não.

O loiro põe-se de pé e toca o meu ombro.

— Você está fazendo o certo.

— Eu ia fazer o certo. – respiro fundo – Agora vá dar um fim nisso, que logo teremos que pegar aquela porcaria de *vaporetto* para a Piazzale Roma.

Quando ele saiu, esfrego as mãos no rosto e desabo sobre a cama outra vez. "*Como todas as outras, como todas as outras*", digo a si mesmo. Talvez se continuar repetindo, um dia acreditarei nisso. Espero que sim.

Convicto de que fiz o que precisava, apanho o celular no bolso e abro a galeria. Vejo pela última vez as fotos que tirei de Rebecca ao longo da semana. E, uma a uma, apago todas. Até mesmo a da Piazza, no dia em que a conheci.

Com uma sensação amarga na boca do estomago, me aproximo da janela e desejo que meu pedido de desculpas chegue até ela, pois não irei encontra-la como disse.

Minha aventura cor de rosa termina por aqui.

Capítulo 11

YANNA

No salão de embarque do Aeroporto Marco Polo, aguardo o anuncio do meu voo enquanto respondo alguns tuítes dos fãs na página oficial da editora. Eu adoro interagir com os leitores e sempre o faço quando tenho a oportunidade.

É engraçado e também gratificante ler tantas mensagens.

No entanto, há outra razão por trás da minha tentativa de distração nesse momento. Eu não quero pensar em Christopher, ainda que, irremediavelmente, o moreno de espírito livre e olhar sensual esteja enraizado na minha cabeça.

Ele partiu há quase um dia, já era tempo o suficiente para tê-lo superado. Só que não aconteceu. Cada beijo, cada toque, cada gemido. Minha mente está repleta de lembranças dos últimos dias e, como se não bastasse isso, ouvir uma playlist com várias músicas do Avenged Sevenfold não ajuda em nada.

Eu até usei um dos meus sprays coloridos para mudar os cabelos de rosa para lilás com o propósito de, se porventura acontecesse de esbarrarmos no aeroporto, Christopher não seja capaz de me reconhecer. Contudo, continuo inconscientemente (ou nem tanto assim) procurando a figura familiar dele pelos arredores. Pode ser mais contraditório? Melhor, o quão patético isso pode ser?

Quis acreditar que era tudo por causa do sentimento de culpa que me assolava, pois disse que iria encontra-lo e não apareci. Imaginar que ele ficou à minha espera até o último segundo, como prometeu aquele dia, me incomodou.

Minha força de vontade fraquejou tantas vezes enquanto andava de um lado para o outro dentro do quarto. Cheguei até mesmo a calçar os tênis para sair, mas pensei melhor e desisti ao considerar o que sentiria por vê-lo ir embora. Saber era uma coisa, ver era outra completamente diferente.

Eu não precisava de mais daquilo. Não mesmo.

Então obriguei-me a permanecer enfiada no hotel, trabalhando. Havia a possibilidade de ele mesmo não ter aparecido, no final das contas. Mas isso é algo que jamais saberei. Essa é uma dúvida (uma entre tantas) que precisarei conviver pelo resto da vida. O que não será necessariamente difícil.

Não é como se eu já não convivesse com coisas demais.

Guardando o celular no bolso do casaco, pego a mochila assim que anunciam do voo pelos alto-falantes, e encaminho para o portão de embarque. Reprimos a vontade de olhar em volta uma última vez enquanto caminho e faço o mesmo ao atravessar o corredor para dentro do avião.

Veneza deve ficar, assim como a aventura que vivi nela.

Através da janelinha ao lado de seu assento, observo a pista ficar cada vez mais distante conforme o avião decola. Subindo e subindo. A pista, o aeroporto, a cidade... Tudo fica pequeno e distante. Tudo fica para trás.

A viagem até Munique dura cerca de uma hora. O pouso no Aeroporto de Munch - Franz Josef Strauss é tranquilo e o desembarque também; dou uma boa olhada no prédio e seu imenso teto de vidro, e então caminho para a saída. Não é a primeira vez que visito a cidade, pois já estive na capital da região da Baviera há dois anos, para um congresso de literatura.

Em minha estadia, conheci diversos pontos turísticos e prometi a mim mesma que voltaria um dia. Logo, resolvo que passar algum tempo em Munique não é uma má ideia. Afinal, é a oportunidade de cumprir com a promessa que fiz e também uma excelente distração para os pensamentos inoportunos que estão me aborrecendo.

Com a mochila nas costas, percorro o enorme saguão até chegar a linha de trem S-Bahn. Por sorte a estação não está cheia, o que me possibilita sentar

em uma das cadeiras e esperar. Pelo que lembro, os trens costumam sair com intervalos de dez em dez minutos, porém, apesar de não ser muito tempo, estar acordada desde as cinco da manhã não está facilitando.

E uma vez que embarco, como o trajeto até a estação principal (Hauptbahnhof) durava uns 40 minutos, encosto a cabeça no vidro e me rendo ao sono.

Munique está, a grosso modo, da mesma maneira que a vi da última vez. Ao descer no centro, respiro fundo e observo ao redor. Diferente do aeroporto, a estação central está lotada. Há movimento por todos os lados e o alvoroço típico de uma grande cidade. A atmosfera urbana reina por aqui.

Minha primeira parada é em um Starbucks na saída da estação. Peço um bagel e um copo grande de café, finalizando com um delicioso waffle. Devoro tudo em questão de minutos. Por ser um voo rápido, não ofereceram mais do que um saquinho de amendoins e a minha refeição da manhã não foi das mais reforçadas, levando em consideração que sai apressada para o aeroporto.

Com o celular na mão e mastigando o ultimo pedaço generoso do waffle, abro uma página de acomodações. O objetivo é procurar um lugar para me hospedar. Na pressa para sair de Veneza e de tudo o que aquele lugar passou a representar, esqueci completamente de fazer reserva em algum hotel, e como já fiquei em um luxuoso nas margens do Grand Canale, pretendo ir para um lugar mais simples. Não que dinheiro seja um problema. Não é, nem de longe.

Encontro um hotel próximo, a apenas 15 minutos a pé, perto da praça Marienplatz. Lembro-me vagamente que o Teatro Nacional de Munique fica na região, conheci na visita anterior. Sem demora, salvo o endereço e deixo a cafeteria.

"Hotel Lux", é o que dizia o letreiro acima da porta. O prédio modesto e de cor beirando ao amarelo parece convidativo. Um pequeno hotel de três estrelas que servirá muito bem para os dias em que eu estiver na cidade.

Reparo que as ruas estão bem agitadas, mas, sem dar muita importância para

tal, entro e vou até a recepção. Um rapaz, atrás de um balcão velho de mogno, sorri assim que me aproximo. Ele não de se jogar fora, mas eu não tenho a mínima vontade de colocar alguém na minha cama tão cedo.

— Olá! No que posso ajuda-la? – cumprimenta o recepcionista.

No crachá, leio o nome "Joseph". Dando um sorriso, pergunto:

— Olá, Joseph. Vocês têm quartos disponíveis?

— Sim.

Depois de fazer o *check-in* e pagar a primeira diária, Joseph direciona-me para uma porta lateral, onde é possível ver a sombra de uma escadaria.

Diante do primeiro degrau, olho para cima. A escada de madeira em formato de caracol é longa e um tanto sinistra. As paredes contêm enfeites antigos (antigos mesmo!), bem como pinturas renascentistas e portas que parecem levar para outra dimensão. Se parecia convidativo, agora não parece tanto assim.

Sinto-me no cenário de um filme do Hitchcock.

— Percebi que a movimentação nas ruas está bem grande. – comento, puxando assunto para desviar do frio em minha espinha.

— Está acontecendo um festival de dança nos arredores do Teatro Nacional. Há atrações fora também, especialmente no parque Marienhof. – responde o funcionário enquanto guia-me para o quarto – São originalmente dois dias de apresentações, mas estenderam para três esse ano.

— Hum, que interessante. E hoje é o primeiro dia?

— Não, estamos no segundo.

Paramos em frente a uma das portas brancas horripilantes. Joseph fala:

— É esse, senhorita. – estende a chave – Se precisar de alguma coisa, basta usar o telefone ao lado da cama e falará direto na recepção.

Percebo uma pitada de malícia na voz dele, mas prefiro ignorar.

Apesar do exterior meio bizarro, o quarto é claro e arejado. Simples, mas agradável. Fico feliz que não precisarei lidar com figuras e enfeites antigos e medonhos nas paredes. Ainda bem.

Depois de fumar um cigarro e tomar uma ducha rápida, incentivada pela música que tocava em meu celular, jogo-me na cama.

Meus olhos voaram para o teto branco e ali ficam. "All'Improvvisto" da banda italiana Zero Assoluto, que escutei num bar em Veneza, soa e conduz minhas recordações para a semana passada.

*"Não me esquecerei
Talvez eu vou sentir sua falta
Você sabe que às vezes um adeus
É apenas um tchau.
Me preparo bem
Para perguntar como esta
Com um sussurro de voz te digo oi"*

Não é do meu feitio remoar ou cair no sentimentalismo. Tive minha cota há quatro anos. Foi um longo período. Às vezes ainda me aflige, mas aprendi a entorpecer e seguir em frente. A questão é que estou voltando a sentir demais.

Christopher despertou um lado meu que deveria permanecer adormecido.

Tiro o caderno de capa vermelha da bolsa e abro. Folheio as páginas que escrevi contendo cada momento de Veneza e fecho em seguida. Soltou um longo e profundo suspiro. Meu lado masoquista gosta de dar às caras de vez em quando. E é uma droga em todas elas, com certeza.

— Vida que segue, Yanna.

Levanto num pulo, largando o caderno na cama. Tenho que sair, espairecer. E

o festival parece uma excelente ideia. Desligo a música e trato de me arrumar.

Por não querer ficar enfiada debaixo do chuveiro para tirar a tinta do spray, meu cabelo continua lilás. Faço uma trança lateral, que pende em meu ombro, e dou-me por satisfeita; visto uma das minhas saias estilo hippie e calço sapatilhas confortáveis, já que pretendo caminhar para observar as apresentações. Apanho uma pequena bolsa de lado, somente para levar o celular e outros pertences, e saio.

O fluxo de pessoas na rua é grande e, quanto mais me aproximo do parque Marienhof, maior fica. Não é surpreendente chegar e encontra-lo cheio. Barracas de comida e bebida cercam o gramado, o que é ótimo, pois pretendo comer alguma coisa visto que perdi o almoço. Há grupos espalhados em cada canto e vários sons mesclando-se no ar.

Samba, jazz, pop... Escuta-se de tudo.

Caminho um pouco, observando e absorvendo o clima do festival. Sim, é disso o que preciso, de animação e ares novos. Música, dança e rostos desconhecidos.

Não muito longe, avisto uma roda. A maior entre todas. Deslumbrada e curiosa com o que vejo e ouço, achegou-me e tento esgueirar entre as pessoas para alcançar o centro, onde os músicos tocam o que parece ser música irlandesa. No entanto, fico presa e só sou capaz de ver parte dos bailarinos graças à minha altura. Eles mexem seus corpos numa dança improvisada, mas não menos bonita.

Um homem alto, de cabelos escandalosamente vermelhos e sorriso peculiar, diverte-se com sua dança descoordenada. Porém, diferente do que aparenta, é possível notar a leveza e graciosidade de seus movimentos. Ele bate palmas junto com o público e os impulsiona a interagir. Até eu me animo e começo a bater também.

A união dos acordes da gaita de fole e dos tambores, bem como do violino e da viola, brindam seus ouvidos. A atmosfera animada e as tentativas de sapateado do ruivo arrancam risadas fáceis de quem está assistindo.

Assim que a música termina, o tal rapaz faz uma reverência exagerada e sai, seguido pelos aplausos da plateia. Um burburinho se forma no instante em que outro dançarino entra e se eu já estava curiosa, o repentino rebuliço atíçame mais. O violino, antes alegre, soa lento. Algo está para acontecer.

Me espremo entre os demais e enfim consigo passar à frente, tendo uma visão que desperta completamente o meu interesse. No centro da roda, um homem chama toda a atenção para si. Há algo naquele dançarino que atraí os olhares alheios sem qualquer esforço. Tiro como exemplo o fato de que o meu está fixo nele. É uma força invisível que instiga a querer desvendá-lo.

Seguindo a melodia do violino, ele começa a se mover e penso estar hipnotizada, quase sob um feitiço. Se o ruivo era gracioso, não faço a mais vaga ideia de como descrever o homem de cabelos dourados que, com uma leveza e elegância admirável, dança como se fosse parte da própria música.

No entanto, mais do que hipnotizada pela dança, estou absorta na figura do loiro. Os músculos dos braços definidos saltam através da transparência da camisa larga que ele usa e... Céus! O que é aquele par de coxas? Não que me seja desconhecido que bailarinos tenham uma constituição corporal bem trabalhada, mas esse cara está em outro nível, sem sombra de dúvida.

E ainda tem aquela argola prateada sexy presa no lábio carnudo inferior, que, vez ou outra, ele lambe e prende entre os dentes da forma mais erótica imaginável.

De repente, sinto muito calor. Se o tal dançarino tiver metade da sutileza e dominância que demonstra entre quatro paredes, ele deve ser um amante sensacional. Sem contar aquela flexibilidade toda.

Oh, sim. Ele deve ser arrebatador na cama.

Por um instante, Christopher deixa de dominar seus pensamentos para dar lugar ao dançarino de cabelos loiros. Foi apenas um segundo, mas quem sabe dessa forma o fotógrafo saia definitivamente da minha cabeça. Talvez eu esteja disposta a abrir espaço para flertes outra vez.

Pensando seriamente na possibilidade e admirando-o sem um pinga de

vergonha, continuo batendo palmas uma vez que a música fica alegre de novo. E então que ele abre os olhos e, como se soubesse que estava sendo observado, encara-me.

Sinto todo o corpo ficar tenso. Não apenas pela força que o ato exerce inesperadamente em minhas terminações nervosas, mas porque vejo nitidamente que, debaixo dos cílios grossos, jazem duas lindas esferas azuladas.

Oh, não! Não, não e não!

Olhos azuis. Malditos olhos azuis.

Quero rir de nervoso. O universo está verdadeiramente conspirando contra mim. O gostoso dançarino é, simplesmente, o segundo tipo de homem com quem não me envolvo. Só pode ser brincadeira e de muito mal gosto.

Por que? Por que?

Tem como ficar pior? Ah, claro que sim. Pois não consigo desviar a atenção dele e nem de seus irritantes olhos. Bem como ele não faz a mínima questão de esconder que está me observando. Fico entre correr e me desmanchar com as fantasias que rondam minha imaginação e têm nós dois como protagonistas.

Os olhos dele não são um azul profundo e sim de um tom tão límpido que brilha como águas cristalinas banhadas pelo Sol. O cabelo louro o faz parecer com um anjo, não fosse a expressão ardilosa que denuncia claramente a sua aura diabólica. Ele tem um 'quê' de malícia e perversidade naquele rostinho aparentemente inocente. Um verdadeiro lobo em pele de cordeiro. Não que eu me importe com isso.

Na verdade, gostaria muito de ver o lobo despir a pele de cordeiro para me devorar inteira.

— Oh, pelo amor de Deus. De novo não! — repreendo-me.

É fato: preciso sair daqui e depressa.

Rota de fuga!

Tentando escapar da tentação que aquele cara representa, enfio-me no meio das pessoas. Porém, antes que eu possa correr, sinto uma mão alcançar a minha. Sequer preciso pensar muito para imaginar quem é. Ao virar, deparou com o bailarino. O sorriso dele pode quebrar qualquer mulher facilmente. E ele sabe muito bem disso, eu suponho, ao julgar a postura confiante que mantém.

Sem dar tempo para que eu planeje uma desculpa que seja, o tal bailarino puxa-me para o meio da roda e diz apressadamente:

— Tire os sapatos.

Mesmo atordoada com a rapidez dos acontecimentos, livro-me das sapatilhas com pequenos pulos desengonçados e deixo-me levar.

Péssima ideia.

A mão dele pousa em minha cintura e a outra uniu-se a minha mão livre. Estamos perto. Perto demais. Tanto que sinto nitidamente o odor cítrico de limão e laranja exalando do pescoço dele, uma mistura poderosa e sensual.

No ritmo alegre que o grupo de músicos toca com entusiasmo e das palmas da plateia, começamos a nos mover em torno da roda.

Mais saltitando do que propriamente dançando, sigo os passos do rapaz de cabelos louros e olhos azuis, que sorri de maneira divertida. Aos poucos, cativada pela melodia e a circunstância em si, permito-me relaxar e aproveitar.

É somente uma dança, afinal. O que de ruim pode acontecer?

A barra da saia paira na altura dos meus tornozelos com os rodopios e sinto a textura suave da grama em meus pés descalços. É gostoso. Apesar de a consciência do corpo firme colado ao meu e da mão espalmada na base da minha coluna tirar-me a concentração, tento curtir o momento.

O problema mesmo aparece quando, ao erguer o olhar, deparo com o

piercing. A argola reluz e chama a atenção para a boca carnuda dele, e o pensamento de que deve ser delicioso beijá-lo reverbera forte em minha mente.

"Não, Yanna. Nem pensar!"

Instantaneamente, abaixo a cabeça. Embora tenha "aceitado" a dança, não deixarei que passe disso: uma dança. Tenho que me controlar.

Bem, eu só não esperava que ele pretendia não facilitar as coisas.

– Ei, olhe para mim. – sussurra. Sua voz é suave e marcante.

Apenas finjo não escutar e continuo dançando, mas, no instante em que ele para, sem dar a mínima para a música, não tenho muita escolha assim que o meu queixo é erguido por dedos gentis. Trocamos olhares, antes de ele dizer:

– Aí está você.

Meu coração troveja dentro do peito. Vejo-me absorta pelos olhos do bailarino e o sorriso atrevido que faz o azul brilhar mais ainda.

Bem, aqui está a prova de que poderia SIM algo de ruim acontecer. No caso, ficar totalmente imersa nesse lindo homem de cabelos dourados e ar falsamente angelical.

O som dos tambores, do violino e da gaita de fole acelera. Repentinamente, a roda fica maior e as pessoas batem cada vez mais palmas enquanto outros casais juntam-se a nós no centro para acompanhar. Eu não tenho muita experiência com danças, mas intuo que esteja no fim, uma vez que todos estão rodopiando e saltitando mais rápido.

O bailarino intensifica o toque em minha cintura, prendendo-me contra o seu peito duro, e conduz os passos com euforia. Mesmo sem uma atitude mais ousada, o cara é malditamente quente, tenho que admitir.

O que está comigo, afinal?

Primeiro um fotógrafo e, de repente, um bailarino dos olhos azuis?

Mas que merda!

Quando a música termina, nossos rostos encontram-se à centímetros um do outro. As respirações ofegantes mesclavam-se no pequeno espaço que separa nossos lábios. Basta um movimento e nos beijamos.

Os olhos azuis estão fixos nos meus.

— Qual é o seu nome? – pergunta ele, sem me soltar.

Hesito um segundo antes de responder. Irei mesmo entrar nesse jogo?

— Poliana.

— Prazer, sou Elliot.

Eu o encaro.

Independentemente do quanto esteja atraída, não tenho certeza se estou disposta a abrir duas exceções numa mesma viagem.

Se uma já foi capaz de confundir os meus sentimentos, temo até imaginar o que o bailarino de lindos olhos azuis pode fazer comigo.

Capítulo 12

ELLIOT

Os minutos que antecedem a entrada no palco sempre me deixam agitado. Não importa quantas vezes eu tenha me apresentado na vida, continuo sentindo um embrulho na boca do estômago, assim como vontade de sair correndo.

Embora minha postura seja confiante a maior parte do tempo, sou o extremo oposto quando se trata de apresentações e a excelência do meu trabalho.

Independentemente das fugas com Vince para farrear, sou altamente focado em sua dança. Sou o primeiro a chegar e o último a sair do estúdio, passando horas a fio ensaiando e ensaiando, buscando superar a mínima falha que seja. Teve ocasiões em que cheguei a desmaiar de tanto cansaço.

Buscar a perfeição era é que eu constantemente faço, o que, por várias vezes, me deixou frustrado comigo mesmo. E apesar de estar policiando essa mania desagradável, não é raro um dos meus colegas advertir que estou exagerando.

Vince é um deles.

— Eli, relaxa. – diz o ruivo - Vai dar tudo certo. Apenas não se cobre demais.

Fácil dizer, não é ele que está uma pilha de nervos. Eu praticamente repassei o espetáculo inteiro no backstage e agora não paro quieto num canto. Saco!

— O Elliot está com aquela cor verde no rosto de novo. – um dos bailarinos comenta, observando-me balançar para cima e para baixo na ponta dos pés.

— Só espero que ele não vomite como da última vez. — outro fala.

Qual é? Por acaso algum de vocês limpa o meu vômito, caramba?

— Deixem-no em paz. — censura Bernard — Todos nós sabemos que ele fica assim antes de entrar em cena. Não é nada demais. Quando estiverem lá em cima, vai passar como em todas as outras vezes.

Os bailarinos concordam. Valeu! Logo em seguida, ele orienta:

— Vão para as suas posições. Somos os próximos. A meia hora de diferença de um espetáculo para o outro está prestes a acabar.

Fazemos mais alguns alongamentos, até alguém da produção gritar:

— Cinco minutos!

Vince dá risada. Provavelmente passei do estágio verde para o branco — de palidez mesmo. Meu amigo oferece um gole de água, que bebo mesmo a contragosto. Estava precisando.

Confiro o figurino pela última vez e coloco-me na posição ao lado do palco. Apesar das cortinas abaixadas, posso ouvir as vozes do público. A casa está cheia. Eu sei que a sensação sumirá no segundo em que eu pise no palco, mas sou incapaz de controlar o nervosismo que me aborrece no momento.

Alguém tem que me ajudar a superar o medo do palco.

Puxando uma lufada de ar, caminho até o ponto central e espero o sinal da produção. As pesadas cortinas vermelhas logo sobem. A luz do holofote acende. Encontro-me no meio do palco, todos os olhares atentos sobre mim.

No instante em que a música começa, toda a ansiedade desaparece como mágica. No lugar, paixão e domínio explodem em movimentos belos, fortes e precisos. Entrego-me a dança e tudo o que ela representa. Meu corpo e minha alma estão nesse palco, expostos para os desconhecidos que me assistem.

Como aquela pessoa diz: "sua essência vibra a cada pequeno gesto, cada passo."

Posso ser focado nos ensaios, mas liberto-me quando é para valer.

Os demais bailarinos entram em cena e a apresentação segue perfeitamente até o final. Palmas ecoam pelo Teatro Nacional. Fizemos um bom trabalho novamente.

Ao sair do palco, sinto-me uma nova pessoa. O tom esverdeado em meu rosto dá lugar a um sorriso satisfeito e não há mais resquícios de nervosismo.

Sim, uma nova pessoa.

Vince vem para o lado do amigo assim que saímos do palco e, uma vez que se assegura de que eu estou bem, pula em minhas costas e grita animado:

— Eu disse que tudo ficaria bem, porra!

— Cuidado com a boca, Vince! – o diretor reclama alto.

— Desculpe.

Solto uma gargalhada e jogo o ruivo para trás, querendo me livrar do peso em minhas costas. Vince tem razão, mas não consigo evitar.

— Obrigado por estar ao meu lado mais uma vez, Vi. – agradeço – Você sabe que eu perco a cabeça antes das apresentações.

— Oh, se sei. Além disso, fica meio verde também. É hilário.

— Claro que sim. – ironizo – Afinal, não é você que fica enjoado e em pânico.

— Esse cargo já é seu. – bate no meu ombro e desaba no sofá, respirando fundo em seguida – Engraçado que você não fica verde e nem enjoado quando está dançando na balada e agarrando alguma mulher.

— Lá eu estou me divertindo. Não há ninguém para avaliar a minha performance e nem uma companhia inteira dependendo do meu desempenho.

Vince concorda. Sabe o quanto vejo-me pressionado a cada apresentação, sem contar as exigências que faço a mim mesmo. Ser o bailarino principal de

uma renomada companhia de dança às vezes é um fardo muito grande. Mas eu não trocaria isso por nada nesse mundo – exceto por uma coisa.

— Bem, vamos mudar de assunto. – fala o ruivo – De qualquer forma, amanhã teremos mais para conversar sobre a sua síndrome da cara verde.

Reviro os olhos e bebo uma garrafa de água num só gole.

— Fiquei sabendo que está rolando apresentações nas proximidades do teatro. Poderíamos sair para dar uma olhada no que está acontecendo.

— E você acha que ele vai permitir a nossa saída depois do que aprontamos? – debocho – Você é realmente muito otimista.

— Qual é, Eli! Não vamos fazer nada demais, só ver as outras apresentações.

— Diga isso a ele.

— Você sabe que é mais fácil ele cair na sua lábia. Então...

— Pelo amor de Deus, quantos anos você tem?

— Idade o suficiente para saber que é mais fácil conseguir as coisas usando você.

Mostro o dedo do meio e entro no banheiro apertado do camarim para tirar o suor do corpo como uma ducha rápida.

Quando saio, vestido apenas com uma calça jeans e com os cabelos molhados, alcanço minha *nécessaire* na bolsa e pego, não somente os itens de higiene, como também o meu piercing. Uma pequena argola de prata.

— Resolveu colocar de novo? – indaga meu amigo.

Mexo na argola que coloquei no meio do lábio inferior com a ponta da língua e depois prendo entre os dentes, mania que adquiri conforme o tempo.

— Gosto do meu piercing, mas não posso usá-lo muito durante as temporadas. O Adam enche o meu saco por causa disso, você sabe. Já foi uma briga fazê-lo não cismar com as minhas tatuagens, e olha que são poucas

as vezes que eu mostro o peito.

Tenho duas tatuagens, uma de cada lado do meu tronco. Inscrições chinesas que descem do peito até o osso do quadril, que significam "*O momento mais belo e feliz da vida*". E outra na costela do lado direito, escrito "*Nevermind*".

Cogito fazer uma terceira, mas é um plano para o futuro.

Logo depois que nós bailarinos estamos banhados e trocados, o diretor Adam juntamente com o coreógrafo Bernard nos reúne para parabenizar o excelente trabalho e dar algumas orientações em relação as composições do espetáculo.

— Por enquanto, estão dispensados. — diz Adam — Descansem que amanhã o nosso horário será mais cedo.

Uma vez que somos liberados, não perco tempo e corro para abordar o diretor. Ele suspira ao notar a expressão pidona no meu rosto.

— Tudo bem se formos andar pelo festival? — pergunto — Gostaríamos de ver as apresentações das outras companhias.

Vince que está ao lado, sorri amarelo e lança uma piscadinha.

— Se tem uma forma de contrariar vocês dois, teria que descobrir mais para frente. — ele suspira, resignando-se — Está certo. Mas não voltem tarde, pois amanhã teremos o último espetáculo.

— Sem problemas.

— Sem problemas mesmo, Elliot Park. Nenhum problema. E sem visitas também.

Ergo as mãos e concordo sorrindo.

Adam balança a cabeça e faz um gesto para desaparecermos da sua frente antes que se arrependa de deixar-nos sair.

Após pedir para um dos nossos colegas levar as bolsas de volta para o hotel, saímos para explorar os arredores do Teatro Nacional.

A praça em frente ao prédio do teatro está bem agitada. Pessoas perambulam de um lado para o outro, e ouve-se os mais variados tipos de músicas e muitas risadas. Não podíamos estar mais felizes. É como o paraíso na Terra.

Cada qual com o seu bretzel na mão e um copo grande de cerveja na outra, descemos a rua em direção ao Parque Marienhof, percurso que não dura mais do que quatro minutos. Ao nos aproximarmos, vemos grupos espalhados e barracas de comida e bebida nos entornos. Como prevíamos, está lotado.

Sentamos em um dos bancos para terminar de comer enquanto observamos a movimentação em volta. Tanto eu quanto Vince gostamos do clima que envolve os festivais. É alegre e contagiante. Leva qualquer cansaço para longe.

Depois de bebermos mais um copo de cerveja, saímos para andar. Estamos atravessando uma das trilhas de cascalhos que rodeia o parque quando escutamos um som bastante familiar. Paramos e olhamos para a roda à alguns metros de distância. Num entendimento mútuo, chegamos mais perto.

— Isso é música irlandesa? – indago.

— Pode apostar que sim!

Nos apertamos entre as pessoas da roda e eu vejo, além dos músicos, dois bailarinos entretendo o público no centro. Tenho até medo de olhar para o lado de Vince, mas o faço e não é necessário mais do que isso para que ele, com toda a sua cara de pau, peça para entrar na dança e me arraste junto.

Tiramos os tênis e deixamos num canto próximo de onde aos pertences dos integrantes estão. Entrando no clima da roda, começamos a acompanhar os outros bailarinos. Meu amigo arrisca passos de sapateado enquanto eu sorrio e bato palmas assim como os demais. Divertimo-nos como se não houvesse amanhã.

Logo que a música termina, ele faz uma reverência exagerada que arranca risos dos que assistem, e caminha para fora do centro.

— Sua vez. – diz o ruivo, tocando o meu ombro e o incentivando-me a ir.

Alongando os braços, tomo o lugar que antes era do amigo e fecho os olhos para me concentrar. O violinista dá início a uma melodia lenta, suave, e eu apenas balançou junto no mesmo ritmo. Meu corpo vai ganhando vida própria, moldando-se a cada acorde como sempre faço. Unindo o que sei de dança tradicional aos passos contemporâneos, mergulho no momento.

Ouvindo os aplausos, rodopio e abro os olhos para observar a plateia. Mas minha intenção é completamente quebrada ao deparar-me com ela. Com aqueles espetaculares olhos verdes, que embora pareçam espantados por alguma razão, reluzem com a luz da tarde. Acho que caí em um feitiço.

"Uau!"

Os cabelos presos em uma trança têm um bonito tom de lilás, que sobressai em meio aos cabelos normais e sem graça. Além disso, ela veste uma saia colorida e cheia de símbolos indianos, chamativos demais para que ninguém notasse, inclusive eu.

É uma peça rara.

Sem desviar o olhar mais do que o necessário, continuo dançando, pensando numa maneira de falar com ela. Preciso falar com ela. Aquela mulher acendeu o meu desejo simplesmente por estar ali e isso é algo incomum até mesmo para mim.

Mas como farei? Ainda que eu esteja forçando minha cabeça a trabalhar, a única coisa da qual tenho certeza é que eu a quero, não importa como.

A música soa mais rápida. Mesmo fazendo o possível para me concentrar, sei que o meu foco deixou de ser a dança há muito tempo atrás. Provavelmente estou fazendo papel de ridículo na frente de todas essas pessoas, mas não dou a mínima. Minha completa atenção pertence a linda mulher de olhos verdes que...

Oh, não! Está indo embora?

Alarmo-me. Não, ela não pode ir. Nem pensei em como se aproximar e já estou perdendo a minha chance? Não, nem ferrando!

Vai ter que ser na base do improviso.

Num ato impulsivo, corro até ela e agarro-lhe a mão que, como imaginei, é macia. À não ser pela leve aspereza nas pontas dos dedos; surpresa, ela me encara com seus grandes olhos claros, tão claros quanto os seus, e faz o meu coração se agitar.

Sequer dou-lhe a oportunidade de pensar e nem ao menos de negar, apenas puxo-a para o centro da roda e digo rapidamente:

— Tire os sapatos.

Com pequenos pulos desengonçados que julgo adoráveis, vejo-a jogar as sapatilhas para longe, e não demoro a pegá-la firme pela cintura para guiá-la ao compasso da música.

Não sei explicar e menos ainda entender o que sinto ao tê-la tão próximo, perfeitamente encaixada em meus braços e aspirando o cheiro de algodão doce dos cabelos lilases. E a trança? Cacete! Está me dando tantas ideias que se tornou quase impossível não ficar excitado.

Imaginar sua trança presa em torno do meu pulso, seus olhos verdes vibrando de prazer e tesão, faz o meu corpo responder imediatamente.

No entanto, a ligação que os une se desfaz no instante em que ela abaixa o olhar e nega-se a me encarar de novo. Um desconforto súbito acerta-me.

— Ei, olhe para mim. – sussurro.

Por um segundo, tenho a impressão de senti-la estremecer. Mas ela não me olha e nem responde. Então, sem dar a mínima para a música, eu paro. Meus dedos tocam suavemente o queixo dela e o levanto, seus lindos orbes esverdeados fitam-me fixamente. Como pode ser tão encantadora?

— Aí está você.

Ela me encara e vejo-me absorto por sua beleza.

Céus! Eu quero tanto vê-la e ouvi-la gemer forte enquanto a penetro fundo.

Notando a canção acelerar, dou um sorriso, prendo-a contra o meu peito e a pego firme pela cintura, conduzindo os passos com animação. Dançamos junto aos outros casais, saltitando e rodopiando, até que a música termina.

Ofegante, encaro-a. Nossos rostos próximos um do outro.

— Qual é o seu nome? – pergunto, sem soltá-la.

— Poliana.

— Prazer, sou Elliot.

Um passo. Um simples passo e eu a beijo.

Fico tentado. Muito, muito tentado. Os lábios rosados dela são um pecado de tão convidativos. E eu teria feito se não fosse um grito muito familiar interromper o clima. Suspiro e olho para trás. FRANZO o cenho ao ver meu amigo agitado.

— Vi?

— Aquele moleque roubou os nossos tênis! – o ruivo berra.

— O que?! – grito de volta, afastando-me de Poliana.

— Não fique aí parado, merda!

Olho rapidamente para a linda mulher ao meu lado, num pedido mudo de desculpas, e não demoro mais do que um segundo para sair em disparada.

Nós corremos pelo parque atrás do garoto, que segura os tênis como se a sua vida dependesse disso. Meu amigo grita "*pega ladrão!*" de cinco em cinco segundos, tão alto que parece a sirene de uma viatura.

— Alguém pare esse garoto! – exclamo.

Estou ficando cansaço.

Seria o tal garoto um pupilo de Usain Bolt? Porque ele corre demais.

— Moleque do caralho...! – ouço Vince resmungar, nervoso e já ofegante

como eu – Eli, vamos pegá-lo na entrada daquele prédio ali. – aponta – Vá por aquele lado.

Assinto e corro para contornar uma barraca, sem perder o ladrão de vista. Apresso mais o passo num último esforço, e teria aplicado um movimento de futebol americano no furtador de tênis se Poliana não surgisse de repente e segurasse o garoto com força pela gola da camiseta, fazendo-o parar de imediato.

Vi e eu paramos diante dela, vergonhosamente ofegantes e igualmente surpresos. Com o tumulto, um policial – enfim – aparece e nos aborda.

— O que está acontecendo aqui? – pergunta o oficial em alemão.

Meu amigo e eu nos entreolhamos, sem entender uma palavra.

— O garoto roubou os tênis desses senhores*.

Ouçõ a voz suave de Poliana responder em alemão. Ela lança uma piscadinha e começa a explicar ao policial o que exatamente aconteceu.

Somos liberados depois de alguns minutos. O garoto é levado pelo oficial para a delegacia e nós calçamos os tênis para evitar de acontecer de novo.

Uma vez já basta.

— Obrigado – agradeço a Poliana.

— Sim, muito obrigado. – responde Vi.

— O que isso, imagina. Eu só quis ajudar.

— E ajudou, com certeza. – comenta o ruivo, arrancando risadas nossas. Em seguida, olha para mim – "Tá vendo?! Se o seu pai fosse alemão, poderia ter respondido.

— Cale a boca, Vi!

Meus olhos recaem sobre a mulher de cabelos lilases e ali ficam. Ela é linda, porra, como é. A cor de seus cabelos, assim como o seu cheiro, lembra

algodão doce, e eu não tenho dúvidas de que o sabor dela é tão doce quanto.

Deliciosamente viciante.

Ok, eu confesso, estou fascinado por essa mulher. Ela possui algo de peculiar e que vai além dos fios arroxeados. Os olhos verdes e expressivos dela são provocantes. De alguma forma, ela carrega um ar de mistério que me incentiva a querer desvendá-la. Há uma força atraindo nós dois. Uma força que já experimentei antes. Ou talvez seja apenas coisa da minha cabeça.

A questão é que não estou agindo como o de costume, exalando o meu "charme". Estou apenas admirando-a, o que é muito estranho.

— Oh, olha só a hora! – exclama o meu amigo de repente, chamando a nossa atenção – Lembrei que tenho algo para fazer, então estou indo primeiro.

O ruivo oferece um sorriso para Poliana e bate no meu braço antes de sussurrar:

— Está aí o seu empurrãozinho.

Ele sai com as mãos dentro dos bolsos e eu não sei se agradeço o meu amigo pela oportunidade de deixar-nos à sós ou se o soco por ser tão óbvio.

Dizer que o clima não ficou esquisito seria uma mentira. Pigarreio, inusitadamente encabulado. Sinto-me um adolescente e nem estou com Vince ao meu lado para isso.

Que porra está acontecendo afinal?

— Posso convidá-la para uma bebida? – pergunto, quebrando o silêncio.

Poliana respira fundo. Não é um bom sinal.

Eu somente a observo. Pela atitude dela, não é difícil entender que levarei um belo e sonoro "*Não!*". Geralmente eu não daria importância, se uma mulher diz não estar à fim, eu respeito e parto para outra. Afinal de contas, existem várias mulheres no mundo. Mas, sinceramente, essa é uma que não estou disposto a perder. E não interessa o que precisarei fazer para conseguir.

Implorar, rastejar... Dignidade não é uma opção nesse momento.

Porém, quando Poliana suspirou e vira para falar, faço o que meu instinto e minha veia impulsiva mandam. E não é implorar e muito menos rastejar.

Eu a beijo.

Penso que serei empurrado e levarei um tapa na cara, mas é exatamente o que não acontece. Se eu a surpreendi ao beijá-la de repente, ela me surpreende mais ainda ao agarrar-me pelos cabelos e devolver o beijo com vontade.

Nossos ritmos não estão tão diferentes assim.

Capítulo 13

YANNA

O certo seria eu estar ofendida, empurrá-lo para longe e estampar o seu lindo e sedutor rostinho com o desenho da palma da minha mão dando-lhe um belo tapa. E o que eu faço? Enfio os dedos entre os fios dourados e macios de seu cabelo, e o beijo de volta como se precisasse de ar para respirar ou ele fosse o último copo de Coca-Cola gelada no deserto.

Isso Yanna. Parabéns, parabéns.

Até segundos atrás, eu queria distância da tentação de olhos azuis e agora estou enroscada com ele. Já não bastava o fotógrafo gostosão de Veneza?

Não, claro que não.

Aí, aí... A quem eu quero enganar? Deveria virar crime ser tão hipócrita. Porque, ainda que eu me repreenda, a minha boca continua grudada na dele e, meu Deus, que beijo bom esse homem tem! Sua língua reivindica a minha, suas mãos me tocam com tanta intensidade que sinto estar prestes a derreter.

Não é duro e exigente igual ao Christopher, mas exageradamente passional. O movimento dos seus lábios é delicado e preciso. Seu toque é cálido e envia centelhas de desejo por todo o meu ser, tanto que me encontro à ponto de empurrá-lo na grama e fazer os nossos corpos dançarem juntos, mas de outro jeito. Um mais íntimo e bem, bem mais prazeroso do que antes.

Admito que precisava de uma boa e aceitável desculpa para não me culpar na manhã seguinte – se esse beijo maravilhoso levar à outra coisa. Ele começou, então... O que eu posso fazer, não é mesmo?

Estou tão concentrada em querer arrancar suas roupas que tomo um baita

susto ao ouvir um pigarro irritado. Nós nos afastamos e damos de cara com uma senhora nada feliz ao nosso lado, observando-nos com reprovação saltando dos olhos. Tanto eu quanto Elliot ficamos sem jeito. Esquecemos completamente, envoltos em nosso beijo, que estamos em um parque em plena luz do dia e rodeados por várias pessoas – inclusive crianças.

Acho que nos empolgamos um pouquinho demais.

— Desculpe* — digo para a senhora em alemão e suspiro.

Ela mantém o olhar desaprovador e resmunga algo que me faz rir antes de virar e caminhar para longe. Elliot, que parece não entender, olha-me e pergunta:

— O que ela disse?

— Ela disse: “não importa o quão bonito ele seja, procure um quarto”.

— Sério? – arregala os olhos, comicamente desconcertado.

— Sim. – dou-lhe um sorriso.

Ainda que estejamos sorrindo, noto que também estamos ambos sem graça. Não somente pelo que acaba de acontecer com a senhora, mas por conta do beijo de minutos atrás. Afinal, quantas emoções um mero beijo é capaz de causar?

Se bem que esse beijo foi tudo, menos banal.

— E então, você.... Ainda aceita aquela bebida? – ele pergunta, passando a mão nos cabelos e jogando-os para trás. Provavelmente é uma mania, pois o vi fazendo isso mais duas vezes. Reconheço que é uma mania bem sexy.

Novamente, fico sem saber o que responder.

Por que raios eu fui ajudar? Ah claro, porque era o certo a fazer. Falando francamente, eu nem pensei direito quando sai correndo atrás do tal garoto. Mas agora, mais do que lidar com o pedido de sairmos para beber, tenho que lidar com a sensação e o gosto delicioso do beijo que ele me deu.

“*Dê o fora! Dê o fora!*”, meu bom senso diz uma coisa, mas o meu corpo deseja outra. Quero o toque desse homem na minha pele de novo, assim como sentir o meu corpo encaixando-se no dele. São ambições demais por alguém que pode causar tanto quanto um certo fotógrafo moreno e lindo causou em Veneza.

Temo sair do personagem novamente, sem contar que já tenho ideias o suficiente e que estão rendendo bons frutos. Então, não há motivos para entrar na jogada outra vez, certo? Certo?! Ah, merda! Eu só quero entrar, mesmo sem ter droga de razão alguma. O que fazer? O que fazer?

“*Seja sensata, Yanna. Seja sensata!*”

— Terei que beijar você de novo?

— O que?

— Não que seja um problema para mim, posso fazer isso o dia inteiro se você permitir.

Encaro-o.

Sinto uma sensação de ardor quando seus olhos azuis se inclinam sobre mim. Sinceramente, espero não me arrepender do que estou prestes a responder. A verdade é que só estou me deixando levar pela corrente.

— Tudo bem. Eu aceito a bebida e a sua companhia também.

Elliot sorri, fazendo seus olhos fecharem graciosamente. Se ele não fosse tão sensual (e atrevido), eu facilmente o taxaria como fofo.

— Conhece aquela cervejaria famosa aqui de Munique? – pergunta.

— A Hofbräuhaus? Sim, já visitei uma vez.

— O que acha de irmos até lá? Ou prefere algum outro tipo...

— É uma excelente ideia. – corto-o, animada em voltar a Hofbräuhaus.

Lado a lado, caminhamos em direção a cervejaria que, se não me engano, fica

algumas ruas abaixo, na praça Platzl 9. No trajeto, Elliot conta que está na cidade com a companhia de dança na qual trabalha e que estão participando do festival. Ele também pergunta no que trabalho e porque estou em Munique e eu, como faria de costume, dou-lhe uma resposta vaga e fica por isso mesmo.

Ainda bem.

A cervejaria Hofbräuhaus é uma das principais atrações turísticas da cidade, logo, não admira encontrá-la bem movimentada. O festival provavelmente também contribuiu para isso. O lugar é animado, caloroso e uma viagem no tempo.

Afinal, possui mais de 400 anos de existência.

No salão principal para o qual somos levados há uma banda, que toca o tempo todo músicas tradicionais da Baviera e estão vestidos a caráter. A casa está cheia e o aroma das comidas típicas que paira no ar enche a minha barriga de fome.

Elliot pede uma hofbräu original e eu vou de münchenner weisse. Conversa vai, conversa vem, e um prato de Weisswurst (salsicha branca) é colocado a nossa frente juntamente com bretzel e mostarda escura. Huuuuummm.... Dá até água na boca (não tanto quanto o homem sentado bem a minha frente).

— Seu cabelo sempre foi dessa cor ou você já tentou outras? – pergunta.

— Eu mudo constantemente a cor do meu cabelo. Já pinteí de verde, azul, vermelho.... Depende muito do meu humor, para falar a verdade.

— Então você é como a Ninfadora Tonks?

— Você é fã de Harry Potter? – meus olhos se abrem surpresos.

Sorrio com sua expressão também surpresa. Acho que ele não esperava que eu entendesse a referência. Por favor, sou uma escritora (não que ele saiba) e seria quase um ultraje eu não conhecer e amar Harry Potter.

Daniel vive enchendo o meu saco dizendo que a minha carta está atrasada.

Uns 17 anos, mais ou menos.

— Seria louco se não fosse. – ele responde, convicto – E, bom, acho que nem preciso perguntar isso a você.

— Potterhead é o meu nome do meio.

— Não que seja raro, mas é bom encontrar outros fãs de Harry Potter além de mim. Quero dizer, pelo menos da minha idade.

— Você fala como se fosse muito velho. – retruco, roubando um pedaço de bretzel do seu prato e colocando na boca.

— Acredite ou não, eu já tenho 29 anos.

— Oh! Sério? – ele balança a cabeça – Bem, eu tenho 28.

— Uma criança ainda.

— Não exagere...

— É verdade. Eu lhe daria no máximo 20 anos.

— Vou fingir que acredito e aceitar a sua bajulação.

O loiro sorri e põe uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Não é bajulação, estou sendo sincero. – sussurra — Você é muito linda.

Droga! Minhas bochechas estão ardendo.

Ele é o segundo homem que me faz corar dessa maneira. O outro, claro, foi o senhor descarado de olhos castanhos e o corpo cheio de tatuagens em Veneza.

Mesmo encabulada (e feliz) com seus elogios, prossigo com a conversa como se até minutos atrás não estivesse mais vermelha do que uma beterraba. Em compensação, não dispenso os toques fingidamente descompromissados de Elliot e não perco a oportunidade de tocá-lo também.

Eu não sou boba, ok?!

A banda toca uma canção bastante conhecida e todos erguem os canecões e gritam juntos. Nós rimos, e fazemos o mesmo. Não entendo muito bem, mas acredito que estão cantando “*ein prosit der gemütlichkeit*”. Algo que significa “*Um brinde ao aconchego*” ou coisa parecida.

Sequer vemos o tempo passar de tanto que estamos nos divertindo.

Depois de seis (talvez sete) canecões, já estou vendo dobrado e rindo além da conta. Tinha esquecido como as cervejas alemãs são fortes. Nós falamos sobre tantas coisas e estou tão “alegre”, que não faço ideia de como entramos no assunto, apenas ergo a cabeça e sigo o raciocínio quando ouço-o perguntar:

— Por que está dizendo isso?

— Porque essa é a verdade. Homens gostam das mulheres certinhas, as "recatadas" e com ar "ingênuo". Eles podem dizer que adoram uma mulher independente e resolvida quanto a sua sexualidade, sem medo de mostrar seus desejos. No entanto, a verdade é que a maioria tem medo de se relacionar com mulheres assim. Tais características são como um risco para a masculinidade. Afinal, homens gostam de estar no controle e também de mostrar suas esposas perfeitas para todo mundo.

— Essa sua concepção não é um pouco deturpada? Veja bem, não somos todos assim.

— Como disse, não são todos, mas a grande maioria. — dou um gole na bebida — Acha que estou errada?

— Sinceramente, tem o seu fundo de verdade. Não posso discordar.

— Tome como exemplo os romances. O cara principal sempre se apaixona pela protagonista inocente e diferente, que é romântica e não suporta a ideia de sexo só por uma noite, que precisa de um relacionamento para viver. Logo, todas as outras mulheres com quem ele se envolveu passam a ser taxadas de vagabundas ou sem valor, sem importância. E por que? Porque elas simplesmente jogavam o jogo e não queriam mais do que isso. Qual o problema de a mulher ter sexo casual com quem ela quiser, afinal?

— Absolutamente nenhum. — põe os cabelos louros para trás e encara-me com seus hipnotizantes olhos azuis - Mas não são as próprias mulheres que curtem esse tipo de romance? Onde a protagonista dá a redenção ao cara cafajeste e que tem pavor a relacionamentos? E que eu, particularmente, acho um saco.

— Aí é que está! — dou um tapa contra o tampo da mesa e só então percebo a minha súbita indignação, fazendo-o rir. Não me deixo abater pela vergonha e apenas prossigo - Entende como nós mulheres temos uma visão meio deturpada do que pode ser romântico ou não? Claro que há várias formas de romance, mas estamos sempre expostos àquela que nos é imposta como a certa ou essa coisa de domar, mudar o homem. Além disso, porque raios a mulher sempre precisa mudar o homem? Ele não consegue fazer isso por si só?

— Parece que, assim como os homens gostam de mostrar suas esposas perfeitas, as mulheres gostam de se vangloriar por ter domado o bad boy.

— E isso não é um saco? — suspiro, revirando os olhos em puro tédio — Não importa o quanto as pessoas falem que gostam de um jeito x ou y, no final elas sempre acabam com o óbvio. Bem, na maioria dos casos, pelo menos.

Elliot me observa por um instante enquanto dá um longo gole em sua cerveja. Eu faço o mesmo e como o pedaço de bretzel que sobrou em meu prato.

— E outra... — volto a falar — Quem deu a ideia idiota de que para amar precisa sofrer? Quero dizer, não que isso não esteja implícito no pacote, porque amar as vezes é doloroso mesmo. Mas a pessoa precisava se martirizar só para estar ao lado da outra? Ser até humilhada? O quanto isso é péssimo?

— Depende da situação. — ele se endireita na cadeira.

— Como assim?

— Quando você diz humilhado, o que quer dizer?

— Ser humilhado por quem se ama. Tipo quando o cara é um canalha e a

mocinha ingênua sofre na mão dele, às vezes sofre violência física e emocional, e ainda insiste até o dito cujo se apaixonar, como se o amor fosse suficiente para curar tudo o que o idiota fez por tanto tempo. Sério, desde quando é romântico estar em um relacionamento abusivo?

— Infelizmente, as pessoas não entendem certos assuntos até sentirem na pele.

— Isso é realmente horrível.

— Concordo com você.

Ficamos calados, cada qual olhando para a sua caneca de cerveja. Não que eu tenha a obrigação de impressioná-lo, mas se eu quero leva-lo para a cama essa noite, a última coisa da qual deveríamos estar conversando é sobre isso. Não que eu vá mudar o meu posicionamento, porém, sei como os homens funcionam. E, definitivamente, não são todos que sabem lidar com esses temas.

— Como raios entramos nesse assunto? – indago, soltando uma risada e sentindo-me tola — Eu devo estar parecendo uma louca e você me achando uma chata.

— Muito pelo contrário. – responde ele, dando-me um sorriso — Gosto de ouvi-la expor suas opiniões, de notar como não tem receio de pôr as questões na mesa, mesmo diante de um homem que, muito provavelmente, poderia achar o assunto uma merda feminina.

— Você acha esse assunto uma merda feminina? – questiono.

— De maneira alguma. Sendo sincero, acho engraçado e ao mesmo tempo admirável vê-la falar com tanto entusiasmo, ao invés de estar tentando desesperadamente me impressionar com gestos sensuais ou qualquer outra coisa do tipo. Não que você não seja naturalmente sensual, vale ressaltar.

Ok, acho que acabo de subestimá-lo. Eu não esperava que ele fosse tão atencioso e gentil, menos ainda que poderia continuar sendo libidinosamente encantador. O que eu faço? Ele está superando as minhas expectativas.

O que por um lado é bom, por outro nem tanto.

Ou ele pode estar dizendo tudo isso apenas para me levar para a cama, o que também teria seu lado bom e ruim. Bom porque ele quer o mesmo que eu (transar e acabou) e ruim porque ele não passa de um canalha, assim como os outros.

Sinceramente, eu ficaria um pouco decepcionada se fosse o caso.

Sáímos da Hofbräuhaus depois das oito. Não ficamos para o jantar, pois bebemos e comemos tanto que seria impossível ingerir mais alguma coisa (ao menos, no meu caso); a noite está agradável e a praça Platzl 9 iluminada, exibindo toda a beleza de Munique. Essa cidade é fantástica.

Elliot estende a mão para segurar a minha e eu acabo cedendo. Engraçado que sua mão não é tão grande como a de Christopher, mas ainda assim é acolhedora e nitidamente masculina, além de ajustar-se perfeitamente a minha.

Por que eu estou pensando no fotografo de novo?

Pare com as comparações, Yanna!

Eles são homens diferentes, com personalidades diferentes, e que.... Me afetam da mesma maneira.

Não é uma droga?

Caminhamos um tanto cambaleantes ao longo da Platzl 9, trocando risadas e beijos que me deixam mais bêbada do que todas as cervejas que tomei durante a tarde. Mais do que um sorriso fácil, Elliot também é um beijoqueiro natural e estou me aproveitando muito bem disso.

Se antes eu queria levá-lo para o meu quarto, agora quero mais ainda. E do jeito que age, sei que também me quer. Se não me engano, o hotel em que estou hospedada não fica longe daqui. Logo, melhor irmos direto para lá do que procurar um outro.

Estamos cruzando a rua que leva de volta ao parque Marienhof, quando o

puxo para um beijo e sugiro:

— O que acha de irmos para o meu hotel? É aqui perto.

Ele me observa. Observa até demais.

Um homem nunca observa tanto quando algo não está errado e, considerando que tive essa experiência há menos de dois dias atrás, eu sei que tem alguma coisa estranha no ar.

— Sei que vou me arrepender muito do que direi agora, mas... — ele solta um longo suspiro e segura minhas mãos — Eu não posso.

Encaro-o, um tanto desconcertada. Eu acabei de levar um fora? Sério isso?!

Devo ter um ponto de interrogação desenhado no rosto, por que Elliot acaricia a minha bochecha e faz com que eu olhe diretamente para ele.

— Amanhã terá a última apresentação da companhia de dança na qual eu trabalho. Eu não posso voltar tarde para o hotel e estou um pouco embriagado, o que pode ser péssimo para o meu desempenho no palco. — explica, observando-me atentamente — Me desculpe. De verdade.

Pode ser mentira? Claro que pode. Mas, no fundo, eu acredito nele.

— A apresentação será no Teatro Nacional, às 11:30h da manhã. Gostaria que você fosse. - ele continua, ainda tendo seus espetaculares olhos azuis sobre os meus - E depois da apresentação, bem.... Você pode fazer o que quiser comigo.

Dou risada. Que cara de pau!

Já vai me deixar aqui toda excitada e ainda tem a audácia de falar uma coisa dessas? Eu deveria mandá-lo a merda, com certeza. No entanto, estou mais suscetível a levar isso como uma preliminar demorada.

— Espero mesmo que não seja apenas uma desculpa para me dispensar.
— digo, agarrando-o pela gola da blusa e trazendo sua boca para perto da minha. Porém, não o beijo.

Largo-o e começo a me afastar. Elliot apenas observa enquanto sorri de um jeito sacana. Talvez ele pense o mesmo que eu sobre preliminares

— Vou cobrar esse beijo amanhã. — ele diz

— E eu vou cobrar muito mais. — respondo, dando-lhe uma piscadela.

Aparentemente, eu não vou ser a única a fantasiar no quarto essa noite.

As dez em ponto estou diante do Teatro Nacional. Como no dia anterior, as ruas estão agitadas e a entrada do prédio com uma fila considerável; com um copo de café na mão, entro na fila da bilheteria e fico feliz em descobrir que ainda não distribuíram os ingressos para o espetáculo das 11:30h, o que me dá chances de conseguir ficar em um bom lugar.

Após quase quarenta minutos, a bilheteria dá início a entrega dos ingressos e eu pego uma cadeira na terceira fileira. Ao entrar, fico maravilhada com toda a suntuosidade do lugar, mesmo que eu já o tenha visitado na última viagem que fiz.

Um funcionário entrega o folheto com a programação do festival e a explicação do espetáculo que irei assistir. A casa está lotada. Sento-me e ao olhar para o grande palco onde as espessas cortinas vermelhas estão abaixadas, a estranha ansiedade toma conta de mim. Quase como se eu estivesse prestes a me apresentar.

Não demora até que os holofotes acendam na direção do palco. O burburinho da plateia vai cessando até que só resta a música de fundo, que é substituída por uma melodia suave.

Meus olhos estão fixos no palco e eu chego a perder o fôlego no instante em que as cortinas sobem e vejo Elliot no centro, iluminado pelo holofote principal. Lindo com um figurino todo preto e levemente transparente, que lembra a roupa que usava ontem.

Meu coração dispara quando ele começa a dançar.

Elliot move-se com tanta intensidade, tanta paixão... Expressividade exalando de todos os seus poros enquanto seu corpo balança ao compasso da música.

Antes que eu perceba, sinto uma lágrima escorrer pela minha bochecha. É lindo de se ver. Nunca assisti algo tão intenso e verdadeiro. Aquele homem ama sua arte, da mesma forma que eu amo a minha. Que aquele fotógrafo ama a dele. E isso toca-me profundamente. Poucas pessoas exalam tanta paixão pelo que fazem. E quando exalam, é impossível não se emocionar.

É exatamente o que acontece comigo nesse momento.

Vejo-o dar um salto e por um instante pensou que pode voar. E de fato ele quase o faz ao dar uma pirueta que o tira bons centímetros do chão e pousa com uma leveza admirável. É impactante de tão maravilhoso.

De repente, uma mulher entra em cena. Elliot a pega na cintura e seus corpos se movimentam como se fizessem amor. Ele sorri para ela do mesmo jeito que sorriu para mim e uma pontada esquisita me acerta. Não estou gostando disso.

Não estou gostando do jeito que estão próximos.

Não estou gostando do jeito que se olham.

Não estou gostando do jeito que pareço estar sentindo ciúmes.

Capítulo 14

ELLIOT

Confiro a hora no celular mais uma vez. Faltam pouco mais de trinta minutos para entrarmos no palco e tudo o que quero saber é: será que ela veio?

Já tentei espiar pelas coxias, mas o público ainda não entrou no teatro e com o pouco tempo que resta para a preparação, duvido que eu consiga escapar para espiar novamente. Além disso, tenho que me concentrar na apresentação, pois é a última e que fechará a nossa participação no festival. E, baseando-me nos festivais passados, provavelmente haverá algum crítico na plateia.

Logo, a minha inquietação está duas vezes maior hoje. O que é uma verdadeira merda. Mas, falando francamente, estou mais preocupado de que ela não venha.

Admito que ficarei decepcionado se não vier.

Se bem que fará alguma diferença? Quero dizer, ela é só uma mulher que conheci ontem e com quem tomei cerveja, e dei alguns beijos e...

Aaaahhh.... Foda-se! Vou ficar decepcionado sim.

Ando de um lado para o outro, alongo os braços e o pescoço, só que não adianta. Estou mesmo nervoso. E pior, nervoso por causa de uma mulher.

Uma espiadinha. Uma espiadinha e vou sossegar.

Talvez isso faça ao menos metade do meu nervosismo desaparecer. Até porque, só hoje de manhã lembrei de não ter pego o número de celular dela. Erro meu.

Bem, não necessariamente um erro, foi mais como uma falha. Eu estava tão absorto na figura dela, nos beijos que trocamos e em todas as fantasias de nós dois que rondaram a minha cabeça, que esqueci completamente.

Quem não esqueceria?

Me esgueiro entre as cortinas e espio de novo. As pessoas estão entrando e tomando os seus assentos. Meus olhos percorrem o grande teatro até onde posso enxergar e é quando a encontro, sentada na terceira fileira perto do palco. O cabelo lilás destacando-se, assim como sua beleza.

Ela veio. Ela realmente veio e está deslumbrante.

Repentinamente, levo a mão ao peito. É impressão ou meu coração acelerou? Por que estou mais nervoso do que antes? Cacete, isso é muito estranho.

Eu não vou aguentar esperar até sairmos daqui.

Volto para o camarim e vejo Vince sentado no pequeno sofá de couro. Caminho até ele e desabo sentado ao seu lado. Solto o ar com força.

— É impressão minha ou você está mais verde que o normal? — pergunta.

— Eu preciso que me faça um favor. — digo, antes de explicar qualquer coisa.

— E o que seria?

— Preciso que encontre um camarim vazio e com chave para mim.

— Qual é? Não está mais satisfeito com o camarim comunitário, famosinho?

— Não é isso, idiota. É por outro motivo.

— HUUUUUUUU... Que por acaso tem a ver com aquela mulher. Estou certo?!

Suspiro. Nem que eu quisesse conseguiria esconder algo desse cara.

— Sim, é por causa dela. — confesso.

— Ela veio?

Balanço a cabeça, confirmando. E digo:

— E aí, vai me fazer o favor?

— ‘Tá bom, ‘tá bom. Mas só porque eu sou o seu grande e amado melhor amigo. E porque você vai ficar me devendo uma.

Suspiro. Tenho até receio de pensar no que esse desmiolado vai me pedir.

Durante o tempo em que eu e o demais nos aprontamos, Vince vai sorrateiramente atrás do que pedi enquanto dou-lhe cobertura. E não demora muito para que o meu amigo regresse e com boas notícias.

— Achei um camarim no final do corredor, virando à direita. Na verdade, está mais para um depósito, mas o que importa é que está vazio e tem chave.

— Obrigado, Vi.

Ótimo. Agora só quero saber como vou levá-la até lá.

Pois é, eu deveria ter pensado nisso antes. Vou bolar alguma coisa depois do espetáculo, agora eu tenho que me concentrar. *Concentre-se Elliot!*

Ponho-me ao lado do palco quando a produção dá o sinal e repito o mesmo processo dos últimos dois dias. A música começa e entrego-me.

Devido as luzes, não consigo enxergar muito bem, mas o meu olhar busca por ela na plateia enquanto danço. E saber que está observando me impulsiona a dançar com ainda mais entusiasmo.

Emma entra em cena e vem caminhando sensualmente até mim, do jeito que fizemos no ensaio e nas últimas duas apresentações. Dou-lhe um sorriso e pego-a pela cintura. Nossos corpos ficam próximos e, assim como manda o roteiro, dançamos como se estivéssemos fazendo amor. Porém, ao lembrar de como dancei com Poliana, fica claro que não sinto nem um terço do que senti com ela ontem. Não apenas por ser algo profissional, mas porque a minha colega de trabalho não me atrai em nada, ainda que seja bonita. Não como a linda mulher dos cabelos lilases e língua afiada (e que língua!).

No instante em que Emma se afasta para fazer seu solo e as luzes abaixam,

tenho uma visão mais clara da plateia e vejo Poliana olhando atentamente para o palco. No entanto, algo chama a minha atenção mais do que o fato de ela estar magnífica ali me assistindo. Que expressão é aquela?

Aparentemente, sua postura é indiferente. Mas eu conheço bem aquele olhar e o franzido em suas sobrancelhas, como se algo a incomodasse. Ela está...?

Não pode ser.

Ela está com ciúmes?

Mas, porque ela estaria com ciúmes de mim? Quero dizer, eu não dei motivos para... Espera! Não me diga que é por causa da Emma?

Oh, merda!

Isso é um problema. Um problema muito, muito grande. Simplesmente porque eu não deveria estar tão satisfeito ao vê-la territorial desse jeito.

Não posso me apegar a isso.

O restante da apresentação transcorre perfeitamente bem. Somos aplaudidos de pé e não preciso sequer olhar para saber que surpreendemos os críticos. Contudo, embora eu esteja feliz que tudo tenha dado certo, a imagem de Poliana não sai da minha cabeça e a urgência de encontrá-la se faz presente. Eu já tenho o lugar, só preciso arranjar uma maneira de levá-la até lá. Mas como?

— Deixe-me adivinhar, você precisa de mais um favor. — ouço Vince dizer atrás de mim. Viro-me.

— Sim, eu preciso. E tem que ser rápido.

— Você sabe que isso vai custar mais do que o primeiro favor, não é?!

— Apesar de eu odiar o seu lado chantagista, eu aceito.

— Pois bem, diga o que precisa.

Explico para o meu amigo o que tenho em mente e mando-o em sua missão.

Correndo contra o tempo, entro no banheiro para uma ducha rápida. Afinal, não quero encontrá-la coberto de suor (não que eu não vá ficar assim com o que pretendo fazer naquele camarim). Visto uma das calças que costumo usar para ensaiar e uma camiseta preta ao sair do chuveiro. Não posso levantar suspeitas me arrumando mais do que realmente faria no final de um espetáculo, visto que já vou inventar a desculpa mais esfarrapada do mundo para escapar daqui.

Temos o costume de comemorar com uma refeição cada apresentação ou festival bem-sucedido, e hoje não será diferente. Por isso tenho que sumir antes que o pessoal me arraste para fora e eu acabe não conseguindo ir até ela, e tudo vá por água abaixo.

O celular vibra no meu bolso e sei que é o sinal de Vince. Pego a bolsa, ponho do ombro e me aproximo de Bernard repassando o que vou falar até estar frente a frente com ele. Nós nos observamos.

— O que foi, Eli? — ele pergunta.

— Tenho que voltar ao hotel primeiro. Acabei de receber uma mensagem da minha mãe dizendo que precisa falar comigo por Skype.

— Mas está tudo bem?

— Sim, está. Ela só disse que precisa conversar. Sabe como é a minha mãe.

— Tudo bem, pode ir. Depois envio o endereço do lugar onde estaremos.

— Valeu.

Despeço-me de todos e saio como se não fosse um grandessíssimo cara de pau.

Se tem uma coisa que eu aprendi quando adolescente e que pode ser levado para a vida inteira é que usar a mãe como desculpa para qualquer coisa sempre funciona. Sempre! Ninguém te questiona quando a palavra "mãe" está no meio, não importa a sua idade ou do que esteja fugindo.

Eu tenho que pedir perdão para a minha mãe por todas as vezes em que usei

(e vou continuar usando) ela como justificativa – embora eu deveria mesmo é tomar vergonha na cara e parar com isso.

Tomando cuidado, caminho na direção que Vi indicou e, ao virar, vejo-o esgueirado perto da última porta do corredor. Ele acena, chamando-me.

Uma vez que estou à sua frente, pergunto, sentindo-me nervoso:

— Ela está aí?

— Sim, está. — olha para a porta fechada um instante — Eu estava pensando, o que você acha de nós...

Não sei se a minha cara diz tudo, mas Vince se cala. Ele é o meu melhor amigo desde que lembro, porém, eu não gostei nem um pouco do jeito que falou sobre ela. O que também é muito esquisito para mim.

Às vezes, nós compartilhamos as mulheres (não ao mesmo tempo, só para ficar claro). Não me culpe, é algo que gostamos de fazer e eu não tenho qualquer vínculo com elas para ser contrário à ideia. No entanto, não estou disposto a dividi-la com ele. Quero-a só para mim.

— Tudo bem. Já vi que essa possibilidade está fora de cogitação.

Respiro fundo. Eu devo estar com muita vontade de transar, só pode.

— Melhor entrar, ela está esperando.

— Obrigado, Vi.

— Obrigado nada. Você está me devendo, lembre-se bem disso.

Reviro os olhos. Ele vai encher o meu saco até eu pagar esses favores.

Vejo-o desaparecer no corredor e então observo a porta a minha frente. Respiro fundo novamente. Por que estou tão inquieto? É só uma foda casual, droga. Com a mulher mais incrível que tive o prazer de conhecer em anos, mas ainda assim uma foda casual. Qual é?

Giro a maçaneta devagar e abro a porta aos poucos. O lugar está parcialmente

escuro e há tralhas espalhadas em todos os cantos, mas consigo ver a silhueta dela próxima a bancada dos espelhos. Tranco a fechadura e jogo a bolsa numa cadeira próxima. O camarim não é muito grande, por isso sei que ela acompanha tudo o que faço.

No instante em que nossos olhos se encontram, posso sentir aquela estranha conexão construindo-se entre nós. Puxando-me, levando-me para ela. E antes que eu perceba, estou pagando-a pelas coxas e sentando sobre a tal bancada. Meu corpo encaixa-se no dela e me perco em seus reluzentes olhos verdes.

Suas mãos estão em meu pescoço e estremeço com o carinho que faz ali.

— Olá. – digo, sorrindo.

— Oi para você.

Nós nos entreolhamos. Sua postura, embora pareça receptiva, continua alheia. Relembro da expressão que vi. Será mesmo que estava com ciúmes?

Ponho uma mecha do seu cabelo lilás atrás da orelha e vislumbro-a, pensando em dizer algo. No entanto, ela é mais rápida e me põe contra a parede.

— Você olha assim para todas as mulheres? – pergunta, surpreendendo-me.

Eu não esperava que fosse tão direta. Tanto que preciso de uns segundos para me recompor e responder:

— Não sei. De que jeito eu olho?

— Despindo-as, desejando-as. Fazendo como que se sintam especiais?

Merda, ela estava mesmo com ciúmes. Isso seria um sinal claro para eu dar o fora, afinal, não preciso de mulher ciumenta no meu pé. Contudo, o efeito é exatamente outro e vejo-me incapaz de fazer isso.

Não, Elliot. Não fique animado com isso. Não e não!

— As outras mulheres, eu não sei. Mas, bem, você é especial. E eu quero despi-la e a desejo também. Gosto de admirá-la, então...

— Não me faça especial, Elliot. Não lhe pedi isso.

Encaro-a, atordoado como há tempos não fico. O que foi isso?

Como não posso fazê-la especial, se ela é? Não estou pedindo para que se case comigo ou para que tenhamos um relacionamento, mas também não quero trata-la como todas as outras com quem estive (não que eu as tenha tratado mal).

É sexo casual, porra! Não deveria estar complicado assim.

— Bom, acho que tenho o direito de decidir o que é especial ou não. — retruco.

Poliana me encara e, ao contrário do que imagino, solta uma risada anasalada.

— Justo. — responde.

Também sorrio e me aconchego mais entre as suas pernas. Contorno sua cintura com os braços e pressiono o volume da minha calça no seu centro quente.

— Não quero casamento, baby. Só quero sexo.

— Então somos dois.

Beijo-a com a fome que tenho reprimido desde que a vi na plateia, curvando-a e apertando seus seios contra o meu peito, e depois sussurro:

— Gostou da “surpresa”?

— Adorei! Nunca transei num camarim, sabe. Muito menos em um lugar tão importante como o Teatro Nacional de Munique.

— Eu também não. Mas já transei no Central Park.

— E eu de frente para o Grand Canale, em Veneza.

— Uau! Isso deve ter sido incrível.

— Tanto quanto vai ser aqui com você.

Um suspiro escapa dos meus lábios. Ela tem poder e magia para impressionar qualquer homem, e eu sou um dos que caiu em seu encantamento. Essa mulher sabe como seduzir, pelo amor de Deus. Sinto-me um amador diante

suas palavras.

Como é possível?

Saboreio os seus lábios outra vez. Minha língua percorre um e depois o outro, e só então beijo-a, ávida e desesperadamente. E ela corresponde da mesma maneira que fez no parque, sem reservas, esbanjando-se como me esbanjo.

Minha mão cava por debaixo da barra de sua saia e eu a acaricio por cima do da fina calcinha que, pelo que posso sentir, é de renda. Ela geme com o meu toque em seu ponto mais sensível, e assim que eu afasto o tecido para o lado e meu dedo escorrega por seu clitóris úmido e inchado, suas pernas enlaçam os meus quadris com força e ouço-a choramingar de prazer. Sua respiração acelera assim como a minha. Estamos ambos ofegantes.

— Você é recatada e ingênua como as outras mulheres? – murmuro, provocando-a.

Seus lábios estão próximos dos meus. Abro mais as suas dobras molhadas e enfio um dedo, depois outro. Dois dedos entram e saem, enquanto me concentro para não botar o pau para fora e tomá-la de uma vez. Sei que não temos tempo, mas quero estender isso o máximo que eu puder (até a próxima vez).

— Se eu fosse, não deixaria você me masturbar num camarim. – ela responde.

— É por isso que eu gostei de você. – sorrio.

— Por que sou despudorada e sem-vergonha?

— Não, por que você é genuína. E eu não sou como os outros homens. Não quero alguém perfeito, quero alguém autêntico, independente das falhas.

Ela me encara por uns segundos, suas pálpebras tremulando com o prazer que lhe dou com os dedos. Sua boceta gotejando e molhando ainda mais a minha mão. Caralho! Eu estou muito excitado. E com ela me encarando dessa maneira com esses olhos verdes, talvez eu acabe gozando primeiro.

— Eu pensei que você não queria casamento. – comenta num gemido.

— E eu não quero. Mas saiba, baby, às vezes é bom transar com uma pessoa

que excede as suas expectativas. E você excedeu todas as minhas.

Ela geme e sinto suas paredes internas esmagarem os meus dedos. Está perto, muito perto. Quero senti-la se desfazer na minha boca e provar do seu sabor.

Subo a barra da saia até que esteja embolada em sua cintura e desço a calcinha, deixando que penda em um de seus pés. Surpreendo-me com a tatuagem em sua coxa e a analiso rapidamente. É o desenho de flores alaranjadas circulando sua coxa. Um arranjo bonito de flores e pequenas folhas verdes, entrelaçando-se por todo o comprimento da tatuagem, formando algo único.

Como a altura da bancada não colabora, debruço e a pego por debaixo dos joelhos, mantendo suas pernas bem abertas. Admiro sua tatuagem enquanto deslizo as pontas dos dedos sobre as flores alaranjadas ali desenhadas.

— O que são? — pergunto.

— São gazânias.

— Gazânias? Nunca ouvi falar.

— São flores que se abrem apenas com o calor do Sol.

— Ah é?! E o que mais? – salpico beijos em sua coxa, acima do desenho.

— Elas suportam todos os tipos de solos. Mesmo que sejam podres, malcuidados ou arenosos, elas continuam vivendo. Só tem uma coisa que elas não suportam. – olha-me nos olhos e sinto o coração disparar — Não suportam o frio. E elas se fecham em dias nublados e escuros.

Observo-a por um instante.

Apesar de não a conhecer o suficiente, senti na conversa de ontem que não havia qualquer ressentimento quanto ao assunto que estávamos discutindo. Uma história do passado ou coisa parecida. Era apenas uma constatação - meio alterada pelo álcool - sobre a vida em si e que não deixava de fazer sentido.

De fato, pela experiência e lugares em que passei e pude ver, a realidade é que muitos procuram um par perfeito, as vezes mais para mostrar do que

realmente amar. O que, conseqüentemente, traz frustrações amorosas e divórcios em massa. Todos querem seguir padrões e não o próprio coração. E quando acontece o contrário, bem, há alguns preços a se pagar.

Eu mesmo passei por isso – e continuo passando.

No entanto, essa tatuagem reflete mais do que apenas um desenho em sua pele. Há um significado profundo e que, atrevo-me a dizer, muito forte. Por isso não irei perguntar. Não vou ultrapassar essa linha. Até porque, lá no fundo, sinto que não vou gostar nem um pouco se souber.

De qualquer forma, não é da minha conta.

Deixando os pensamentos de lado, dedico-me ao que fazia antes. Apoio seus tornozelos nos meus ombros e me inclino para alcançar sua boceta. Minha língua percorre de baixo a cima, seu corpo treme em minhas mãos, e sou incapaz de controlar a onda de luxúria que me atinge ao ouvi-la gemer alto.

— Oh... Elliot! Mais... Mais...

Seus suspiros me impulsionam a chupar tudo o que desejo. Mordisco e sugo o seu broto intumescido, até que seus sucos estejam por todo o meu rosto.

Assim que penetro um dedo, ela retrai e abafa um grito com a mão, denotando que alcançou o orgasmo. Eu gostaria muito de ouvi-la gritar livremente, mas considerando que estamos num camarim as escondidas, não seria bom que nos flagrassem aqui. Menos ainda num momento tão, tão bom.

— Gozou gostoso? – pergunto, limpando o canto dos lábios.

Arfante, Poliana assente com a cabeça e dá-me um sorriso. Apesar de parecer cansada, o brilho em seus olhos verdes mostra que deseja muito mais.

Perfeito!

Por que eu também quero muito, muito mais.

— Agora eu vou foder você. – sussurro.

— É o que eu mais quero.

Céus, acho que minha calça vai explodir.

Viro-a e a ponho debruçada sobre a bancada. Sua bunda redonda e volumosa fica empinada bem rente ao meu pau, convidando-me a fodê-la do jeito que estou imaginando desde ontem. Abaixo sua saia e puxo o cordão da calça. Seu olhar ansioso fita-me através do espelho enquanto rasgo o pacote de camisinha que guardei estrategicamente no bolso de trás.

Agarro as bochechas da sua bunda e separo-as, expondo sua umidade pronta para me receber. Nós nos encaramos pelo reflexo do espelho e tenho a satisfação de ver sua boca abrir num gemido mudo ao penetrá-la até o fundo.

Por segundos, perco-me em seu calor. Na sensação de aperto envolta do meu pau e em como seu traseiro vem de encontro a mim, quase como um instinto.

Meu corpo se move contra o dela, primeiro devagar e depois mais rápido. O som das minhas bolas batendo em sua pele é excitante. Som de sexo intenso e gostoso, do jeito que eu adoro fazer. Puta que pariu, como isso é bom!

Grudo meu peito em suas costas e agarro seus cabelos lilases, beijando seu pescoço em seguida. Nossos olhares continuam ligados um ao outro através do espelho e, num desejo inesperado, quero encarar seus olhos verdes enquanto gozamos. Então, pego-a no colo e encosto na parede mais próxima. Meto mais fundo, tudo o que posso, e peço quase em desespero.

— Olhe para mim.

Poliana não hesita. Crava seus olhos intensamente verdes nos meus e fico incontrolável. Movemo-nos com mais pressa, buscando o ápice que estamos prestes a alcançar. Nos beijamos vorazmente, gemendo um nos lábios do outro.

De novo... De novo... De novo...

Meto mais algumas vezes, até que nós dois gozamos. Ela vem primeiro e eu não demoro mais do que segundos para gozar também. Ficamos agarrados contra a parede durante uns minutos, respirando ofegantes e imersos num prazer sem igual, e eu não sei descrever o que sinto nesse momento.

É tão.... Estranho.

Eu só sinto algo parecido com uma pessoa.

Sim, muito estranho.

Devagar, ajudo-a a ficar de pé e tiro a camisinha, dando um nó na ponta. Depois de ajeitar minimamente minha calça e pôr o pau para dentro, observo Poliana com as bochechas coradas e sou incapaz de não a achar adorável. Beijo-a delicadamente, curtindo a maciez de seus lábios nos meus, e a observo.

Ela é especial, cara. Não tenho como ser contrário a isso. No entanto, como ela disse, não posso fazê-la mais especial do que uma foda casual num camarim. Afinal, logo irei embora e seguiremos nossas vidas. É somente uma aventura.

E não passará disso.

O barulho do meu celular nos assusta. Corro até a bolsa jogada na cadeira e pego o aparelho, vendo que é uma mensagem de Vince. Suspiro. Estão atrás de mim. Acho que demoramos um pouco mais do que pensei.

Não quero parecer um cretino, mas temos que sair daqui.

— É melhor irmos. — digo, amarrando o cordão da calça.

Poliana consente e termina de arrumar a saia. Dou um jeito nos cabelos só para não ficar muito óbvio que acabamos de transar e pego a minha bolsa.

— Vá primeiro para não levantarmos suspeitas. Vou esperar uns cinco minutos e ir. — beijo-a uma última vez — Espere por mim lá na entrada do teatro, ok?!

Sem dizer nada, ela acaricia o meu queixo e desaparece porta a fora. Sozinho, repasso mentalmente tudo o que acaba de acontecer nesse camarim e sinto-me um adolescente idiota. Mas a sensação é boa, por incrível que pareça.

Cinco minutos cravados, abro a porta e olho de um lado para o outro antes de sair em disparado para a entrada do teatro, onde Poliana me espera.

No entanto, para a minha surpresa, assim que ponho os pés nas escadarias não a encontro. Busco com o olhar nos arredores, mas nem sinal dela. E é então que a minha ficha cai e inevitavelmente sinto-me um tremendo idiota.

Fui deixado para trás.

Capítulo 15

YANNA

Quase um mês se passou desde que voltei para casa. Tenho trabalhado nos manuscritos como forma de ocupar a minha mente, mas a verdade é que as aventuras que tive em Veneza e Munique continuam martelando na minha cabeça como se tivessem acontecido ontem. E causando as mesmas sensações.

Christopher e Elliot tornaram-se recorrentes em meus pensamentos. E por quê?

É uma excelente pergunta.

Eu não faço a mínima ideia, essa é a verdade. Talvez não ter ido encontrar Christopher como prometi e ter fugido do Elliot sem qualquer explicação sejam a razão por trás disso. Afinal de contas, pelo que mais seria? Quero dizer, não há outro motivo para que esses dois estejam enraizados em mim além da “culpa”.

Não é?!

Ou possivelmente foi o sexo incrível que fiz com os dois. As fantasias que realizei, sendo que nunca imaginei que poderia experimentar. Oh, sim. Eu não tenho do que reclamar, foram amantes sensacionais. Bem diferentes dos outros com quem estive nos últimos anos e provocaram mais do que orgasmos maravilhosos. Eles tocaram algo em mim. Algo que pensei estar perdido.

Enquanto estive com eles, eu senti.... Eu apenas senti.

Christopher, com seu jeito desbocado e livre, mostrou como tudo tem um

lado bom e que não precisamos ficar presos as concepções que temos. Que às vezes, quando complicamos demais as coisas ou nos deixamos engolir pelo mundo e acabamos nos perdendo, só precisamos voltar aos dias em que éramos jovens e nada importava para perceber que somos fortes e podemos lidar com tudo sem abandonar a nossa verdadeira essência.

Elliot, com seu sorriso fácil e olhar marcante, me fez voar sobre a grama puxando-me para dançar e chorar com sua paixão sobre o palco. Me fez perceber que, sim, as vezes é bom encontrar alguém que exceda as suas expectativas e que seja autentico. Uma coisa que eu não fui com ele e nem com Christopher. Com ninguém há muito tempo.

Eu senti os dois e o que ambos quiseram transmitir. Foi mais do que sexo.

Eu não sou idiota à ponto de não perceber isso.

O que deixa muito claro que eu saí completamente dos personagens. Permiti-me levar. E, entre todas as respostas plausíveis, estar trabalhando nisso é o que provavelmente está me levando a ficar obcecada por aqueles dois homens.

Eu senti? Sim, senti. Mas foi algo momentâneo e que fugiu um pouco do controle. Agora estou de volta a quem eu verdadeiramente sou.

Oh, merda. É tudo tão confuso!

Mas não posso permitir que atrapalhe o andamento do meu trabalho. Não quando tudo está indo conforme o que planejei e gerando bons resultados.

Enfim, continuarei fazendo o que tenho feito desde que regressei a Nova Iorque: seguir com a minha vida. Eles podem rondar os meus pensamentos (e eventualmente me levar a alguns orgasmos solitários durante a noite), porém, é onde estarão e permanecerão. Em meus pensamentos e como fantasias.

Não importa o quanto os brilhantes olhos azuis de Elliot ou o sorriso levado de Christopher permeiem minhas divagações, eles são apenas lembranças.

Lindas lembranças de Veneza e Munique.

Mas que ficaram para trás assim como eles.

Termino de secar os cabelos e penteio, largando-os soltos. Visto-me e pego a chave do carro, saio logo em seguida. Vou a editora contar as boas novas para Daniel. Sei que ele vai querer me esganar, mas não perderei a chance.

Cumprimento o zelador ao descer para o estacionamento do condomínio e avisto o meu amado (e caríssimo) Jaguar E-Type bordô a frente. Eu odeio ostentar e ficaria feliz em andar de ônibus por aí. Afinal, já o fiz muito. No entanto, esse carro foi a única coisa cara que me dei ao luxo de comprar, pois é o modelo que vi há anos em um filme e fiquei apaixonada.

Pararam de fabricá-lo em 1974 e isso elevou o seu preço entre os colecionadores. Por essa razão não foi nada fácil e barato adquiri-lo.

Durante o caminho, como de costume, cantarolo junto com a música que toca no player. Dessa vez é ‘One Way Or Another’ do Blondie. A tarde está bonita e o clima fresco, perfeito para dirigir com a capota abaixada. Com os cabelos voando e o óculos escuro no rosto, sinto-me poderosa. Só espero não tomar uma multa por estar com o som “um pouquinho” alto demais.

*“De um jeito ou de outro, eu vou te achar
Vou te pegar, te pegar, te pegar, te pegar
De um jeito ou de outro, vou ganhar você
Vou te pegar, te pegar, te pegar, te pegar
De um jeito ou de outro, eu vou te ver
Vou te encontrar, te encontrar, te encontrar, te encontrar
Um dia, talvez semana que vem
Eu vou te encontrar, eu vou te encontrar, vou te encontrar”*

Sigo cantando sem eira nem beira enquanto cruzo o bairro de Soho.

Depois de alguns minutos, estaciono próximo ao prédio da editora e sequer desço do carro para acender um cigarro. Diferente da última vez, a roupa que uso não faz de mim uma peculiaridade, mas ainda atraio olhares de quem

passa.

Minha querida Hylie abre um sorriso ao me ver ultrapassar as portas e caminhar até o balcão. Nos cumprimentamos e, tentando ser civilizada, deixo que anuncie a Daniel que estou subindo. Hoje não preciso surpreendê-lo com um flagra. Tenho algo muito melhor guardado para ele.

— Ele disse que pode subir. — a recepcionista diz.

— Obrigada Hylie.

Faço todo o percurso para a sala do meu melhor amigo. Ashiley, a secretária, está em sua mesa e ruboriza ao me cumprimentar.

Acho que traumatizei a coitada.

— O editor Daniel está a sua espera. — ela pronuncia — Avise-o, por favor, que irei tomar café. E também que trarei o que pediu.

Consinto e dou-lhe um sorriso amistoso, que é retribuído timidamente.

Sim, eu traumatizei a mulher.

Assim que entro no escritório, encontro-o mergulhado em trabalho.

Ele ergue a cabeça rapidamente e sorri.

— Da última vez que eu te vi, você estava mais hippie do que os próprios frequentadores do Woodstock. — diz, medindo-me de cima a baixo.

— Você precisa entender que eu tenho dois estados de espírito, Dani. A frequentadora do Woodstock, como disse, e o "sou sexy e maravilhosa".
— respondo, jogando os meus cabelos sobre o ombro e fazendo-o sorrir.

— E posso saber em qual você está hoje?

— Hoje eu estou apenas de jeans, camiseta e tênis mesmo.

— O que já é um avanço. E, não leve para o lado pessoal. Eu adoro seu estilo hippie e tal, mas as outras pessoas acham que você mora isolada num trailer no meio do mato.

— Ou numa comunidade hippie. Pois é. — dou de ombros — Vamos deixar que acreditem que eu tenho um lado assim. Aquela coisa de escritor ser excêntrico e tudo mais. Sempre dá ibope.

— Você é inacreditável, Yan.

— Eu sei. — lanço uma piscadela.

Ele sorri e volta a revisar as folhas em suas mãos.

— Está muito ocupado? – indago.

— Relativamente. Temos alguns lançamentos para esse mês e estou correndo com a papelada. Você sabe, aquela burocracia de rotina.

— Vim em uma hora ruim então?

— Você não dá a mínima para isso, Yan. Pare de ser hipócrita.

— Ok, eu vou parar. Depois não reclame que não me importo com você.

— Então, o que lhe traz aqui? Você disse que o próximo manuscrito só sairá em algumas semanas. Teve alguma ideia ou só veio visitar o seu melhor...

— Arrumei um emprego! — exclamo, balançando-me nos pés com entusiasmo — Vou começar a trabalhar em uma cafeteria essa semana. Na verdade, amanhã.

Daniel arqueia uma sobrancelha. Larga os papéis sobre a mesa e recosta na cadeira para me observar. Sento na cadeira de frente para a sua, largando a carteira que carrego na beirada do móvel.

— Mas, você já tem um emprego.

— Eu sei. — reviro os olhos — Ok, melhor colocando, eu arrumei outro emprego.

— Deixe-me adivinhar.... Mais uma de suas pesquisas de campo?!

— Isso!

Meu amigo massageia as têmporas com as pontas dos dedos e solta um suspiro. Tenho a impressão de ouvi-lo murmurar “*Que Deus ou qualquer força divina me ajude*”, mas deixo passar. Ele sempre foi dramático assim

mesmo.

— Apesar de eu adorar a sua dedicação em mergulhar na história, não quero ter que passar por um processo trabalhista de novo, Yan. — suspira profundamente — Meu advogado até hoje me enche ao ouvir falar disso.

— Seu estimado advogado que é insuportável! Ele é um...

O barulho da porta nos interrompe e uma voz muito conhecida se faz presente.

— Oh, veja só, se não é a senhora encrenqueira em pessoa.

Respiro fundo e solto um sorriso debochado. Olho por cima do ombro.

— Oi para você também, Natham. – viro-me para Dani, interrogando-o – Por que não disse que ele vinha?

— Eu não sabia nem que você viria.

— Então quer dizer que foi o acaso do destino?

— Não. E só não sabia que você viria.

O homem alto e de cabelos claros, impecável em seu terno escuro, e que conheço há anos e também é meu amigo (apesar de nos alfinetarmos vez ou outra e vivermos como cão e gato), se aproxima de nós e retruca:

— Devo voltar outra hora ou o problema é ela de novo, para variar?!

— Por incrível que pareça, o problema não é ela.

Certo, eu tive um ou dois (ou vários) contratempos por causa das minhas ideias mirabolantes e um tanto inconsequentes, mas nada espantoso.

Da última vez que eu arranjei um “emprego”, o dono do escritório acabou descobrindo que eu estava mentindo e abriu um processo. Daniel teve que intervir com a ajuda de Natham (ou Nam, como costume chama-lo) que é o advogado da editora. Resumindo: fizemos um acordo e tudo deu certo.

Não entendo porque eles continuam cismando com o acontecido.

Faz mais de um ano, poxa.

— Desde quando eu sou o principal problema dessa editora? – indago.

— Desde que você passou a ser uma autora daqui. — Nam ironiza.

— Eu perguntei ao burro e não aos seus carrapatos.

— Como é que é? — esbraveja.

— “Como é que é”, digo eu! — Daniel resmunga — Que história é essa de burro?

Gargalho. Gargalho muito alto. Tanto que minha barriga chega a doer.

A expressão aborrecida deles é hilária. Eu adoro provocá-los. Isso sempre acontece quando nos encontramos.

Sob os protestos de ambos, levanto e dou espaço para que Natham tome o meu lugar. Se ele está aqui, sei que veio tratar de um assunto importante, por isso não irei atrapalhar — e nem dar margem para quem encham o meu saco. Posso ouvir as reclamações de Daniel em uma outra ocasião.

— Bem, vou deixá-los cuidar de seus assuntos. Eu já disse o que tinha que dizer.

— Já correndo de mim?

— Eu nem sabia que você viria a editora. — revido — Se soubesse, não teria o desprazer de olhar para a sua cara feia.

O que é uma grande mentira, pois ele é muito bonito. Admito.

— É melhor ir, antes que eu tenha que mudar a minha rota para um tribunal.

— Vá a merda, Nam!

— Também adoro você.

— Marcamos alguma coisa para mais tarde? — indaga Daniel.

— Se quiser jantar, tudo bem. Mas lembre-se que não posso voltar tarde.

Meu melhor amigo solta uma lamúria, atraindo a atenção do outro, que o interroga com o levantar de uma sobrancelha. Dani então desabafa:

— Ela arrumou outro “emprego”.

Natham balança a cabeça negativamente e sorri desdenhoso.

— Bom, acho que devo começar a reunir os documentos para fazer outro acordo.

— Eu realmente odeio você. – farpo-o.

— Já que é assim, da próxima vez eu deixo você na cadeia.

— Eu só teria que cumprir trabalho voluntário.

— Que seja. – dá de ombros.

— Já chega vocês dois. – Daniel aparta – Você fala e fala, mas é igualzinho a ela, Natham. E nem tem a desculpa de viver isolado num trailer no mato.

— Antes que eu mande anos de amizade para o espaço, vou sair daqui. – pronuncio, dando as costas – Vou voltar para o meu trailer. Me ligue depois.

Despeço-me dos dois e saio do escritório.

Disposta a parar no mercado para abastecer o armário com os cereais que eu tanto adoro, caminho em direção ao elevador. Porém, o vazio em minha mão lembra que esqueci a carteira sobre a mesa do ilustre editor-chefe. Droga!

Giro nos calcanhares e marcho de volta para a sala do meu amigo. No entanto, ao colocar a mão na maçaneta para abri-la, escuto a voz de Daniel.

“Você ainda gosta dela, não é?”

Por alguma razão, permaneço parada.

Por um instante há apenas o silêncio e, inesperadamente, sinto-me nervosa. Sabe aquele momento em que você precisa dar meia volta e sair correndo para não escutar o que não quer? Bem, encontro-me exatamente nele. Mas como de praxe, fico plantada diante da porta até ouvir Natham responder:

“Eu não posso, você sabe. E outra, ela nunca me daria uma chance”.

Respiro fundo e dou um passo para trás.

Não que me seja desconhecido o assunto. Porém, não é algo que eu goste de ficar lembrando, somente finjo que não é importante. Afinal, como ele disse, eu nunca lhe daria uma chance. Então, para que complicar? Nossa relação já é complicada o suficiente por vários motivos.

Sem saber exatamente o que fazer, ando de um lado para o outro. Não sei o que é pior: ter escutado o que Natham disse ou não poder entrar para pegar a minha carteira sem dar na cara que, até alguns segundos, estava detrás da porta.

Sigo andando de um lado para o outro, pensando numa maneira de recuperar a minha carteira (e incontestavelmente no que ouvi). Eu poderia simplesmente ser cara de pau e entrar, sem dar a mínima para o que possam achar. Mas não quero causar um constrangimento mútuo. Seria péssimo, com certeza.

De repente, o apito do elevador soa e vejo Ashiley sair com duas caixas nas mãos. *Minha salvação!*

Nem espero que chegue a sua mesa, me aproximo dela igual a um furacão.

— Ashiley, poderia me fazer um favor? – peço.

— Ah, sim. Do que precisa, senhorita?

— Esses cafés são para o Daniel e o Natham? – pergunto e ela assente – Assim que entrega-los, poderia pegar a carteira que deixei sobre a mesa?

— Tudo bem. Só um minuto.

— Muito obrigada. Estarei esperando ao lado do elevador.

Uma vez que a agradeço, caminho apressada para o elevador. Quem sabe dessa forma não fique tão evidente que estive “bisbilhotando”.

Poucos minutos depois, a secretária aparece com a minha carteira na mão e uma folha de papel dobrada também. Diz que Daniel enviou. Pego ambos e a agradeço novamente antes de entrar na caixa metálica e descer rumo ao hall.

Curiosa com o bilhete que veio inesperadamente, desdobro-o e leio.

“Você ouviu, não é?!”

Solto um riso contrariado.

Às vezes, eu odeio a sagacidade do meu melhor amigo.

Passo no mercado como planejado e compro mais caixas de cereal do que pretendia, bem como mais guloseimas que o permitido para minha dieta (que não é das mais rigorosas e nem das mais seguidas). Encho o carrinho de porcaria e, como diria a minha mãe, enfio o pé na jaca sem dó e nem piedade.

Meu final de tarde é tranquilo, apesar de, vez ou outra, a conversa dos meus amigos no escritório rondar a minha cabeça. Com os manuscritos adiantados, tomo vergonha na cara e organizo o apartamento, deixando-o habitável de novo.

As oito e meia recebo a ligação de Daniel. Nos encontramos em frente ao Taco and Grill, um restaurante de comida mexicana que frequentamos as vezes e é muito bom. Pedimos o de sempre.

— Como foi o trabalho? – pergunto, enchendo o meu prato com nachos.

— Cansativo, mas tudo indo bem. Acho que até a semana que vem consigo liberar os miolos para a gráfica. As divulgações começam depois disso.

— Se eu não soubesse que você ama o seu trabalho, diria que está estressado.

— Não sou de ferro, querida, estou estressado. Mas nada preocupante.

— Precisa tirar férias, Dani.

— Com tanto trabalho, duvido conseguir fazer isso em meses.

— Você é o dono da editora, bobão. Pode fazer o que quiser.

— Também não é assim, senhorita. Sou o dono, mas tenho tanta responsabilidade pelo trabalho quanto os meus funcionários.

Seguro gentilmente sua mão e sorrio. Amo o Daniel por tudo o que ele é, especialmente por sua personalidade generosa e cheia de empatia.

— Vai dar tudo certo e logo estaremos em alguma praia paradisíaca por aí.

— Estaremos? Yan, se eu for para uma praia paradisíaca, a última pessoa que

levarei é você. Quero ficar longe de problemas, o que inclui a senhora também.

— Assim você me ofende. – faço beicinho.

Daniel sorri e aperta a ponta do meu nariz. Então diz:

— Adoro você, dramática. Sabe disso.

Comemos em silêncio por alguns minutos. Mas a questão entre nós logo vem à tona. E sou eu quem o trago para a mesa, indagando:

— Como você sabia que eu estava atrás da porta?

— Porque você tem esse péssimo hábito. Embora eu saiba que, pelo menos dessa vez, não foi de propósito. Eu deveria simplesmente rir da sua cara por ter escutado o que não queria, porém, é um assunto delicado.

Daniel dá um gole no refrigerante que pediu e prossegue:

— Por que você não dá logo um fim nisso, Yan?

— Para começo de conversa, nunca teve um “início”, Dani. Eu não posso força-lo a parar de sentir o que sente. Por isso não incentivo nada.

— É verdade. – ele fica pensativo por um instante.

— E não seria justo eu me afastar dele só por causa disso.

Meu amigo consente e deliberadamente damos o assunto por encerrado.

Nosso jantar termina agradável, apesar de suas recomendações para não entrar em problemas judiciais de novo. E estendemos para um drink.

De manhã, por incrível que pareça, acordo sem dor de cabeça. As três doses de tequila que tomei junto com Daniel não fizeram tanto efeito quanto pensei.

Após um banho relaxante e comer uma tigela enorme de cereal, seguida por uma caneca de café fresquinho, saio do apartamento rumo ao meu novo emprego.

Estou realmente empolgada.

Chego a cafeteria pontualmente às onze. Vinte minutos antes de o meu turno realmente começar, assim como orientou o gerente na semana passada.

O próprio vem me cumprimentar e indica o vestiário dos funcionários no final do corredor, próximo a cozinha. Trocamos algumas palavras, nada de muito importante e fico à vontade para trocar de roupa em seguida.

Meu uniforme é até que bonitinho, embora seja bastante normal. Consiste em uma saia escura, uma camisa azul com listras e uma gravata borboleta também escura. O avental fica ao redor da cintura e é amarronzado, com o nome da cafeteria bordado na frente e um pequeno bolso para carregar o bloco e caneta.

Ou seja, bem normal.

Prendo os cabelos em um rabo de cavalo alto e estou pronta. Sorte que o gerente não encasquetou com a cor rosa, pois sei que nem todos os lugares aceitam que os funcionários tenham os cabelos tingidos ou tatuagens e piercings.

Peter, o rapaz que fica no balcão, me recebe com simpatia. Explica algumas das tarefas que estou incumbida e assegura que irá me ensinar como mexer na máquina de cafés quando o movimento estiver menor. O que, com certeza, não é o caso agora. A cafeteria está relativamente lotada.

O serviço não é difícil. Limpar mesas e anotar pedidos é a maior parte das minhas responsabilidades durante o dia. Por incrível que pareça, todos os clientes são educados, o que facilita a minha vida em não ter que guardar a vontade de mandar algum deles à merda – já passei por isso e não foi legal.

Perto das sete, com o fluxo menor, Peter me chama para ficar atrás do balcão. Com paciência, mostra como mexer na máquina e fazer as bebidas que estão no menu. As mais fáceis são o Ice Americano e o espresso.

Ele é um rapaz legal. Atencioso e prestativo. Só que novo demais para o meu gosto. Acho que sequer saiu do colegial ainda, pois esse é o seu trabalho de meio-período pelo o que contou. Está aqui à mais ou menos seis meses e já

sabe mais do que outros funcionários, pelo que pude perceber.

— Acha que pode fazer o pedido do próximo cliente? – Peter pergunta.

— Se for um Ice Americano ou espresso, sem problemas. Caso contrário, não acho que seja uma boa ideia ainda.

— Vai se sair bem. Eu ajudo, se precisar.

— Obrigada. – sorrio – Vou pegar as canecas sujas enquanto não entra ninguém.

Ele assente e eu pego uma bandeja debaixo do balcão juntamente com um pano. Começo a recolher as canecas e também os poucos pratos, empilhando-os na bandeja e aproveitando para limpar os farelos das mesas.

O sino sobre a porta soa e, ao erguer a cabeça, quase tombo para trás ao ver quem entra. Tenho que apoiar na cadeira mais próxima para não deixar que tudo caia no chão e vire uma montanha de cacos. Inclusive eu mesma.

Como se estivesse tendo um *déjà vu*, vejo-me absorta a figura dele. Está tão lindo e impactante quanto da última vez. Nossos olhares se encontram e é nítido que ele está igualmente surpreso. Afinal, quantas vezes um reencontro como esse pode acontecer? O mundo não poderia ser menor do que isso.

— Becca?!

— Christopher...

Engulo em seco no instante em que se aproxima.

Naquela semana em Veneza, eu acreditei que sem qualquer tipo de contato, eventualmente esqueceria ou ao menos deixaria de sentir o que quer que fosse.

Grande engano.

Eu não esqueci e muito menos deixei de sentir. Se fosse o caso, o meu coração não estaria palpitando tão forte contra o peito quanto está agora.

Capítulo 16

CHRISTOPHER

Embora eu não tenha um trabalho fixo, os dias em que pego freelancer para fazer são extenuantes da mesma maneira, especialmente quando invento de pegar vários serviços ao mesmo tempo. O que é uma burrice, com certeza.

Estou há duas semanas fotografando sem parar. Saio as seis da manhã e só volto para casa à noite. Eu amo o meu trabalho e não o trocaria por nada, mas, reconheço, as vezes é impossível não ficar de saco cheio. E é exatamente assim que me encontro hoje, cansado e de saco cheio, sem cabeça para coisa nenhuma.

O que por um lado é bom, pois dessa forma não dou margem para que pensamentos indevidos circulem a minha mente.

Pensamentos não, uma certa pessoa.

Faz praticamente um mês que retornei de Veneza e aquela mulher de ainda insiste em tirar o meu sossego. Estou levando a minha vida como habitualmente faria. Feliz por estar em casa, na minha rotina e de volta para a pessoa que amo. Mas, inevitavelmente, pego-me divagando entre as recordações daquela semana como se estivesse impregnada em mim, rodando igual a um filme.

Os lábios, os intensos olhos verdes e aquele maldito cabelo cor de rosa...

O sexo magnífico que fizemos diante do Grand Canale ou até mesmo a maneira como ela massageou meus pulsos quando percebeu que eu estava enjoado na porcaria da gôndola. Cada pequeno detalhe ronda meus sonhos e traz a sensação estranha que experimentei enquanto estive com ela. Tão forte, que às vezes tenho receio de que Yoan tenha acertado ao dizer que aconteceu

igual a quatro anos atrás. Aquela súbita faísca que me trouxe onde estou agora.

No entanto, nada mudou. Quero dizer, em relação a pessoa com quem estou prestes a casar. O que torna tudo ainda mais estranho. Como eu poderia estar atraído por uma pessoa, sendo que continuo amando outra?

Peso na consciência? Considerando que eu fui um canalha de não ter ido ao seu encontro como combinamos, creio que sim. Por qual outra razão seria?

Desejo sexual não é tão forte assim, convenhamos.

Por esse motivo, eu prefiro não pensar. Enquanto tudo estiver bem e a certeza continuar no meu coração, não irei me preocupar com isso. Da mesma forma que eu pude deixa-la em Veneza, vou eventualmente deixa-la para trás em minhas memórias, assim como todas as outras mulheres com quem transei.

Irei piamente acreditar que sim.

É uma atitude um tanto ridícula? Claro que é.

Mas não tenho muito o que fazer além disso.

De todos os trabalhos que peguei, para a minha sorte, o de hoje é o mais fácil. Trata-se de um ensaio em estúdio fechado, o que é ótimo já que o dia está meio nublado e não estou com o meu melhor humor para lidar com as adversidades.

No final de semana, fiz uma sessão de fotos de casamento. Estava chovendo e foi um inferno fazer as imagens externas, mas conseguimos. Meu assistente e eu passamos, nada mais nada menos, do que sete horas no local da festa. E na outra semana foi uma sessão para um catálogo de moda, que levou o dia inteiro. Se eu estou acabado? Considero uma pergunta retórica de tão óbvia.

Com o roteiro da sessão em mãos e os equipamentos adequadamente organizados sobre a mesa, vou compondo o ambiente conforme a proposta que criamos. Como o tema é sensualidade, o cenário consiste em cores sóbrias e iluminação a meia luz, simbolizando algo apaixonante, envolvente e uma necessidade de proximidade, onde os modelos estarão unidos.

Fotografar para mim é registrar as melhores histórias das pessoas, seus instantes únicos e muitas vezes seus momentos de intimidade. Por isso, como fotógrafo, preciso criar uma conexão com o cliente durante a sessão de fotos.

Assim que o casal entra em cena, damos início ao trabalho. Explico para ambos como se dará o ensaio e, por serem profissionais, não temos problemas.

Entre “*Olhe para lá, olhe para baixo, olhe para cima*”, milhares de poses e trocas de figurinos, a tarde segue. Almoçamos no local mesmo e continuamos até que, milagrosamente, terminamos a sessão às seis. Nem posso acreditar.

Junto com a responsável pela revista que contratou o serviço, corrijo algumas fotos e mando outras de prova para o e-mail da redação. Ainda tenho que tratar todas as imagens antes de manda-las, mas como posso fazer isso em casa, despeço-me dos que ficarão para arrumar tudo e sigo o meu rumo.

São praticamente sete da noite e suspiro aliviado ao pensar que tenho um tempo a mais para descansar. E eu sei de alguém que também ficará bem feliz.

Pego o celular no bolso da jaqueta e disco o seu número. Não demora mais do que dois toques para que atenda. Sorrio ao ouvir sua voz.

— Oi amor, tudo bem? Sim, estou saindo mais cedo hoje. Pois é, conseguimos terminar antes do previsto e eu não vejo a hora de o final de semana chegar.

Ouçõ sua risada do outro lado da linha, e também rio. Há barulho no fundo.

— Devo te buscar no serviço? – pergunto – Eu não estou muito longe, posso ir andando. Só vou passar naquela cafeteria perto do metrô. Preciso de cafeína.

Paro diante do sinal fechado e espero que fique verde. Apesar do vento frio típico de outono, a noite está agradável e perfeita para um café. O sinal abre.

— Sim, claro que posso levar. – respondo enquanto atravesso a faixa de pedestres — Comprarei então. E também levarei aqueles *brownies* que gosta.

Despeço-me e guardo o aparelho no bolso, no mesmo instante em que empurro a porta da cafeteria para entrar. O cheiro de café fresco me atinge, mas não tanto quanto a figura familiar e de cabelos rosados não muito longe. Meu Deus!

Detenho o passo seguinte e não faço nada além de encarar a mulher de olhos verdes, que estão arregalados encarando-me tão fixamente quanto eu.

Estou sonhando?

— Becca?!

— Christopher...

Porra, eu não estou sonhando!

Meu coração erra uma batida. Que brincadeira é essa do universo comigo?

Seja ela qual for, estou entre ficar irritado e contente. Irritado porque tenho lutado a semanas para tirá-la da cabeça e até me atolado em serviço para isso. E contente porque, sendo sincero, eu queria vê-la novamente. Queria muito.

Mas nem em mil anos eu imaginaria encontra-la aqui em Nova Iorque.

Aproximo-me dela num ímpeto de vontade. Porém, antes de dizer qualquer coisa, impregno-me com sua beleza uns segundos e flashes das noites em que passamos juntos em Veneza relampejam diante dos meus olhos.

“*Eu quero você*”. A frase que disse a ela enquanto transávamos em frente ao Grand Canale me acerta subitamente e eu me dou conta de que eu ainda a quero.

Demais.

Mesmo que não tivéssemos nos encontrado agora, continuaria querendo. Pois, se fosse o contrário, ela não estaria cravada em meus pensamentos.

Isso é perigoso. Perigosíssimo!

Eu sei que prometi a mim mesmo que a trataria como as demais, contudo, ela

não é e nunca será como as outras. Não importa o quanto eu tente impor a ideia ou fingir acreditar que sim. Rebecca é inexplicavelmente fascinante.

Permaneço encarando-a por uns segundos. Eu tenho tantas perguntas para fazer, mas também tantas respostas para dar. E como um imbecil, entre tantas coisas que tenho para falar, solto o que parece mais conveniente nesse momento.

— O que faz aqui? – indago, ainda que a circunstância diga por si só.

Ela me observa. Percebo que está desconfortável, porém, não sei dizer se a culpa é minha ou desse segundo reencontro inesperado.

Espero que seja a segunda opção. Se bem que eu não posso culpa-la caso me odeie, afinal, eu agi como um verdadeiro filho da puta da última vez. E pensar que detenho seu ódio faz com que eu sinta um aperto incomum no peito.

— Eu... – balbucia, pondo uma mecha do cabelo para trás. Fica quieta um instante, mas logo dá um sorriso – Bem, como pode ver, eu estou trabalhando.

— Desde quando você está em Nova Iorque?

— Faz pouco tempo. Vim a convite de um amigo.

Franzo as sobrancelhas. Convite de um amigo?

Francamente, ouvir tal coisa não me agrada. Não que eu tenha motivos para ser contra, mas.... É só que... Grrr! Dane-se!

“Vai com calma, Christopher. Com calma.”

Engolindo o incomodo causado por suas palavras e suposições ridículas que possam surgir graças a elas, dou-lhe um sorriso fechado e digo:

— Bem, considerando que até arrumou um emprego, acredito que pretende ficar.

— Oh, eu vou. Não sei quanto tempo ainda, mas vou.

De repente, caímos no silêncio. Não que eu tenha muito papo com as minhas transas casuais (e dependendo de algumas, nem quero ter), mas Rebecca é uma questão à parte. E o motivo é muito simples: quero-a novamente.

Chame-me do que quiser. Patife, sem-vergonha, até de mentecapto. Mas a realidade é essa e não posso desconsiderar que, com essa brincadeira, o universo deu-me a oportunidade de tê-la de novo. O que, ou vai tirá-la definitivamente da minha cabeça daqui a algumas semanas, ou ferrar com tudo de uma vez.

É tudo ou nada.

Mas primeiro eu devo explicar o que aconteceu em Veneza. Ela pode não demonstrar, mas sei que, no fundo, provavelmente sente raiva do que lhe fiz. Ou não estaria se comportando dessa maneira tão impessoal. Eu acho.

Observando-a alisar o pano que segura em uma das mãos e olhar nervosamente para os lados, talvez procurando uma maneira de escapar da situação constrangedora em que nos metemos. Admito que até eu estou procurando.

Sei que não é a melhor hora e nem o lugar. Porém, eu devo uma explicação a ela, não posso fugir. Mesmo que eu não faça a mais vaga ideia de como começar isso.

“Pelo início, seu idiota!”

— Becca. — pigarreio, um tanto sem jeito - Eu tenho que...

De repente, o toque do celular me interrompe. Irônico seria dizer que fui “salvo pelo gongo”. Pelo amor, que momento péssimo para uma interrupção. No entanto, ao reconhecer quem é, não posso fazer outra coisa à não ser atender.

É uma mensagem, a qual leio rapidamente antes de devolver o aparelho para o bolso da jaqueta. Quieta, Rebecca apenas me observa.

— Desculpe, eu tenho um compromisso. — digo, encarando-a.

— Tudo bem. Eu tenho que voltar ao trabalho, de qualquer jeito.

— E desculpe atrapalhar.

Ela nega com a cabeça e sorri.

Novamente, ficamos ambos calados. Da mesma forma que aconteceu na viagem, não sabemos como nos despedirmos. Mas, diferente do que aconteceu e do que imagina, eu não darei um fim a isso. Não hoje.

Só preciso de um bom plano para encorajar essa aventura de novo.

Contendo a enorme vontade de beijá-la, viro e caminho em direção ao balcão de atendimento, onde, só agora percebo, um funcionário me encara nitidamente escandalizado. Um cliente flertar descaradamente com uma de suas colegas de trabalho não deve ser algo que veja com frequência, sem sombra de dúvida.

— O que vai querer, senhor? – o garoto pergunta.

— Vou querer dois cappuccinos grandes e alguns *brownies* para a viagem.

Meus olhos vagam pela cafeteria em busca dela enquanto espero que registre o pedido. Rebecca continua ao longe recolhendo as canecas. Não que seja do meu gosto, mas agora eu entendo porque alguns caras acham uniformes excitantes. Tudo bem que no meu caso, a mulher que está vestida com ele é a fonte dos meus pensamentos nada decentes. Aquele traseiro maravilhoso balançando com o movimento que faz para limpar as mesas, o jeito como está curvada...

— Senhor? Senhor?

— O que? – viro a cabeça ao notar que estou sendo chamado.

— Só um momento que vou preparar seu pedido.

— Tudo bem.

Respiro fundo. Mais um pouco e eu teria que lidar com uma ereção.

Forço-me a encarar o balcão, mas de soslaio reparo o instante em que ela volta com a bandeja e escuto o tal garoto que prepara os cafés lhe dizer:

— Chris, pegue alguns *brownies* e coloque num pacote para a viagem.

Empertigo-me. Chris? Por que ele a chamou de Chris?

Mas esse não é o nome dela. Não é?!

Sem entender, questiono-a com o olhar. Noto como seus ombros ficam tensos. Ela se aproxima e depois de entregar-me o pacote, sussurra:

— Nome do meio.

— O que?

— É o meu nome do meio.

— Seu nome do meio é Chris?

— Christina.

— Rebecca Christina? Não é um mau nome.

Ela sorri debochado, não concordando.

Espio para ter certeza de que o garoto não nos escuta e digo:

— Agora eu preciso saber o seu sobrenome.

— Já está querendo demais, senhor fotografo.

A tensão na minha virilha aumenta ao ouvi-la me chamar desse jeito. Tanto que sou obrigado a ajeitar o jeans. A boca dela está tão tentadoramente perto, droga!

Trocamos olhares nem um pouco discretos e a minha real vontade é arrancá-la daqui e levar para o hotel mais próximo. Estou há um passo disso.

Um miserável passo.

— Aqui está o seu pedido, senhor.

Redireciono o foco para o tal moleque (que está começando a encher com sua impertinência) e vejo-o segurando dois copos grandes. Respiro fundo.

— Obrigado. – respondo, tentando ser minimamente educado.

No entanto, ao contrário do que espera, não apanho os copos de suas mãos. Assim como ele, Rebecca também me observa sem entender. Eu disse que precisava de um plano, mas não tenho tempo para pensar em qualquer que seja.

Consigo perceber que ainda existe aquela atração crua e palpável entre nós. Então, guiado pelo desejo e anseio que vejo estampado na expressão dela, faço o que uma pessoa em sã consciência dificilmente faria.

Sem qualquer permissão, debruço sobre o balcão e pego o bloco de notas e a caneta guardados no bolso do avental que ela está usando e anoto o número do meu celular. Ponho-os de volta no lugar e perante o seu olhar surpreso (e do tal funcionário intrometido), encho-me de ousadia, e sussurro:

— Me liga, ok?!

Em frente ao olhar atônito do garoto e do sorrisinho sacana dela, enfim trato de pegar o meu pedido e sair da cafeteria, confiante de que as recordações de outrora logo se tornarão mais do que apenas cenas dentro da minha cabeça. Mas igualmente incerto de que a minha pequena obsessão por ela volte mais forte do que nunca – partindo da premissa de que ela se foi algum dia.

Porém e como eu disse, havendo a certeza que sei estar intacta, é o que importa.

Atrasado uns minutos, chego em frente à estação onde combinamos de nos encontrar. Mesmo com as mãos ocupadas e correndo o risco de derrubar tudo no chão, não hesito em abrir os braços para acolher o abraço que me oferece.

Dou-lhe um dos copos com cappuccino e começamos a caminhar.

— Demorou, hein. – diz – A cafeteria estava cheia?

— Não. – bebo um pouco do meu copo – Reencontrei uma pessoa.

Capítulo 17

ELLIOT

— Elliot, alinhe a coluna! — Bernard grita, interrompendo o ensaio — Lembre-se que sua *kinesfera* é longa. Se não alinhar, vai perder o equilíbrio durante o impulso para o giro e cair... De novo.

Respiro frustrado pela terceira vez e consinto, jogando os cabelos úmidos pelo suor do esforço para trás. Por que essa merda de movimento não quer sair?

Relaxo os braços e as pernas, tentando mandar a tensão - e as divagações - para longe e focar na coreografia. Inspiro e expiro à fim de me preparar.

E lá vamos nós novamente.

— Mais uma vez. — ele diz, caminhando para próximo do aparelho de som — Da parte em que o solo da Emma termina. Transição de cena.

Me posiciono e a música recomeça. Repassando mentalmente a nova coreografia, vou seguindo o ritmo e desenrolando os passos conforme a cena acontece. No instante em que devo fazer o movimento que está me enlouquecendo desde os últimos ensaios, sigo a sua orientação. Estico o braço direito e a perna o máximo que posso, inclino o corpo para trás e dou um giro no meu eixo. Por um segundo, sinto que vou perder o equilíbrio e cair de novo, mas não acontece e enfim consigo executar o bendito movimento. Não foi perfeito, não chegou nem a ser dos melhores, mas saiu e é o que importa. Terei que ensaiar muito nos próximos dias para aperfeiçoá-lo.

Eu tenho bastante trabalho pela frente.

O ensaio perdura ao longo de toda a tarde. Sem receio de estar ultrapassando meus limites, repito e repito a coreografia milhares de vezes. Mas tenho a impressão de que não melhora mais do que um ou outro detalhe ridículo.

Temos uma apresentação fora do país e iremos estreiar um espetáculo novo, no qual estamos trabalhando a bons meses e que fizemos constantes mudanças na coreografia. Por esse motivo, não está fluindo tão facilmente para mim quanto geralmente fluiria.

Bem, eu acredito que seja por isso e não porque os meus pensamentos estão repetidamente no que aconteceu a quase um mês.

Algo tem me tirado a calma desde que voltei para casa. Algo não é sim alguém. Aquela mulher sensual e de cabelos lilases com quem dancei e experimentei um dos melhores sexos dentro de um camarim, no Teatro Nacional de Munique.

Mais ou menos às oito horas, Bernard bate palmas, dando por encerrado o ensaio de hoje. Estou esgotado e nitidamente irritado. Odeio quando não consigo focar totalmente e cometo erros ridículos como os que cometi.

Pego uma garrafa de água e bebo quase metade em um gole. De soslaio, vejo-o se aproximar. Respiro profundamente. Torço a tampa com força e ponho a garrafa ao lado da minha bolsa. Volto-me para ele. Já imagino o que virá.

— Aquela é uma parte importante da coreografia, você sabe. — ele comenta

— Sinto que está pegando o jeito, mas precisa melhorar. Temos apenas algumas semanas até a viagem e tudo tem que sair perfeito.

— Sim, eu sei.

— Faça algumas pesquisas e tente absorver o máximo que puder sobre esses estilos. Acredito que estudar possa ajudar com a dança e em como incorporar.

— Farei isso.

Bernard toca o meu ombro num gesto encorajador e se afasta para falar com os demais bailarinos.

Frustrado como a tempos não fico, deixo a sala de prática assim que somos dispensados e vou direto para o vestiário. Preciso de um banho.

Tenho que esfriar a cabeça.

Com a água caindo sobre o meu corpo, tento fazer com que a insatisfação que sinto por mim mesmo vá para o ralo também enquanto me banho. Encosto a cabeça na parede do minúsculo cubículo do chuveiro e solto um suspiro profundo.

Eu deveria estar irritado, porém, o que estou verdadeiramente é desapontado. Por que aquela bendita mulher não sai da minha cabeça?

Tudo continua fresco em minha memória. Seus lindos olhos verdes, os cabelos lilases e a língua afiada. O som de sua risada e... Porra! Seus gemidos manhosos e profundos. A expressão sexy pra caralho de quando estávamos transando.

Foram apenas dois dias. DOIS DIAS! E vejo-me a praticamente um mês remoendo a tal viagem. Sim, definitivamente, ela me jogou um feitiço.

Aquela perversa – e deliciosa - bruxinha.

Assim que saio do chuveiro, deparo com Vince mexendo em seu armário. Nós nos entreolhamos e, como sempre, não é necessário mais do que isso para que ele saiba que não estou legal. Na realidade, há dias que não venho sendo eu mesmo. Erro nos ensaios, vivo perdido em devaneios, completamente desligado de tudo (ou quase tudo). E isso é uma droga! Estou agindo como um total idiota.

Visto uma camiseta, jeans e sento no banco para colocar os tênis. Percebo que o olhar de Vi permanece em mim e é óbvio que está esperando eu dizer alguma coisa. Acredite, eu tenho muito o que dizer. Mas nada que ele já não saiba.

— Você anda muito distraído, Eli. — ouço-o falar e continuo com a cabeça baixa, falsamente compenetrado em amarrar os cadarços — Ainda é por causa daquela mulher?

Não respondo. Ele solta uma respiração e se aproxima. Encaro seus pés parados bem a minha frente.

— Sei que ela largou você para trás, mas, cara, o que esperava de uma foda casual dentro de um camarim?

— Eu só queria entender o porquê. — digo, finalmente o encarando — Será que fiz algo errado? Eu pensei que estávamos na mesma sintonia. Sei lá.

— Isso é orgulho ferido. — debocha e eu o fuzilo — Com certeza vocês estavam na mesma sintonia na hora de transar. Depois, nem tanto.

— Ela deveria ao menos ter dito que não queria mais nada e não simplesmente ter sumido.

— Quantas vezes você já não fez a mesma coisa? Não seja hipócrita, amigo.

— Não estou sendo hipócrita.

— Mas é claro que você está. Por isso digo que o que sente não é nada além de orgulho ferido. Largou tantas mulheres que, no momento em que uma faz o mesmo com você, não consegue aguentar.

— Eu não sou tão infantil assim, Vi. Faça-me o favor e pare de falar merda.

Ele me observa em silêncio uns segundos. Noto o sorrisinho zombeteiro em seus lábios e tenho vontade de engana-lo. Babaca.

— Mudando de assunto, o que o Bernard disse a você sobre a coreografia?

— Que preciso estudar os novos estilos e tentar incorporá-los.

— Você anda realmente distraído nas últimas semanas. Não é à toa que ele puxou a sua orelha.

— E você acha que eu não sei?

— Será que existe o risco de...

— Nem ouse falar isso! — repreendo-o, tremendo só com a ideia de ser substituído — Não vai acontecer. Não vou deixar.

— Vá com calma, Eli. Você está muito estressado e eu notei como exigiu mais de si no ensaio de hoje. Se continuar assim, vai ser substituído por exaustão ou alguma lesão e não por causa da coreografia.

Respiro fundo. Ele tem razão. Ando extremamente estressado e isso pode acabar afetando ainda mais o meu desempenho. Foda.

— Por que não tenta tirar o final de semana para relaxar? Embora eu o conheça e saiba que na situação atual é quase impossível você seguir o meu conselho, vou dá-lo mesmo assim.

— Você vai acreditar se eu disser que vou fazer isso?

— Nem um pouco.

— Pois bem.

— De qualquer forma, acho que uma boa foda vai ser o suficiente para deixá-lo mais relaxado. E ainda pode conversar depois. Afinal, vocês estão juntos para isso, não é? Quero dizer, compartilhar as coisas e tal.

— Sim, mas não quero preocupar ninguém. Só preciso focar mais nos ensaios e tudo ficará bem. — joga a alça da bolsa no ombro — E, para a minha tristeza e a sua, não vai ter ninguém em casa esse final de semana. Estarei sozinho. Ou seja, vou aproveitar para ensaiar e estudar a dança.

— Alguém já disse que você é um fanático pela perfeição?

— Pode ter certeza que sim. Você é uma dessas pessoas.

Terminamos de nos arrumar e saímos rumo ao estacionamento. Por ter ficado tanto tempo dentro da sala de práticas, não havia percebido como o tempo virou. Um arrepio sobe a espinha quando o vento frio me acerta. Para a minha sorte, esqueci uma blusa de moletom no banco de trás, é ela mesmo que eu vou usar.

— Precisa de uma carona? — pergunto a Vince assim que paramos ao lado do meu Hyundai Tucson prata, que enfim peguei da revisão. Apesar de não ter problemas em andar de metrô, admito que o conforto do carro faz falta.

— Hoje não. Tenho que passar em um lugar antes de ir para casa. Mas valeu.

Concordo, dando de ombros. Conhecendo-o como conheço, não duvido que seu desvio seja para a cama de alguém.

Uma vez sozinho, encosto na porta do carro e olho para o céu. Sem dar importância para o vento, fico alguns minutos absorto em meus pensamentos. Acho que o meu amigo está certo ao dizer que o que sinto é “orgulho ferido”. Por que mais eu estaria tão desorientado por causa de uma mulher com quem fiquei somente dois dias e transei casualmente? Sim, deve ser isso. Ainda que eu não queira admitir que ser largado para trás tenha realmente ferido meu orgulho.

No final das contas, eu sou mesmo um hipócrita. E, como diria a minha mãe, estou provando do meu próprio veneno. Eu não tratei nenhuma das minhas amantes de uma noite mal, mas às vezes é inevitável não fazer coisas como fugir de fininho quando elas claramente querem algo que eu não posso dar.

Talvez esse tenha sido o caso dela. Não que eu estivesse à procura de algo a mais, porém, reconheço que senti uma conexão muito forte no momento em que nos encontramos. Seu jeito espontâneo e sincero me encantou, e esse é o problema. Fique deslumbrado demais, mesmo sabendo que não teríamos mais do que uma aventura.

E aqui estou, feito um imbecil deixando que essas tórridas lembranças atrapalhem na minha vida e no meu trabalho. O quão patético isso pode ser?

Eu preciso relaxar, espairar. Eu disse que não exageraria e controlaria essa mania chata de querer superar a mim mesmo, e é exatamente o que farei. Vou ensaiar e estudar, mas não vou ficar alucinado com isso. Tenho confiança suficiente em minha dança para assegurar que terei um excelente desempenho na apresentação. Também posso me dar ao luxo de descontraí-lo um pouco.

Sentindo-me mais tranquilo, puxo o celular do bolso no instante em que começa a vibrar. Sorrio ao ouvir quem é. Aqui está a minha chance de relaxar.

— Oi, baby. Tudo bem? Sim, acabei de sair do ensaio.

Caço as chaves do carro enquanto escuto o que fala.

— Jantar? É uma ótima ideia. Você não vai sair cedo amanhã, não é? – dou risada com seu suspiro aliviado do outro lado da linha – Então vamos aproveitar o tempo que temos enquanto o trabalho der uma trégua, já que o final de semana vai ser atribulado e não poderemos ficar juntos. Eu só tenho que passar na livraria antes. Terei que fazer algumas pesquisas para a próxima coreografia. Inventaram de colocar elementos novos e eu preciso estudar.

Destravo a porta do carro e entro. Jogo a bolsa no banco de trás e conecto o celular no sistema de áudio. Com as mãos finalmente livres, dou a partida.

— Sim, a Barnes & Noble. Da Union Square. – novamente dou risada com o seu comentário – Talvez seja desespero mesmo. Sabe como eu sou, prefiro livros ao computador. E se eu não encontrar alguma coisa num acervo de quase cinquenta mil títulos, vou processar.

Trocamos mais algumas palavras durante o caminho e encerro a ligação pouco antes de chegar a Union Square. 33 East 17th Street. Deixo o carro numa rua próxima e vou a pé para a entrada. O lugar é imenso – como qualquer coisa em Nova Iorque – e está cheio. Faço o meu caminho até a Barnes & Noble e sou incapaz de não ficar admirado outra vez com a quantidade de livros e em como essa livraria é sensacional.

Me aproximo do balcão de atendimento e uma funcionária me atende de prontidão. Dou-lhe um sorriso simpático e peço:

— Poderia me indicar a seção de arte e dança?

— Claro. Venha por aqui, por favor.

Sigo-a através do corredor, olhando ao redor e namorando as prateleiras. Eu sou um amante da leitura, não posso negar. Adoro tudo relacionado a literatura: livros, mangás, quadrinhos, entre outros. Leio o que encontrar pela frente.

Diante da enorme prateleira coberta por diversos títulos, começo a procurar o que vim comprar. Folheio alguns e vou separando os que parecem interessantes. Quando vejo a pilha de cinco livros, decido parar. Embora eu adore ler, não conseguirei terminar se estiver atolado. Então, levarei apenas esses.

Desço a escada rolante em direção ao caixa, mas paro em um dos mostruários para olhar as revistas. Estou folheando uma de videogames quando um rosto conhecido cruza de relance o meu campo de visão. Levanto a cabeça no mesmo instante, tão rápido que me impressiono por não ter distendido o pescoço no processo.

Meu coração dá uma guinada dentro do peito.

Não é possível.

Qual a possibilidade de ela estar logo aqui em Nova Iorque? Não, o mundo não é tão pequeno quanto dizem ser. Estou tão aficionado que acho que estou começando a ver coisas. Essa é a explicação.

Balanço a cabeça em negação, querendo afastar a súbita vontade de ir atrás da tal mulher que acabei de ver.

Não é ela. Não pode ser.

Bem, a informação foi processada pelo meu cérebro, mas acho que o comando de permanecer no mesmo lugar ou pegar meu rumo não foi enviado para os meus pés, que tomam um caminho completamente oposto ao do caixa.

Droga! Droga!

Que seja. Preciso confirmar ou vou entrar em parafuso.

Usando os livros como desculpa e também como álibi, pego-os e vou ao encaixe da mulher de moletom azul e com o capuz na cabeça. Claro que eu posso estar redondamente enganado, mas as minhas pulsações não teriam acelerado assim à toa. A possibilidade é remota, quase ridícula, só que necessito tirar a prova.

Sem perde-la de vista, percorro a livraria e sorrateiramente paro à uns passos de distância ao vê-la parar em frente a uma das prateleiras.

Seção de romances, interessante.

Observo-a pegar um livro e assim que inclina a cabeça para ler, reconheço claramente aqueles olhos verdes como jades e os meus batimentos vão à mil.

É ela! Porra, é ela sim!

É realmente possível uma coincidência dessas? De tantos lugares nesse enorme planeta, Poliana, o motivo por trás de todo o meu desconcerto ao longo desse mês, está aqui. Bem aqui na cidade.

Nesse momento, fica claro para mim que é possível sim. No entanto, o pior de tudo não é compreender que o mundo pode ser muito pequeno. E sim a incapacidade de controlar o sorriso que se forma em meus lábios ao constatar que não estou delirando. É verdade. Ela está ali, a poucos metros de mim, tão linda e hipnotizante quanto da última vez em que nos vimos.

Contemplo-a atônito por um instante. Contudo, como se soubesse estar sendo observada, Poliana ergue a cabeça e nossos olhares se encontram. Uma corrente elétrica percorre o meu corpo inteiro ao vislumbrar seus orbes esverdeados. Seu rosto se contorce em espanto e não demora um segundo para que devolva o livro a prateleira e saia disparada para o outro lado. Contudo, não lhe darei essa chance. Ela não irá escapar.

Largo os livros que carrego e praticamente corro na direção em que vai. Driblo algumas pessoas e facilmente a alcanço. Pego seu pulso com a maior delicadeza que posso na impulsividade do meu ato e viro-a para mim. O solavanco faz com que Poliana se choque contra o meu peito e, da mesma forma que aconteceu quando a puxei para dançar, sou agraciado com seu olhar penetrante no meu.

Encaro-a sentindo minha respiração acelerar ainda mais e fica mais do que óbvio.

Eu caí num feitiço. Num poderoso e irreversível feitiço.

Nos confrontamos por longos segundos. Suas bochechas estão coradas de uma maneira malditamente encantadora e não me impeço de tocar uma delas suavemente. Então, aproximando o meu rosto do seu, eu sussurro:

— Você não vai fugir de mim outra vez.

Capítulo 18

YANNA

Dias se passam e eu ainda não tive coragem de ligar para Christopher. A folha com o seu número de celular escrito está exposta sobre a minha mesa de trabalho desde o nosso reencontro, lembrando diariamente que, sim, aquele homem está de volta em minha vida. Ou ao menos quer estar de volta.

E a pergunta que vale um milhão de dólares é: eu o quero de volta?

Opção A: sim.

Opção B: óbvio que sim.

Opção C: com certeza que sim.

Entre todas as alternativas, acho que temos um vencedor unânime. Ou seria empate técnico? Seja qual for, está claro que a resposta é sim. E isso me assusta.

Assusta porque mostra o quanto fui seduzida por aquele jeito audacioso e desprendido dele. Naquele dia, eu pensei que o meu coração fosse parar com o baita susto que levei ao vê-lo entrar na cafeteria e mais ainda quando debruçou no balcão e, sendo o desavergonhado que é, pegou meu bloco e anotou seu número. Impossível uma mulher não ficar mexida com isso!

O problema é que eu não posso ficar “mexida”. Não posso permitir que esses sentimentos floresçam. Já está sendo difícil o suficiente sem eles.

E, como se não fosse o bastante todo o rebuliço dos últimos dias causado por um certo fotógrafo, Elliot continua tendo espaço em meus pensamentos. Oh, sim. O bailarino permanece firme e forte na minha cabeça, impregnado.

Às vezes parece que os dois estão competindo pra ver quem vai me fazer pirar primeiro.

O “trabalho” na cafeteria vai bem. Estou pegando o jeito e os meus colegas são simpáticos, tanto que provavelmente sentirei falta quando meu estudo de campo acabar. Christopher não voltou a aparecer lá e, francamente, sua ausência provocou um misto de decepção e alívio em mim. Se por um lado eu me pego olhando para a porta esperando que ele entre, por outro fico aliviada por não ter que lidar com a tentação ambulante que aquele homem representa.

Eu deveria tomar vergonha na minha cara!

Fecho o notebook e despreguiço ainda sentada na cadeira. Meu olhar recai sobre o pequeno relógio em cima da mesa e reparo que já passou das seis. Preciso levar ou, mais uma vez, chegarei atrasada para encontrar o Daniel. Nós combinamos de assistir um filme hoje (“minha folga”) no Regal Union Square Stadium, uma comédia que estamos loucos para ver desde que lançou na semana passada.

Organizo rapidamente a papelada que espalhei e guardo meu fiel caderno de capa vermelha na gaveta, pois não precisarei dele. Essa noite vou dar-lhe um descanso. E assim que julgou minha arrumação aceitável, vou para o banho.

Como na Europa, o outono também chegou a Nova Iorque e está ficando mais gelado a cada dia, então me agasalho já que não sou muito fã de frio (não quando estou na rua). Visto uma calça cargo e o meu moletom azul favorito.

Extraordinariamente no horário, agarro a minha bolsa e desço para o estacionamento. Meu lindo Jaguar E-Type dá boas-vindas com as luzes dos faróis piscando assim que destravo a porta e depois de tomar o banco do motorista, faço o meu tradicional processo de ligar o som e dou a partida.

Dado que moro em Soho por causa da editora, o caminho até o cinema é rápido. Após deixar o carro no estacionamento, subo as escadas e vou para o ponto de encontro que combinei com Daniel; parada diante da enorme entrada do cinema, ponho as mãos no bolso do moletom e espero. Mas o fato é que eu odeio esperar. Por isso chego atrasada na maioria dos compromissos (mentira).

O movimento em volta é grande. Fico observando tudo enquanto balanço para cima e para baixo nas pontas dos pés. Ao longe, avisto a placa com a foto de um daqueles grupos sul-coreanos que estão fazendo muito sucesso aqui nos EUA (e que não lembro o nome) e algumas meninas tirando fotos em frente.

Quinze minutos se vão e nada do meu melhor amigo dar as caras. A sessão do filme que iremos assistir começa as nove, ainda temos tempo, mas eu realmente queria parar comer no Panda Express antes de entrar no cinema.

Meu celular toca dentro da bolsa. Caço-o na bagunça que levo comigo sempre e o encontro embaixo da minha carteira. Atendo depressa ao ver que é Daniel.

— Dani, onde você está? – olho de um lado para o outro, procurando-o. Com o tanto de gente que está circulando, não me admiraria termos nos desencontrado.

“Desculpe, Yan. Tive uma reunião de emergência e só consegui sair agora.”

— Ah, ok. Não se preocupe.

“E você? Ainda está em casa?”

— Não, bobão. Eu já estou aqui no Regal.

“Isso sim é um milagre. Pelo menos alguma vez na vida eu vou chegar depois de você” – debocha – *“Mais uns vinte minutos e estarei aí, ok?!”*

— Tudo bem. Vou até a Barnes & Noble, então. Quando chegar, me avise.

Devolvo o celular a bolsa e dou meia volta para entrar no shopping. Eu até poderia escapar para o Panda Express, mas Daniel não me perdoaria se fosse comer um lanche sem ele. Por isso, como a boa amiga que sou e curiosa para ver os títulos novos que chegaram nas prateleiras, vou para a livraria.

O percurso para a Barnes & Noble não demora cinco minutos. Logo que atravesso as portas e me deparo com sua enorme quantidade de livros, meus olhos brilham de empolgação. Eu adoro esse lugar!

Já que eu conheço a livraria com a palma da minha mão, ando sem pressa observando as gigantescas prateleiras. Pego um título ou outro para ler a sinopse, mas apenas devolvo-os e continuo o meu caminho; subo as escadas rolantes para a seção de romances, o meu objetivo principal desde que entrei. Fiquei sabendo de alguns lançamentos que me interessaram e, quem sabe, eu não compre algum – embora a minha pilha de leitura pendente esteja imensa.

Paro diante de uma prateleira e procuro o título entre os diversos expostos. Quando finalmente o acho, apanho-o e leio a contracapa. Folheio algumas páginas e passo os olhos rapidamente sobre elas. A história parece ser bacana, apesar de eu achar improvável que alguém fique corado só com um aperto de mão, como a personagem principal fica no trecho em que parei.

Estou debatendo comigo mesma a possibilidade de levar o tal livro quando, misteriosamente, tenho a sensação de que alguém me observa. Viro a cabeça para conferir se não é apenas impressão e acho que vou ter um treco ao esbarrar com aquele par de olhos azuis cristalinos me encarando de longe. Oh, não!

É o Elliot. Sim, é ele mesmo.

O baque é tanto que engasgo com a minha própria saliva. Minhas mãos começam a transpirar, minha respiração engata, e vejo-me inerte.

Primeiro Christopher e agora ele?

Sem pensar duas vezes, fecho o livro e ponho de volta na prateleira. Se eu sair daqui rápido, talvez ele pense que foi uma alucinação e deixe pra lá.

Que nada.

Mesmo não olhando para trás, sei que Elliot vem em minha perseguição. Por isso, apresso o passo. Cogito até correr, mas isso seria demais. Onde está o poder de voar ou aparatar quando se precisa dele?

Fingindo que a possibilidade de ser pega não existe, disparo para a escada rolante. No entanto, ao sentir seus dedos quentes envolverem meu pulso, sei que estou perdida. Com o impulso que faz para me virar, acabo batendo contra o seu peito e nossos olhares fixam um no outro. Minha primeira reação é esconder qualquer mecha do cabelo dentro da touca que uso, não sei o porquê.

Frente a frente com ele, sou imediatamente engolida por seus lindos olhos azuis e o cheiro forte e sensual de seu perfume, o mesmo que usava no dia em que nos conhecemos e lembra uma mistura de laranja e limão, me acerta em cheio. Tanto que tenho vontade de enfiar o rosto em seu pescoço apenas para senti-lo melhor.

Nós nos encaramos, sem dar importância para quem esteja assistindo ao redor. Seu olhar é intenso. Um dos mais intensos que já vi na vida, e sou incapaz de não corar. Lembro da maneira como encarávamos um ao outro através do espelho daquele camarim enquanto transávamos, e as lembranças fazem que um rastro quente suba ao longo das minhas pernas e pare onde não deva.

Elliot acaricia a minha bochecha com as pontas dos dedos e pateticamente estremeço. Seu rosto se aproxima perigosamente do meu e só falto gemer quando sussurra:

— Você não vai fugir de mim outra vez.

Fugir? Quem disse que eu consigo fazer isso? Nem os pés eu posso mexer.

Engulo em seco. Aí está, o lobo embaixo da pele de cordeiro.

— Elliot... – murmuro.

Ele fecha os olhos e suspira de um jeito sexy pra caramba. Engulo em seco

novamente. Ao focar suas esferas cor de anil em meu rosto, reparo nitidamente a vontade que tem de esclarecer o que aconteceu em Munique, do porque o larguei para trás sem explicações.

Essa situação está se tornando mais excitante e constrangedora do que sou capaz de lidar. Tenho que bolar uma forma de escapar daqui ou não responderei por mim. E, sinceramente, basta um homem bagunçando a minha mente por enquanto – como se os dois não estivessem fazendo isso desde que os conheci.

Tento colocar as engrenagens dentro da minha cabeça para funcionar, o que, diga-se de passagem, não está sendo muito fácil como esse homem colando seu corpo no meu. Elliot não desvia os olhos um segundo sequer e a minha força de vontade é fortemente testada quando ele me aperta um pouco mais e diz:

— O quão improvável esse encontro pode ser?

Ultimamente não estou considerando mais nada improvável, levando em conta que acabo de encontra-lo e Christopher a dias atrás, ambos em Nova Iorque.

Fito-o um minuto antes de responder:

— Sinceramente, eu não sei.

— O que faz aqui? Digo, na cidade?

“Pensa, Yanna. Pensaaaaaaa...”

— Vim visitar o meu primo. – respondo. Que desculpa mais esfarrapada!

— E ficará por quanto tempo no país?

— Hum.... Eu ainda não sei ao certo.

Elliot me encara e eu não preciso ser Einstein para saber o que esse olhar significa. Pois eu vi esse mesmo olhar há poucos dias na cafeteria.

Putá merda!

Ou eu saio agora ou vou concordar com qualquer coisa que ele propor.

De repente, o celular começa a tocar dentro da minha bolsa e logo reconheço o toque. Internamente eu agradeço ao *timing* do meu melhor amigo.

Obrigada Dani!

Quebrando totalmente o clima, me afasto e digo:

— Preciso ir. Meu primo deve estar me esperando, então...

Me preparo para dar meia-volta e sair correndo da livraria, mas, novamente, Elliot segura delicadamente o meu pulso e fala:

— Espera!

Roubando na maior cara de pau a caneta de um rapaz ao lado, abre a palma da minha mão e escreve algo rapidamente. Sem despedidas, giro nos calcanhares e saio apressada rumo a escada rolante, querendo (inusitadamente a contragosto) me distanciar o máximo possível do bailarino.

Uma vez fora, respiro profundamente tentando me recompor desse segundo reencontro chocante e enfim abro a mão para ver o que raios ele escreveu.

Sorrio com deboche.

Mais um número de telefone para me atormentar.

O celular volta a tocar e esquivo dos devaneios para ir encontrar o meu amigo na frente do cinema, onde provavelmente está me esperando.

Ao avistá-lo parado ao lado da porta, corro até ele e o abraço apertado.

— Finalmente! — digo brincalhona.

— Eu espero as vezes duas horas por você. O que são vinte minutos?

— Mas eu não estou acostumada a esperar.

— Está é acostumada a fazer os outros esperarem, principalmente eu.

— Ossos do ofício. — dou de ombros.

Daniel balança a cabeça em negação e, de repente, seu semblante se fecha. Nós nos entreolhamos um instante.

— Está tudo bem? — joga a pergunta tão subitamente que me surpreende.

— Claro que sim.

A palma da minha mão esquerda coça, igual a uma mentira entalada na garganta. Fecho-a num punho, tentando fazer com que a sensação vá embora.

Tenho que ir ao banheiro lavar a mão e apagar esse número antes que Daniel veja e comece a encher o meu saco com as suas perguntas e indiretas. Ele está com aquela expressão de que vai soltar alguma coisa a qualquer momento.

— Vou ao banheiro rapidinho. — digo.

— Ah, ok.

Deixando-o no corredor, entro no banheiro mais próximo e paro diante da pia. Abro a torneira e encaro a água descer sem colocar as mãos embaixo dela. Fico assim por uns segundos e, com um suspiro derrotado, apanho o primeiro pedaço de papel que encontro dentro da bolsa e anoto o bendito número antes de finalmente apaga-lo da minha pele com sabão.

Sou uma panaca mesmo.

Saio com as mãos ainda um pouco úmidas e acabo secando-as na parte de trás da calça. Daniel lança um de seus olhares que bem conheço ao que me aproximo e nem espera para indagar:

— Tem certeza de que está tudo bem? — analisa-me de cima a baixo, intrigado — Você parece muito agitada para o meu gosto.

Maldito Dani e sua perspicácia.

— Já disse que sim. Agora vamos logo para o cinema ou perderemos o filme.

E eu ainda quero comprar pipoca.

Desconverso e empurro-o para o elevador. E mesmo nitidamente insatisfeito com a minha resposta, ele não contesta.

Compramos dois baldes grandes de pipoca e dois copos de refrigerante. Daniel tagarela animado sobre o filme, diz que leu boas críticas e tal, mas a minha mente está longe. Muito longe. E ela permanece assim ao longo das quase duas horas dentro da sala de cinema.

Quando enfim chego em casa no final da noite, pois o meu amigo insistiu que deveríamos estender para uma cerveja, resgato o papel que guardei na bolsa e o coloco junto com o outro onde está escrito o número de Christopher, escondendo ambos no fundo da gaveta.

Cansada de tantas emoções em tão pouco tempo, tomo um longo banho e permito-me afundar na cama e adormecer.

[...]

A semana se arrasta de tal forma que penso que minha folga do final de semana nunca irá chegar. Mas, felizmente, ela chega. O prazo para a entrega do meu manuscrito está se aproximando e tenho que terminá-lo o mais rápido possível, porém, as únicas coisas nas quais estou realmente pensando são em Christopher e Elliot. O que é, definitivamente, uma droga. Especialmente quando preciso reviver constantemente todas as lembranças que compartilhei com eles.

Resolvo acordar cedo, mesmo cansada da semana puxada na cafeteira, e fazer uma corrida perto do Parque James J. Walker. Não é uma das minhas atividades favoritas, mas ao menos me ajudará a despertar e pôr o cérebro para funcionar; calço os meus tênis e ajeito a braçadeira para celular depois de colocar a minha *playlist* para tocar. Cumprimento o zelador assim que saio no hall e início uma corrida leve até o parque. O ar da manhã está ótimo.

Me exercito por cerca de uma hora e paro em uma lanchonete para o café da manhã. Volto para casa sentindo-me energizada e pronta para ficar horas em frente ao notebook trabalhando. Tomo uma ducha para tirar o suor do corpo e visto uma roupa bem confortável. É hoje que esse manuscrito fica pronto!

Sento em frente ao notebook, estalo os dedos e abro o arquivo de Word. No entanto, assim que estou prestes a digitar, minha mente fica em branco. *Puft!* Simples assim. Nenhuma ideia. Fico pasma. É sério isso?

Encaro a tela como se estivesse vendo um bicho de sete cabeças.

Nada. Sequer uma miserável palavra.

Absolutamente nada sai durante horas.

E assim um dia se passa, e outro e outro. O prazo da entrega chega e não há mais do que três palavras escritas. Tenho vontade de jogar o computador longe. Não por raiva dele e sim porque por fim admito a mim mesma que estou num bloqueio criativo. Eu não posso acreditar nisso.

Mesmo relutante por não querer entregar os pontos, ligo para Daniel e no segundo toque ele atende. Suspiro só de pensar no que terei que dizer.

— Oi Dani.

“E aí, Yan”. – ouço-o mexer em alguma coisa de fundo – “Está ligando por causa do manuscrito? Você já está vindo ou vai mandar por e-mail?”

— Nem um e nem outro.

“Como assim? O que foi?”

— O manuscrito vai atrasar. Ainda não consegui terminar.

Há um segundo de silêncio antes de ele dizer:

“Não é comum você atrasar um manuscrito, mas não tem problema”. – seu tom de voz é compreensivo – “Não estamos com pressa, então descanse e tome o tempo que precisar. Só não exagera”.

— Obrigada Dani e desculpe mais uma vez.

“*Relaxa Yan*”.

Agradeço meu amigo e desligo para não o bombardear com minhas chateações. Pela milésima vez no dia, fecho o notebook e levanto para me arrumar.

Tenho que ir ao “trabalho”.

Outra semana se vai e me vejo prestes a ter um colapso nervoso. Tudo porque não consigo sair desse maldito bloqueio criativo. Oh, céus, o que eu faço?

Com o caderno aberto sobre as pernas e a caneta na mão, tento rascunhar uma frase que seja, só que fico ainda mais frustrada. Encosto a cabeça no sofá e fecho os olhos, soltando um suspiro resignado. Se aqueles dois não tivessem reaparecido, isso não teria acontecido. Eu não teria passado as últimas duas semanas obcecada neles e nem em como gostaria de tê-los de... Espera!

Logo que o pensamento cruza a minha cabeça, balanço-a e tenho vontade de me estapear. Não, Yanna. Absolutamente não! Fora de cogitação.

Se eu trazer esses dois de volta para a minha vida, sei que vou me arrepender profundamente mais para frente. Sabe aquela vozinha lá no fundo que sussurra incansavelmente “*vai dar merda*”? Ela não está sussurrando, está gritando.

Respiro fundo, o mais fundo que sou capaz. Por Deus, como uma pessoa pode tanto querer outra? Ou melhor colocando, outras? Eu não posso. Eu não...

Mas por um lado, talvez aquela frase “*unir o útil ao agradável*” possa justificar.

Quer saber? Foda-se!

Foda-se, foda-se e foda-se!

Numa atitude impulsiva, levanto de supetão e vou atrás dos dois papéis que me atormentaram durante todos esses dias. Resgato-os do fundo da gaveta

e pego o celular, onde rapidamente começo a discar o primeiro número.

É isso.

Eu me rendo.

Capítulo 19

CHRISTOPHER

Não preciso dizer que fiquei realmente surpreso (e contente) em receber aquela ligação. Depois de praticamente três semanas, eu duvidava que ela iria me ligar. Porém, contrariando todas as minhas expectativas pessimistas, aconteceu e combinamos de nos encontrar hoje no apartamento em que está morando. Que, também para a minha surpresa, fica logo em Soho.

Enfim livre de todo o trabalho e sem qualquer plano até o começo da próxima semana, me arrumo com a pretensão de passar o sábado e o domingo fodendo o dia inteiro. Um pouco presunçoso da minha parte? Claro que sim. Ela pode me escorraçar a hora que quiser e eu não poderei fazer nada além de ficar frustrado, mas do jeito que trocamos olhares da última vez que nos encontramos e pela insinuação que notei em sua voz, sinto que não sou o único esperando por um final de semana inteiro regado a sexo.

Embora eu prefira roupas mais largas e confortáveis, decido variar no visual. Pelo pouco que conheço Rebecca, sei que ela não dá muita importância para isso, mas aparecer bem arrumado talvez a impressione. Eu espero que sim por que, decididamente, camisa social e blazer (apesar das botas e do jeans rasgado) não faz muito o meu estilo.

Vendo que se não sair de casa depressa posso chegar atrasado, enfio o celular e a carteira nos bolsos, e pego as chaves do carro. Dou uma última conferida para lembrar se não esqueci nada e desço direto para o estacionamento.

No meio do caminho, mudo o meu trajeto rapidamente para uma loja de vinhos que costumo frequentar de vez em quando. Afinal, o que seria de uma visita a casa de uma mulher (especialmente a que você está atraído) sem um bom vinho?

Compro um excelente Cabernet Sauvignon e em seguida vou a loja de conveniência para recarregar o meu estoque de camisinhas. Nunca se sabe.

Estaciono diante do condomínio indicado no GPS e o observo um instante. Esse tal amigo (que ainda não me desce) deve ser um cara bem-sucedido, pois, ainda que não seja dos mais luxuosos, morar em um prédio como esse aqui em Soho custa uma pequena fortuna. Dá para entender o porquê de o cara ter pedido para que Becca cuidasse do lugar enquanto ele viaja.

Com a garrafa na mão e uma ansiedade esquisita no peito, atravesso a rua e paro em frente ao painel do interfone, onde aperto o botão de número 1204. Dou um passo para trás e espero ser atendido, o que não demora a acontecer.

“*Quem é?*”, sua voz rompe o breve silêncio e eu pigarreio antes de responder.

— Sou eu, Christopher.

Não há resposta, apenas o barulho do destravar da porta. Abro-a e caminho para o elevador no final do corredor. Assim como fiz lá fora, aperto o botão do meu andar e recosto no espelho. Eu deveria estar tão nervoso assim?

Conforme o meu andar se aproxima, algo dentro de mim se agita, e assim que observo a porta de número 1204 bem a minha frente, tenho que respirar fundo para manter a calma. Porém, tudo vai pelos ares quando Rebecca abre a porta e meus olhos pousam em sua figura, deslumbrante com um macacão curto que destaca suas lindas curvas e um decote que insinua seus seios arrebitados.

Engulo em seco.

Se isso não é sinal claro para o sexo, eu não sei o que mais pode ser.

Seus fascinantes cabelos rosados estão presos de lado, revelando o delicado pescoço em que quero loucamente voltar a colocar minha boca. Becca abre um sorriso convidativo e eu o correspondo a altura. Estamos em sintonia.

— Olá. – digo.

— Olá novamente, senhor fotógrafo.

Reprimo um suspiro. Por que caralhos esse “senhor fotógrafo” é tão excitante?

Seu olhar me mede de cima a baixo.

— Você está muito bonito, sabia?

— E eu acho que não preciso dizer que você está fabulosa, não é?!

Sou agraciado por mais um sorriso.

Rebecca dá um passo para o lado, num pedido silencioso para que eu entre. Eu o faço e não me contenho em deixar um beijo cheio de promessas em sua bochecha. Ela sorri um tanto tímida, mas em segundos está me devorando com seus olhos verdes cintilantes.

Largo as botas no canto da porta e ela põe as mãos em meus ombros para ajudar a tirar o blazer e eu preciso de muita força de vontade para não pedir que tire o resto. Ainda temos toda a noite pela frente, para que apressar?

— O jantar está quase pronto. – Becca diz, pondo o blazer num cabideiro – Fique à vontade, vou pegar as taças e olhar como as coisas andam no fogão.

— Precisa de ajuda?

— Tudo sobre controle. – lança uma piscadinha e vai para a cozinha.

Sozinho, tomo uns segundos para analisar o apartamento. É um lugar relativamente espaçoso para uma pessoa, mas nada exorbitante. A decoração é bastante neutra, porém, noto alguns pontos de cores em adereços espalhados, como o sofá de couro amarelo no centro da sala. E livros. Muitos, muitos livros. Uma estante do chão ao teto lotada de títulos e outros enfeites. O cara deve mesmo gostar de ler e admito que simpatizo do seu gosto.

No entanto, por alguma razão, o apartamento tem uma atmosfera feminina demais para ser de um homem que mora sozinho. Será que ele tem alguém ou

não é o que imaginei que fosse? Bem, não faço ideia. Talvez seja apenas por que Rebecca está aqui.

Sento no chamativo sofá de couro amarelo e ponho a garrafa de vinho sobre a mesinha, ao lado do abajur. Em minha silenciosa análise, mal percebo o momento em que Becca aparece com as taças e estende uma para mim.

— Ei, não se incomode. — digo ao vê-la encaixar o saca-rolha na garrafa.

— Você não sabia que uma mulher pode abrir uma garrafa de vinho para um homem? — ela indaga, brincalhona.

— Não, eu sabia apenas que poderia emprestar uma jaqueta caso ele sinta frio.

Citar uma parte do que aconteceu em nossa semana em Veneza faz sua expressão acender com as lembranças. Sorrimos um para o outro. A maneira como ela tirou a jaqueta ao notar que eu estava com frio foi uma das coisas que me fizeram ficar ainda mais encantado aquele dia.

— Devemos brindar? — ela pergunta ao sentar do meu lado.

— Sem dúvida.

— E ao quê?

— Que tal por esse re-re-reencontro?

Becca sorri e ajeita uma mecha do cabelo atrás da orelha, então responde:

— Um excelente motivo.

Ergo a taça e brindamos. Bebemos do vinho encarando um no outro, trocando mais do que olhares; Rebecca lambe o canto da boca sensualmente ao afastar a taça e sinto uma fisgada forte no meu baixo ventre. Dou mais um gole na bebida para acalmar os ânimos — ainda que o efeito seja completamente o contrário.

— Está com fome? — pergunta.

“Com certeza eu estou com fome, mas não é de comida”, penso e tenho certeza de que compartilha o pensamento comigo, pois, atrevida, morde o lábio.

— Estou sim. – respondo, continuando o nosso jogo.

— Aqui não tem mesa de jantar, então espero que não se importe de comer na bancada da cozinha. Não é o mais charmoso dos lugares, mas...

— Sou um homem simples. Não me importo com essas coisas.

— Isso é bom.

Terminamos de beber o vinho quietos, numa tensão sexual tão intensa que chega a ser palpável; ao levantar e estender a mão para que eu pegue, Rebecca me guia até a bancada de mármore negro (muito bonita, por sinal) e observo o trabalho que fez para organizar tudo e criar um clima sedutor.

— Sente-se que eu vou...

— Que tal se eu fizer isso? – sugiro

Becca sorri e assente. Novamente, sem poder conter à vontade em mim, seguro sua cintura com um pouco mais de força e beijo sua bochecha. A maneira como ela suspira com o meu toque vai aos poucos levando a minha sanidade.

O cheiro de camarão paira no ar logo que tiro a tampa da panela e inspiro profundamente para desfrutar desse aroma tão apetitoso. Ela preparou macarrão ao molho de camarões e, se o sabor estiver tão bom quanto o cheiro, tenho certeza de que vou devorar uns três pratos facilmente.

Sirvo-nos e sento uma vez que reabasteci nossas taças com o vinho que trouxe.

Jantamos entre conversas e flertes. O macarrão está maravilhoso, porém, me limito a um prato e meio ao invés de três. Não quero que o estômago cheio seja um empecilho para o que pretendemos fazer mais tarde (e pelo resto da noite e nos próximos dois dias, eu espero).

Voltamos a nos acomodar no sofá amarelo. Rebecca põe uma música para tocar em seu *dock station* e abrimos uma segunda garrafa de vinho, a que estava em sua geladeira e também é muito bom.

Durante algum tempo, falamos sobre amenidades. No entanto, conforme vou bebendo uma taça e outra, meu corpo começa a desejar mais do que o pequeno contato que estabelecemos. Ela está com as pernas apoiadas no meu colo e eu faço um carinho sutil pelo comprimento de seus pés até os joelhos. E a cada vez que os meus dedos deslizam por sua pele macia, mais o espaço dentro da minha calça fica apertado. O pior é que está nítido que Becca sabe o que me provoca, pois, descaradamente roça o pé no volume marcado do meu jeans.

De fundo, “*Supermassive Black Hole*” do Muse toca, e o ressoar erótico da guitarra desperta ainda mais a minha excitação. Eu sei que temos mais para conversar além das trivialidades de até agora, mas como posso abordar qualquer assunto se tudo o que eu quero é enfiar a minha língua na boca dela?

*“Ooh baby, você não sabe que eu sofro?
Ooh baby, você não pode me ouvir lamentar?
Você me prendeu com falsos pretextos
Quando você me deixará partir?”*

*Ooohh-ahhh, você acendeu uma luz em minha alma
Ooohh-ahhh, você acendeu uma luz em minha alma
Geleiras glaciais derretendo na madrugada
E as super estrelas são sugadas pra dentro do supermassivo
[Ooohh-ahhh, você acendeu uma luz em minha alma]*

*Geleiras glaciais derretendo na madrugada
E as super estrelas são sugadas pra dentro do...
[Ooohh-ahhh, você deixa minha alma...]*

*Eu pensava que não era um tolo por ninguém
Mas, ooh baby, eu sou um tolo por você*

*Você é a rainha do superficial
Mas quanto tempo antes de você dizer a verdade?”*

Ao invés de parar em sua coxa, deixo que minha mão deslize mais para cima, alcançando o ponto quente e desejoso entre suas pernas. Rebecca solta um suspiro satisfeito quando a acaricio com mais intensidade, esfregando a palma contra o seu clitóris inchado e perfurado por aquele piercing que me tira do sério. Posso sentir como fica úmida por debaixo do tecido e isso faz com que eu vire de uma vez o restante do vinho na taça.

— Venha aqui. — chamo-a num sussurro.

Ela se livra da taça tão rápido quanto eu, e logo estamos nos beijando como desejamos fazer desde que colocamos os olhos um no outro naquela cafeteira.

Rebecca sente em meu colo, suas pernas em torno da minha cintura e seu sexo colado no meu. Levo as mãos até suas nádegas e a aperto mais para que sinta como estou louco para tê-la novamente.

Estremeço com o carinho que seus dedos fazem no meu cabelo e a beijo com mais fervor. Nossos corpos buscam por mais contato, mais calor, e antes que eu perceba já estou empurrando os quadris para amenizar a agonia de ter o meu pau esfregando na sua boceta por baixo de tanta roupa. Tenho que estar dentro dela ou acho realmente que vou acabar enlouquecendo.

Tateio suas costas atrás do zíper do macacão e começo a abri-lo assim que encontro. Suspiro ao tocar sua pele nua com os dedos, ainda mais quando Becca se remexe no meu colo e expõe o pescoço para que eu o marque com chupões.

Minha língua explora toda a linha de seu delicado pescoço. Eu o chupo, beijo, e subo novamente para a sua boca. Trato de abaixar as mangas do macacão e ela puxa os braços libertando-se de ambas. Seus lindos e pequenos seios me dão boas-vindas e não me contenho em mamar os dois.

— Christopher... Aaahh..

Seu gemido é a minha perdição. Não só por me deixar com o tesão fora de controle, mas por vários outros motivos também. E no quais eu não quero pensar agora.

Entre beijos, ela abre a minha camisa e desce os lábios do meu pescoço até a altura do peito. Da mesma maneira que fiz, chupa os meus mamilos e os circula com a língua, provocando uma sensação foddidamente boa. Tanto que acabo gemendo mais alto do que pretendia. Seu percurso por meu tórax continua e assim que sua boca molhada se aproxima da braguilha da calça, que seus doces lábios pousam sobre a minha ereção ainda coberta, puxo uma respiração profunda e a trago de volta para cima.

— Curve-se no sofá e fique bem empinada para mim, huh?! – peço ao pegar seus cabelos e então beijo seu queixo.

Sorrindo arditosamente, ela diz:

— Você tem um jeito bem mandão, não é?

— Você desperta esse lado meu, *Sweetie*, não posso evitar. Embora esteja claro que sou eu quem está nas suas mãos.

Ela sorri de novo e acaricia meu lábio com as pontas dos dedos. Seu olhar sobre mim é intenso, quase como se estivesse admitindo algo para si mesma.

— Talvez estejamos um na mão do outro. – ela diz, e aperta a ponta do meu nariz inesperadamente – E usar o apelido foi golpe baixo.

— Golpe baixo é o que eu vou fazer assim que você empinar essa bunda pra mim.

Rebecca morde o lábio e não espera mais um segundo para se pôr curvada no sofá como pedi. A visão do seu traseiro empinado é espetacular. Meu pau pulsa forte dentro da calça. Tenho que ir logo com isso ou vou acabar gozando.

Abaixo o restante do macacão até o tirar por seus pés. A calcinha de renda que está usando é minúscula e minha imaginação trabalha a mil. No entanto,

quero-a nua para mim e não hesito em estourar a peça com um puxão forte. Becca me olha por cima do ombro, incrédula. Mas logo sorri do seu jeitinho travesso.

— Hoje você realmente está para surpresas, não é, senhor fotógrafo?

Com certeza. Estou surpreendendo até a mim mesmo com esse tesão desmedido. E olha que eu já passei por isso antes. Mas com outra pessoa é de fato surpreendente.

Lhe respondo com um sorriso e um tapinha na bunda. Becca ofega e se arqueia mais em minha direção. Espalmo as mãos em suas nádegas e abro caminho para a minha língua encontrar seu ponto doce onde logo mais quero enfiar o meu pau.

Ela solta um gemido ruidoso com a lambida que lhe dou e sinto-a tremer quando capturo o piercing em seu clitóris e o chupo junto com ele. Continuo massageando suas bandas firmes e suaves, enquanto minha boca trabalha em proporcionar o máximo prazer possível.

No entanto, se eu prosseguir mais tempo com esse oral, não vou poder fazer o que tanto quero (pelo menos, não antes de esperar uma hora). Então, após beijar o seu broto uma última vez e sem reivindicar seu orgasmo, me ponho de pé e começo a tirar as roupas que ainda visto. Com os braços cruzados debaixo do queixo e os cabelos rosados caindo sobre a curva suave de suas costas, Rebecca me observa ficar nu e é impossível não a achar adorável. Ainda que eu saiba que toda essa doçura é só fachada para o furacão que ela verdadeiramente é.

Será que outros caras a veem da mesma maneira?

Droga! Melhor eu nem pensar nisso.

— Tem camisinhas ali naquela gaveta. — Becca aponta para um móvel no canto da sala — Você pode ir até lá e deixar que eu admire a sua bunda enquanto caminha. Sinto falta desde a última vez em Veneza.

Solto uma gargalhada. Essa mulher é extraordinária.

— Quem sou eu para não atender a esse pedido tão descarado?

Vou até o móvel que indicou, dando uma rebolada que lhe arranca uma risada, e abro a gaveta. Pego uma tira de camisinhas e volto para o sofá, onde subo de joelhos.

— Teve uma boa vista? – pergunto, rasgando um dos preservativos.

— Melhor do que você imagina.

— Que tal você virar esse rabo lindo para que eu tenha uma boa vista também?

Ela vira e se apoia no braço do sofá. Sua bunda deliciosa fica ainda mais arrebitada e eu quase salivo com a visão. Desenrolo a camisinha e guio-me para a fenda entre suas pernas. No instante em que a penetro, agarro seus quadris e suspiro tão ruidosamente quanto ela. Nossos gemidos preenchem a sala, assim como o som das nossas peles batendo uma contra a outra.

Durante vários minutos, eu a possuo com tudo o que tenho e desejo. Nossos corpos se entendem e clamam um pelo outro. Sua voz imersa em prazer sussurrando o meu nome é como uma fagulha que incendeia cada centímetro do meu ser. E eu me entrego de uma forma que só fiz uma vez na vida. E apesar de eu estar tão submerso no momento, não posso deixar de pensar no quanto isso é assustador. Muito!

Sentada de frente para mim, com seus pequenos e bonitos seios esfregando em meu peito, Rebecca beija a minha boca ao passo que sobe e desce rítmica em meu colo. Minhas mãos exploram cada canto, cada curva, e se deleitam com sua maciez.

— Estou tão perto... Ahn, Chris...

— Então venha, *Sweetie*. Goza bem gostoso em mim como fez em Veneza.

Ela sorri e se entrega ao ápice. Sinto como me aperta por dentro, seus gemidos ecoando em meus ouvidos e não precisa de muito mais para que eu goze também.

Rebecca cai sobre mim e nos abraçamos eufóricos e cansados pelo orgasmo. Acaricio seus cabelos rosados e beijo-os, sentindo seu peito descer e subir colado no meu. Seu calor é reconfortante.

— Você é sempre incrível assim? – ela murmura, fazendo-me rir.

— Depende.

— Depende do que?

— Se quem estiver comigo também for incrível.

Becca se levanta e me observa. Um sorriso contido enfeita seus tentadores lábios.

— Alguém já disse que você tem uma lábia muito boa?

— Talvez eu saiba disso sem que ninguém precise dizer.

— Modéstia não é muito o seu forte, não é?!

Dou de ombros. Eu sou mais modesto do que muita gente que conheço.

Ela se ergue nos joelhos ainda trêmulos e cai ao meu lado. Tiro a camisinha, dou um nó e deixo no chão ao lado do sofá. Depois eu jogo fora com o resto que certeza vamos usar mais tarde.

— Incomoda se eu acender um cigarro?

— Fique à vontade. A casa é sua. Quero dizer, ao menos por enquanto.

Sem dar importância para a nudez, Rebecca vai até o tal móvel onde estão as camisinhas e abre a segunda gaveta, tirando de lá um maço de cigarros e um isqueiro. Acende e traga antes de sentar ao meu lado de novo. O característico cheiro de cravos paira no ar e traz algumas lembranças sórdidas de nossa semana em Veneza, bem como as perguntas e respostas que esquecemos por estarmos ocupados demais em nossa luxúria.

Olhando para o teto, pondero o que devo dizer primeiro. Acredito que iniciar com uma conversa mais branda seja o caminho.

— Eu realmente não esperava, na verdade, sequer imaginava que um dia poderíamos nos encontrar em Nova Iorque. — digo, à fim de puxar papo.

— Eu também não. Mas parece que o universo gosta de juntar nós dois.

Tenho a impressão de ouvi-la sussurrar algo parecido com “três”, mas ignoro. Deve estar pensando em outra coisa.

— Pois é. Tenho a mesma opinião.

— Você quer saber como vim parar aqui? — indaga e posso escutar seus lábios soprando a fumaça para fora.

— Seria interessante.

— Nem tanto, para falar a verdade. Meu amigo apenas ligou de repente dizendo que precisava viajar a negócios e pediu que eu viesse cuidar da casa, já que eu estava por perto.

— Por perto?

— No Japão.

— Ah...

— Então eu aceitei. E fim de história.

— Bom, essa parte eu já sei por alto. Mas, e o trabalho na cafeteria?

— Eu estava precisando de dinheiro e acabei aceitando trabalhar.

— Eu pensei que você trabalhava com música. — franzo o cenho, meio confuso.

— Digamos que a música não estava rendendo tanto quanto eu imaginava.

— Entendo.

Repentinamente, ficamos quietos. O que demonstra que não está muito à fim de estender o assunto. Tudo bem, isso me dá margem para não postergar mais.

— Eu gostaria de pedir desculpas. — falo enfim, ainda com o olhar fixo no teto.

— E eu poderia saber o porquê? Talvez por foder maravilhosamente bem e me deixar exausta? - ela responde, me arrancando uma risada fácil como sempre.

— Na verdade, eu gostaria de pedir desculpa por não ter aparecido aquele dia, quando estava prestes a ir embora de Veneza. Sei que fui eu que pedi e ainda assim fui cara de pau o suficiente para não ir ao seu encontro.

Rebecca permanece quieta outra vez. Acho que tocar nesse assunto ainda deve deixá-la chateada. E eu não posso culpá-la, pois, eu também ficaria.

— Christopher...

— Huh?

— Serei sincera com você. — vira a cabeça e nos encaramos — Eu também não fui.

— Como é?

— Eu também não apareci na Ponte Rialto aquele dia. Fiquei no hotel e parti no dia seguinte. Eu pensei que.... Sinceramente, eu não sei o que pensei, só achei que não seria uma boa ideia encontrá-lo.

Uma onda de alívio varre o meu corpo. Sinto-me menos culpado agora por saber que não a fiz esperar enquanto estava vindo embora para casa. Essa possibilidade realmente me incomodou por muito tempo. Contudo, a medida que o alívio cresce, o pânico também. Isso porque fica mais do que evidente que não foi o peso na consciência que não me permitiu tirá-la da cabeça. E, para ser sincero, enquanto esse lance entre nós continuar rolando, eu prefiro não descobrir o que é. Pois, a partir do momento em que eu souber, sinto que tudo vai mudar de um modo irreversível.

Capítulo 20

ELLIOT

Eu nunca reclamei do meu trabalho e menos ainda de ter que viajar por causa dele. Mas tinha que ter um momento mais inoportuno para uma apresentação fora do país do que naquele momento?

Esperei mais de duas semanas para receber sua ligação e, quando finalmente a recebi, foi prestes a embarcar para Paris. Não é uma droga?

Se bem que foi melhor assim. Afinal, mesmo estando ocupado com os ensaios, eu ficaria verdadeiramente tentado a escapar para o seu apartamento caso tivesse ligado antes. E eu realmente não queria ter que escolher entre o meu trabalho e ela, até porque não seria uma escolha justa, pois, claramente eu preferiria o meu trabalho (ainda que eu a deseje muito, lutei demais para chegar onde cheguei e não vou abrir mão disso).

E aqui estou eu, dentro de um bar na Champs-Élysées com Vince, mas querendo que o dia de amanhã chegue o mais rápido possível para que possamos finalmente voltar para Nova Iorque e então eu ir de encontro a mulher que está em meus pensamentos mais forte do que nunca.

Quem em sã consciência quer ir embora da Champs-Élysées quando tem a oportunidade de curti-la? Bem, aparentemente, eu sou essa pessoa. Mas não é como se fosse a minha primeira vez visitando esse lugar, de qualquer forma.

O *bartender* serve mais uma dose de tequila, que eu viro assim que toca o balcão. Meu amigo está conversando com uma morena do outro lado enquanto minhas únicas companheiras são a bebida e as fantasias do que pretendo fazer com Poliana. Para ser sincero, eu até que tinha uma “companhia”, uma loira. Mas, pela primeira vez em anos, rejeitei uma transa casual só porque quero voltar logo (e sozinho) para o

quarto. Mas quem disse que Vince Bennett quer cooperar com isso?

Faz mais de uma hora que fui largado as traças nessa banquetta do bar para que ele pudesse jogar charme para a tal morena, e nem ele consegue uma foda e nem eu ir para o hotel. Estamos ambos num impasse.

Às vezes ele olha para mim, acho que para conferir se ainda não fui embora, mas então vira o rosto e continua conversando. Eu realmente deveria ter ido, porém, estou pateticamente esperando por ele.

Mas Vince ainda me paga, com certeza.

Olho impaciente para o relógio em meu pulso. São praticamente duas da manhã. Se ele não avançar em dez minutos, vou pegá-lo pelo colarinho e arrastar para fora daqui. Se a morena não tem coragem de dispensa-lo, vou lhe fazer esse favor.

Estendo a mão para outra bebida e sou prontamente atendido. Peço uma *long neck* só para dar um pouco mais de tempo ao meu amigo e debruço no balcão dando o primeiro gole. De soslaio, observo-os trocar sorrisos e toques, e sou incapaz de não suspirar irritado. A garota está claramente o enrolando, como ele não consegue perceber? Vince não é um cara que busca desesperadamente por uma mulher, porque isso não lhe falta a qualquer minuto que quiser. Então porque raios esse idiota está insistindo tanto?

A não ser que...

Porra!

Dou um gole largo na cerveja e deixo a garrafa quase cheia no balcão. Como eu não percebi antes? Acho que fiquei tão absorto em pensamentos e no ódio gratuito que estava nutrindo por seu comportamento, que nem me dei ao trabalho. Droga, agora quem provavelmente vai se arrepender sou eu.

Do jeito mais natural que consigo, chego perto dos dois e toco o ombro do meu amigo, que não poupa um olhar *emputecido* para mim. Silenciosamente admito a minha falta e começo a falar:

— Cara, não acredito que é você!

— Oh, há quanto tempo.

Seguimos com o nosso teatrinho, até a morena dar meia volta e sair andando. É um péssimo jeito de rejeitar alguém, mas as vezes temos que aderir a saídas desonestas e grotescas como essa.

Uma vez fora do bar, Vi dá um soco no meu braço e eu até revidaria se ele não estivesse com a razão. Ao invés disso, solto um palavrão e esfrego onde acertou.

— Caralho, esse doeu!

— Você é idiota ou o que? Estava a meia hora lançando olhares pra você e nada.

— Que eu saiba você é um homem crescido, Vince. Pode muito bem dispensar as mulheres por conta própria.

— E você acha que eu não tentei? Ela era insistente demais e, ou não percebeu as dicas que eu mandava ou deliberadamente ignorava. Em momentos como esse, temos que apelar para um plano b.

— Que no caso sou eu?!

— Obviamente. – revira os olhos - Tem outro japonês loiro por aqui?

— Para com essa história de japonês, porra!

Meu amigo dá risada e faz um sinal para o táxi que se aproxima. Desde que ouviu um dos produtores do espetáculo se referir a mim dessa maneira, que ele não para de azucrinar a minha paciência. Tantas pessoas e justo ele tinha que ouvir isso? É muita ironia e sacanagem da vida.

Retornamos para o hotel mais cedo do que o de costume e ineditamente desacompanhados. Vince cai na cama logo que entramos no quarto e chuta os sapatos para um canto qualquer. Eu faço o mesmo com os tênis e ponho a jaqueta na poltrona mais próxima. Caio na cama ao seu lado e solto um suspiro.

Como em tão pouco tempo as coisas mudaram dessa maneira?

Bem, nem tudo mudou. Contudo, sinto que algo lá dentro está aos poucos e graça à Poliana, com quem dancei e tive um caso ardente há mais de um mês em Munique, e que, coincidentemente, reencontrei em Nova Iorque.

— Você ainda está pensando naquela mulher? – Vi pergunta de repente.

— Mais do que imagina. – respondo sincero – Especialmente agora que nos reencontramos e ela ligou pedindo que fosse ao apartamento dela.

— Isso não é meio ruim?

Viro no colchão e me apoio no cotovelo para observá-lo.

— E por que seria? – indago.

— Bem, você sabe...

— Não considero ruim. Estranho sim, ruim não. E outra, já conversamos sobre isso.

Vince dá de ombros e afunda o rosto no travesseiro.

Com as mãos apoiadas em baixo da cabeça e levemente alcoolizado pelas doses de tequila e cerveja, olho para o lado e sorrio ao notar meu amigo no décimo sono e roncando mais do que velho. Sentindo o meu corpo clamar por descanso também, fecho os olhos e permito-me relaxar. Afinal, amanhã (hoje, na verdade) teremos que estar no Aeroporto Charles de Gaulle com o restante da companhia para fazer o *check-in* para o voo das nove.

É pensando nisso e em tantas outras coisas que adormeço.

[...]

Doze horas de voo depois e enfim desembarcamos em Nova Iorque. No caminho do aeroporto para a capital, checo as minhas mensagens e sou

incapaz de conter o sorriso quando vejo que uma delas é de Poliana.

Ainda estamos de pé, ótimo!

Combinamos de eu ir até o seu apartamento mais tarde, assim poderia descansar da longa viagem que fiz, mas, sinceramente, eu não estou nem um pouco à fim de esperar e tenho energia suficiente para fazer o que desejo há dias. E pelas mensagens que trocamos por todo o trajeto até o bairro do estúdio, suponho que não seja o único ansioso para que os nossos corpos estejam se tocando.

Logo, talvez fazer uma surpresa aparecendo antes não seja uma má ideia.

A van que nos trouxe do aeroporto estaciona em frente ao estúdio de dança e eu não hesito em descer o mais rápido possível para pegar minha bolsa. Despeço-me dos meus colegas com um breve aceno, dando uma desculpa qualquer para recusar o convite de irmos comer juntos e chamo o primeiro táxi que passa.

Antes que eu possa entrar no carro, um grito familiar me interrompe.

— Aonde você vai? — pergunta o meu amigo.

— Adivinhe.

Vince sorri debochado, balança a cabeça e faz um gesto para que eu entre no táxi de uma vez. Eu o faço e o motorista dispara avenida a fora.

Da mesma maneira que fiquei surpreso ao descobrir que o apartamento em que está morando provisoriamente com o primo é em Soho, fico igualmente espantado ao ver o condomínio em que paramos após alguns minutos. Não é dos mais luxuosos, mas, pela localização, deve custar mais do que um apartamento no bairro onde eu moro. O tal primo provavelmente tem dinheiro.

Logo após pagar a corrida e ajeitar a bolsa no ombro, confiro no celular o número do apartamento e aperto o botão de 1204 no painel do interfone. Demora uns minutos até a voz que reconheço dizer “*pode subir*” e um destravar de imediato. Sem entender, encaro a porta aberta. Será que ela sabia

que eu vinha? Não, impossível. Não dei qualquer sinal de que chegaria mais cedo.

Então, será que ela está esperando outra pessoa?

Com um incomodo percorrendo e revirando o estomago, atravesso o hall em direção ao elevador e aperto o botão do seu andar. A cada número que muda no pequeno visor, mais o desconforto cresce. Não que seja da minha conta com quem ela se relaciona e eu não estou lhe pedindo exclusividade, sendo que eu mesmo não lhe darei isso. Mas é que.... Eu realmente... Droga, eu não sei!

Inundado por sentimentos tão conflitantes, paro diante de sua porta e a encaro antes de levar o dedo até a campainha. Seja lá quem estiver esperando, não vou dar chance nem para que passe daqui. É um comportamento imaturo? Nem duvide disso. Mas algo dentro de mim quer marcar território pela segunda vez.

Eu estou muito ferrado.

A porta finalmente se abre e Poliana dá um salto para trás como se tivesse acabado de ver um fantasma, derrubando o pequeno caderno que trazia consigo. Com as mãos apoiadas no batente, encaro-a um instante e seus reluzentes olhos verdes diminuem de tamanho, porém, continuam desconcertados.

— O que faz aqui? — ela pergunta.

— Resolvi vir mais cedo. Espero que não se importe.

Minha voz sai mais áspera do que pretendia. Merda, isso não é um bom sinal. Eu sei muito bem o que estou sentindo, é o mesmo que ela sentiu em Munique.

Ela põe timidamente uma mecha do cabelo lilás e úmido para trás, e fita-me.

— Não. Eu realmente não me importo.

Nós nos entreolhamos e aquela conexão ressurgue com mais força do

que antes. Bruta e ardente, percorrendo o meu corpo e refletindo no semblante da mulher que tanto mexeu com o meu juízo ao longo de várias semanas, e que agora me encara com os olhos transbordando desejo.

Sem pensar duas vezes, seguro o seu rosto e guio seus lábios até os meus. Beijo-a com exigência, com a ânsia que tenho lutado desde que nos esbarramos a primeira vez, e sou correspondido de um jeito que poderia até fazer o homem mais são ficar louco.

Empurro seu corpo para trás usando o meu e fecho a porta com um chute. Com as duas mãos espalmadas em seu belo traseiro, dou um impulso para que envolva as pernas ao redor da minha cintura e a pressiono contra a parede mais próxima. A única que o meu tesão permite chegar.

Nossas línguas dançam uma sobre a outra, exploram cada canto e se deliciam com a sensação quente de nossos beijos. Finalmente largo a bolsa, deixando que caia no chão e aproveito os movimentos livres para empurrar os quadris contra o ponto doce entre suas pernas e que roça tortuosamente na elevação da minha calça.

Poliana geme, seus lábios tremem de prazer sobre os meus, e eu acabo lhe dando meus gemidos também. Estamos cegos de excitação. Suas mãos apertam os fios do meu cabelo enquanto as minhas erguem-na e apertam minha ereção em sua boceta. De novo, de novo e de novo. Estamos praticamente transando com as roupas e não duvido que o orgasmo venha só com esse esfregar libidinoso entre nós.

Nos separamos à fim de recobrar a respiração, ofegantes pelos beijos que trocamos, e seus espetaculares olhos verdes sequer hesitam em fixar nos meus.

Esse é o segundo olhar que eu mais adoro.

— Só quero deixar claro que eu não estava planejando atacá-la dessa maneira. — explico, ganhando uma risada como resposta e uma sobrancelha erguida — Eu pensei em trazer um bom vinho...

— Os homens dessa cidade têm alguma coisa com vinho? — ouço-

a perguntar, mais para si mesma do que para mim. Franzo o cenho.

— O que?

— Não é nada. Continue.

— Enfim, queria fazer algo bacana. Mas já que calhou de as coisas acontecerem assim, que tal me dizer onde é o seu quarto para continuar isso aqui sem roupas?

Poliana acaricia meu maxilar com as pontas dos dedos, prestes a dizer. Mas, repentinamente, o interfone tocar. Ela olha para mim e depois para o aparelho ao lado da porta. Engulo em seco o gosto amargo que sobe em minha boca. Merda!

— Não atenda. – sussurro.

— O que? Por que?

Hesito um segundo, mas acabo dizendo:

— Você.... Está esperando alguém, não é?!

Poliana me observa sem entender. Porém, logo dá um sorrisinho maroto.

— Oh, sim. – responde num tom cômico - Estava esperando o entregador de comida que, a propósito, foi com quem eu lhe confundi. Por isso deixei que subisse direto, pois pensei que era o tal rapaz.

Preciso dizer que me sinto um grande idiota? É, imaginei que não.

O interfone volta a tocar.

— Melhor atender.

Indago, pronto para colocá-la no chão. Contudo, ela enrosca ainda mais as pernas ao meu redor e, depois de chupar o piercing em meu lábio, sussurra de um jeito muito sexy:

— Tudo o que eu quero comer está bem aqui.

Sorrio. Ela não poderia ter dito tamanha verdade, pois, o mesmo vale para mim.

— Vamos lá, baby, indica o seu quarto.

— É a terceira porta do corredor.

Ajeito-a em meus braços e praticamente corro na direção que aprontou. Nossas bocas continuam se encontrando em beijos desengonçados e fogosos. E assim que avisto a terceira porta, me lanço na maçaneta para abri-la, ainda sem desgrudar os lábios de Poliana. Mesmo sem ver, empurro a porta e entro.

Mas então um passo em falso e... Pow!

Nós dois vamos ao chão do seu quarto. Por sorte consigo virar o corpo bem na hora e Poliana cai sobre mim, diminuindo assim o impacto da queda. Não foi das mais absurdas (à não ser para a minha dignidade, que agora está no chão também), mas eu não queria vê-la nem minimamente machucada. A batida me causa uma dor nas costas, só que logo passa.

Poliana se ergue nos braços para olhar o meu rosto e noto sua expressão preocupada. Afastando os fios da minha franja para o lado, ela pergunta:

— Você está bem?

— Sim, eu estou. E você?

— Sem nenhum arranhão.

— Ótimo!

Trocamos olhares e, de repente, Poliana começa a gargalhar. Gargalhar muito. E eu conseqüentemente a sigo. Somos dois bobos rindo jogados no chão.

— Que belo momento para isso acontecer, não? – comento, ainda aos risos.

— Com certeza. – limpa uma lágrima do canto do olho – Mas teria sido pior se estivemos nus, não concorda?

— Definitivamente! Mas o meu tesão caiu igualzinho a nós dois. E o seu?

— Oh, admito que sim. Mas podemos dar um jeito rapidinho nisso.

Ela se põe sobre o meu colo e arranca a camiseta por cima da cabeça. É a primeira vez que eu vejo os seus seios e eles são absurdamente lindos. Pequenos e arrebatados, como se quisessem o tempo todo ganhar atenção e é exatamente isso o que irei lhes dar. Meu tesão já está a mil por hora de novo com essa visão.

Com sua ajuda, também tiro a camiseta e a atiro para o lado. Seus olhos recaem em minhas tatuagens e puxo uma respiração profunda quando traça um dos desenhos com as pontas dos dedos bem devagar.

— São bonitas. – ela comenta.

Toco onde lembro de estar a tatuagem que vi em Munique e murmuro:

— Não tanto quanto as suas flores.

— Gosta das minhas flores?

— Gosto mais dessa aqui.

Levo minha mão entre suas pernas abertas e a acaricio por cima do short. Poliana geme e se esfrega em mim, querendo mais.

Com a outra mão, agarro seu seio e o aperto, brincando com o mamilo endurecido vez ou outra. Me empenho para proporcionar o máximo prazer que consigo nessa posição e sinto que a minha braguilha vai pegar fogo daqui a pouco.

Percebendo que estou a ponto de bala, Poliana enfia a mão por dentro da minha calça e segura meu pau sob a cueca. Seu toque direto faz o meu corpo retesar, mas basta seus dedos brincarem com a minha glândula que essa tensão se esvai de imediato.

— Acho que ainda estamos usando roupas demais. – digo, já abrindo o botão do seu short e abaixando o que consigo.

— Temos que resolver isso também.

Poliana se levanta e, para o meu espanto, fica de pé bem acima do meu rosto. Assim que joga o short e a calcinha para longe, seu centro de cachos dourados é exposto para mim e, daí sim, o que resta do meu autocontrole vai para o espaço.

Sento e enfio o rosto entre suas pernas. Acaricio seu clitóris pulsante com a língua e com o piercing, e tenho que firmá-la para que não caia tamanho é o tremor em suas pernas. Ela está praticamente sentada em meu rosto e assim estaria se a posição fosse das mais favoráveis – o que não é.

— Oh, outra vez... Outra vez!

— O que?

— Use o piercing.

Rio e faço o que pede. Volto a deslizar a argola de metal em suas carnes quentes e molhadas, fazendo-a praticamente gritar.

Uma vez que chamo o seu primeiro orgasmo, permito-me ser egoísta e buscar o meu próprio prazer. Outra vez sentada no chão ao meu lado, ela me observa tirar a calça e resgatar uma camisinha no bolso. Sem que eu peça, arranca a borracha da minha mão e desenrola por todo o meu comprimento. Eu a beijo de novo e digo:

— Deite-se de costas para mim.

Ela o faz e não contendo em dar um tapa em sua bunda, ganhando um gritinho de volta. Percorro a curva de suas costas com a língua até chegar a nuca, onde deposito vários beijos. Encaixo o braço debaixo de seu joelho e o ergo. Aproximo mais os quadris e, porra, só falta ver estrelas quando meto dentro dela. Céus!

Poliana treme e ofega no instante em que dou a primeira investida. Nessa posição, ambos sentimos ir mais fundo e a explosão de sensações é a mais intensa possível.

Suas paredes contraem ao redor do meu pau e assim que ponho sua perna em minha coxa, ela fica tão apertada que temo não ser capaz de dar-lhe outro orgasmo antes de alcançar o meu. Puta merda!

Tenho que respirar. Respira Elliot!

— Caralho, baby.... Você é tão...

Eu nem preciso terminar a frase, pois o balançar da sua bunda na minha pelve é a melhor resposta que eu poderia ter.

Meus dedos beliscam seu mamilo enquanto a outra mão controla nossos movimentos. Poliana, por sua vez, alcança minha bunda e me empurra contra si, exigindo mais do que sei que posso dar.

Lentos, rápidos... fortes e profundos...

Nós nos curtimos de todas as maneiras.

Porém, sentindo que não posso segurar por mais tempo e notando como seus gemidos crescem, viro-a para mim e penetro de novo. Estamos colados um ao outro, nossas pernas enroscadas e nossos rostos próximos o suficiente para que possamos trocar mais do que respirações ofegantes.

Apenas a cabeça do meu pau entra e sai, no ponto onde sei que é o mais prazeroso para qualquer mulher. Nossas peles molhadas de suor, o cheiro de sexo no ar, cada suspiro trocado torna tudo extremamente excitante. Mas o que verdadeiramente eclode o meu orgasmo são os seus olhos verdes brilhantes de prazer, da mesma forma que os encarei em Munique da última vez.

- Continue olhando para mim. – exijo.

Mesmo com as pálpebras trêmulas e querendo fechar, ela mantém seu olhar em mim e algo culmina em meu interior.

É inexplicável e tremendamente apavorante.

Poliana me agarra com força no momento em que goza. Me enterro até o fundo e estremeço no que o clímax me atinge em cheio. Mexo os quadris

lentamente apenas para prolongar a sensação incrivelmente boa que compartilhamos e me rendo ao cansaço. Me rendo a tudo o que estou sentindo.

Caio com os braços estendidos e só então percebo que nós sequer saímos do chão. Ouço sua respiração ofegante ao meu lado e em seguida uma risadinha. Olho para ela e me surpreendo ao notar que me observa.

— Até que a nossa queda não foi tão ruim.

— Tenho que concordar.

Ficamos os dois olhando para cima, calados, até que a pergunta que rondou os meus pensamentos desde a viagem de Munique sai quase que inconsciente:

— Por que você foi embora?

Ela não responde. Ao invés disso, solta uma longa e profunda respiração. A cada segundo de espera, o meu coração dá uma batida agitada dentro do peito.

— Digamos que eu tenha atingido a minha cota de transas casuais em uma mesma viagem. – responde enfim, mas sem olhar para mim – E eu tinha que ir embora aquela noite, não poderia ficar com você. Só poupei despedidas desnecessárias.

Escutar isso não me alegra nem um pouco. Mas, de alguma forma, eu entendo. Eu mesmo tinha que voltar para casa no dia seguinte e nós fomos apenas uma aventura casual, bem como somos agora enquanto estiver na cidade. Eu me pergunto se ela fará o mesmo quando sua estadia em Nova Iorque terminar. Acho que eu vou gostar menos ainda se isso voltar a acontecer.

O clima entre nós fica repentinamente pesado. O quarto mergulha num silêncio desconfortável e eu não sei o que fazer.

— Poli...

Um ronco esquisito chega aos meus ouvidos. Fico tão espantado com o barulho que me esforço para não rir.

— Eu sei que disse que tinha tudo o que queria comer aqui, mas o frango que eu pedi faz falta agora. — ela comenta, pondo as mãos sobre a barriga — Estou com fome.

Pronto! Me desarmou.

Mulheres têm uma maneira estranha de fazer com que os homens se sintam mal por coisas relativamente bobas. Nesse instante, me sinto mal por não a deixar pegar o pedido de comida que fez antes de eu chegar. Ela deveria estar mesmo com fome e só o que eu fiz foi pensar com a cabeça de baixo. Que ótimo...!

O que eu faço agora? Bem, o óbvio.

— O que acha de sairmos para comer uma pizza? — pergunto ao levantar.

— Você gosta de pepperoni?

— Gosto de qualquer sabor de pizza.

— Então eu aceito!

Ela levanta num pulo e beija suavemente os meus lábios.

— Vou tomar uma ducha rápida, ok?

— Tudo bem.

— Quer que eu me livre disso?

Aponta para a camisinha em minha mão e eu a afasto quando tenta pegar

— Não preci...

— É só uma camisinha, bobo!

Toma o preservativo e sai rebolando em direção ao banheiro. Do corredor posso ouvi-la gritar:

— Quando eu sair, você pode usar.

— Valeu!

Eu até queria dividir o chuveiro e quem sabe fazer algo mais, porém, vou controlar o meu pinto por hora e levá-la para comer.

Vou atrás da minha bolsa na sala, onde estão as minhas roupas limpas, e a encontro caída no mesmo lugar. No entanto, é o pequeno caderno de capa vermelha que chama a minha atenção. Lembro que Poliana estava segurando-o quando abriu a porta e deixou cair com o susto. Em nossa explosão de luxúria, acho que ela acabou esquecendo aqui.

Pego com cuidado e de relance vejo que há algo escrito nas páginas abertas. Não parece ser um livro, porque a letra é claramente rascunhada. Movido pela curiosidade, leio por alto o que consigo distinguir em tantos rabiscos e me surpreendo ao perceber que são passagens do nosso encontro em Munique.

Será que esse caderno é algum tipo de diário? Oh, droga! Estou ultrapassando a linha da indiscrição. Merda! Merda!

Fecho o caderno no mesmo segundo e ponho sobre o balcão negro da cozinha. Eu não tenho qualquer direito de ler suas intimidades só porque estamos transando, eu sei bem o meu lugar nesse acordo (ou ao menos eu finjo muito bem saber). Contudo, descobrir que fui uma lembrança recorrente do mesmo jeito que ela foi para mim ao longo dessas semanas aquece indevidamente algo em meu interior.

Eu não deveria estar feliz, só que estou. Tal como estou muito, muito ferrado.

Capítulo 21

YANNA

Viver como duas pessoas completamente diferentes é mais difícil do que eu imaginava. Na verdade, viver como três pessoas diferentes. Afinal, eu continuo sendo a Yanna apesar de estar fingindo ser Rebecca, a garçonete musicista, e Poliana, a prima de um renomado publicitário.

Uma com os cabelos rosados, outra com os cabelos lilases. Uma com ar “ingênuo” e outra mais extrovertida e desapegada. Uma está tentando ganhar a vida enquanto busca pelo sonho na música, e a outra apenas se satisfaz com seu trabalho pela internet. Completamente diferentes, mas ironicamente a mesma pessoa: eu.

Em meio a tudo o que criei, um pouquinho de quem sou foi se revelando até que me perdi, e chegou a um ponto onde não era nem Rebecca e nem Poliana, e sim a verdadeira Yanna escondida atrás de suas próprias criações. Comecei a ser eu mesma sem ao menos perceber.

O que começou como uma maneira de acabar com o meu bloqueio criativo e de mascarar o real interesse que cresceu em mim, tanto por Elliot quanto por Christopher, se transformou em algo muito maior. Tão grande que saiu do meu controle e eu já não sei mais como lidar com a situação.

E por que saiu do controle? Por que me sinto tão viva, animada, e com medo ao mesmo tempo sempre que estou com eles?

Porra! Eu sei sim o porquê.

Porque eu não esperava que conviver com esses dois homens me afetaria tão profundamente. O sexo? Espetacular! Cada encontro, seja com Chris ou com Elliot, é um mais quente que o outro. Realizamos nossas fantasias com

liberdade e entendimento mútuo. Somos amantes fantásticos. Mas não é somente isso e aí que está o problema. Um problema que eu já previa, mas teimei em insistir.

Deixou de ser apenas sexo há muito tempo.

Christopher, com seu jeito espirituoso e brincalhão, mostrou-se terno e compreensivo. E Elliot, com seu ar galanteador e autoconfiante, revelou-se carinhoso e muitas vezes um tanto ingênuo para algumas coisas, mas de um jeito que lembra um menino grande.

Chris gosta de assistir programas de variedades. Cozinha tão divinamente que até surpreende, mas é extremamente bagunceiro e desorganizado. Comidas que levam farinha são a sua perdição e ele é comilão, tanto que me pergunto como ele consegue ser tão gostoso comendo tanto.

Elliot, por sua vez, tem a mania de dançar sempre que uma música começa a tocar, não importa a hora e nem o lugar. Suas cores favoritas são azul e preto, e ele é aficionado por qualquer tipo de acessório, especialmente anéis (que ele quase não tira dos dedos). Adora o Sol e as vezes tem um olhar muito sonhador.

Estou conhecendo outras faces deles e gostando.

Não é apenas sexo.

Na verdade, parando para pensar, acho que nunca foi. Se fosse, eu não teria corrido e lutado tanto para me aproximar dos dois. E no fundo eu já sabia. Por isso aquela vozinha insistiu tanto em dizer que era uma péssima ideia.

Eu deveria ter ouvido.

Essa brincadeira já ultrapassou um mês e, dia após dia, vejo-me cada vez mais presa a esses dois. Se antes eu tinha um motivo “plausível” para ficar com ambos, agora não tenho mais do que a vontade de tê-los sempre por perto. Como disse, eu tenho plena consciência do que isso significa, só não quero admitir a mim mesma. Mais do que sair dos personagens, eu entreguei algo que havia jurado não entregar a mais ninguém depois daquela época. O pior de tudo é que eu não entreguei apenas para uma pessoa e sim para

duas.

O quão desastrosa essa situação pode ser?

Sem contar que estou mentindo descaradamente, ainda que parte de mim esteja aberta para os dois. Peso na consciência nunca foi um dos meus fortes, afinal, eram somente noites casuais e não voltei a encontrar nenhum dos meus amantes temporários depois. E eu jamais prometi o que não poderia dar, além de prazer. Só que as coisas mudaram e, inesperadamente, isso começou a me fazer mal. Enredei nós três em uma teia de inverdades e não tenho ideia de como sair.

Eu deveria ganhar o prêmio por ser a mulher mais estúpida na face da Terra.

Parada em frente ao restaurante, aceno para Natham assim que avisto-o dobrar a esquina. Vestido impecavelmente em um terno grafite e com uma camisa branca por baixo, ele caminha em minha direção com seu ar imponente, ganhando os olhares de algumas mulheres.

Cruzo os braços, assistindo-o desfilhar pela calçada com um verdadeiro modelo da Men's Health, e então parar diante de mim. Um sorriso contido enfeita seu rosto e eu acabo por sorrir também.

— Você fala de mim, mas adora chamar uma atenção desnecessária, não é? — comento, dando um tapinha em seu ombro.

— Do que você está falando? Eu não estou querendo chamar a atenção de ninguém.

— Huh, então quer dizer que não é intencional? Você deve ter uma autoestima muito elevada, hein.

Natham sorri e belisca a minha bochecha. Seu sorriso é tão bonito, pena que me lembra coisas não tão bonitas assim.

— Pois bem, aqui estou eu. — digo, tentando afastar as lembranças, embora seja quase impossível tendo-o ao meu lado — Posso saber agora por que me ligou e convidou repentinamente para um almoço? Pensei que estava

trancado no fórum como sempre.

— Acredite ou não, eu também tenho uma vida social. Ela só não acontece com tanta frequência. — dá de ombros — Bom, vamos almoçar e daí eu conto por que te chamei.

Entramos no restaurante e somos direcionados para uma mesa no fundo, a única vaga já que o lugar está cheio por ser hora do almoço. A decoração moderna e sofisticar me impressiona, assim como a postura impecável dos garçons que parecem até deslizar entre as mesas de tão bons que são os seus modos.

Natham e eu fazemos os nossos pedidos depois de olharmos o menu e concordamos em beber cerveja.

Não demoramos a ser servidos e enfim começamos mesmo a conversar.

— Esse final de semana é o aniversário do Daniel, certo?! — Nam comenta e eu consinto — Fiquei sabendo que ele vai dar uma festa naquela boate nova que abriu aqui em Meatpacking District.

— Sim, eu o ajudei a organizar algumas coisas. Você vai, não é?!

— Infelizmente não. Estou com um caso importante e que vai para sessão no final da próxima semana. Tenho que preparar uma papelada enorme para apresentar.

Faço uma careta de desgosto e digo:

— Ser advogado não deve ser fácil.

— Não é mesmo. Especialmente quando tenho que resolver processos trabalhistas urgentes causados por certas pessoas desmioladas. Daí fica mais difícil ainda.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?! — dou-lhe um sorriso debochado.

— Nem em um milhão de anos!

Natham dá uma garfada em seu prato e aproveito para fazer o mesmo no meu.

— Agora voltando ao assunto do Daniel, eu gostaria de pelo menos comprar um presente para ele. Foi por isso que lhe chamei. — prossegue — Você está com os manuscritos em dia? Pode me acompanhar agora a tarde? Você conhece mais o gosto dele do que eu.

— Estou livre sim. Podemos ir depois que terminarmos aqui. Vou aproveitar para comprar alguma coisa também. Mas eu ainda acho que você deveria fazer uma forcinha e aparecer na festa. Além de estar trabalhando demais e precisar relaxar, vai ser divertido.

— Você diz que eu trabalho demais? Não pense que o Daniel não contou que precisou lhe subornar para ir nessa festa. O que ele deu? Um vale-compras de mil dólares para gastar em livrarias? Pelo amor de Deus, Yanna, você é rica.

— Nem mesmo os ricos dispensam um bom vale-compras. — retruco.

Natham sorri, balançando a cabeça em negação e continua comendo.

Nosso almoço termina tranquilamente, com nós dois falando sobre assuntos bobos. Apesar de tudo, continuamos sendo amigos e eu ainda o considero muito. Não havia motivos para nos afastarmos, principalmente porque ambos sentimos com o que aconteceu anos atrás. Nossa relação tomou outro rumo depois daquilo, mas tenho a sensação de que agimos como agimos atualmente para esconder nossos verdadeiros sentimentos. Foi doloroso e provavelmente seguirá assim para sempre.

Por muita insistência do cabeça-dura, saímos do restaurante logo que ele paga a conta. Já que estamos em Meatpacking District, sugiro darmos algumas voltas pelas lojas da região sem busca dos presentes. Dani não é um homem exigente e tem um gosto muito simples para quem foi eleito com um dos empresários em ascensão mais importantes do país. Portanto, não penaremos para encontrar algo que o agrade. Ele fica feliz com qualquer coisa – literalmente.

Enquanto andamos olhando uma loja ou outra e papeando, lembro como é

constrangedor notar Natham sendo encarado pelas mulheres. Ele sequer se dá conta (ou finge muito bem), só que eu percebo nitidamente como ele se destaca e ganha a atenção por onde passa.

Como eu disse, Nam é um homem ridiculamente bonito. É inteligente e educado. Tem um alto cargo como advogado e deve ganhar tanto quanto um empresário bem-sucedido como nosso amigo Daniel. Em outras palavras, ele é o partido que qualquer mãe sonha para a sua filha, e nenhuma mulher ousaria rejeitar. Por essa razão, além da óbvia, me pergunto por que continua sozinho.

Nam poderia ter quem quisesse e insiste em manter esse amor platônico que não irei corresponder. Somos amigos e continuaremos sendo apenas isso. Até porque, mais do que nosso relacionamento complicado, há dois homens que tomaram o espaço que ele tanto deseja alcançar.

Dentro da sétima loja, observamos os acessórios expostos nas vitrines enquanto comentamos um com o outro o que vemos de mais legal.

— O que você acha dessa bolsa? – ele pergunta, pegando-a da prateleira.

— É muito bonita e bem ao gosto do Dani.

— Eu também acho. Seria um bom presente?

— Com certeza.

— Eu vou comprar então.

Faço um sinal positivo com o polegar e volto a olhar para os acessórios.

— E você, já decidiu?

— Ainda não. Estou em dúvida entre esses dois. – aponto para os braceletes – Acho que vou acabar levando os dois.

— Ambos são bonitos.

— Pois é. – torço os lábios, pensativa – E ele tem roupas o suficiente para combinar. Então ok, decido. Vou levar os dois.

Aponto os braceletes para a vendedora e sigo-a em direção ao caixa para pagar.

— Feitas as compras, o que acha de irmos tomar café? – pergunta Nam, guardando o pacote em sua bolsa.

— Excelente ideia. Mas tudo bem você demorar mais para voltar ao fórum? Passamos praticamente a tarde inteira procurando os presentes do Dani e está quase escurecendo. Você não vai passar a noite atolado no trabalho, não é?!

— Não se preocupe. Eu tirei a tarde de folga hoje e daqui irei para casa. Tenho trabalho a fazer ainda, infelizmente. Mas pelo menos estarei no meu escritório.

— Você é mesmo um *workaholic*.

— O sujeito falando do mal lavado. – revira os olhos – Vamos logo tomar café.

Caminhando lado a lado, paramos em frente a uma cafeteria bastante conhecida na região. Resolvemos pegar uma mesa do lado de fora, já que o tempo está agradável, e Nam se prontifica para entrar e fazer os pedidos no balcão.

— Cappuccino ou Latte? – pergunta.

— Latte e um pedaço de bolo.

— Pode deixar.

Observo a movimentação ao redor enquanto espero. E no instante em que volta trazendo os copos e o prato com o bolo, Natham senta na cadeira ao meu lado e desfrutamos do café quentinho.

— Faz tempo que não saímos juntos, não é? — ele comenta, o olhar perdido na multidão.

— Se você deixasse mais aquele fórum, poderíamos sair mais vezes. Chamar o Dani e fazer como antigamente.

— Estou tentando diminuir o ritmo, mas os processos parecem que brotam do chão.

— Quem mandou ser tão bom no que faz?

Ele sorri encabulado, deixando à mostra suas covinhas nas bochechas e não me contendo em tocar uma delas com a ponta do dedo. Seu rosto se torna quase uma beterraba de tão vermelho que fica.

— Você ainda cora tão fácil, Nam.

— Não sou muito de contato físico. Você é a única que teima em contrariar isso.

— Alguém tem que...

Minha voz some no segundo em que reconheço a figura se aproximando a passos pesados de nossa mesa. Meus olhos só faltam pular para fora quando Christopher, com uma expressão nada contente no rosto, desvia das pessoas para vir até mim.

Qual é problema desse homem com cafeterias, meu Deus? Nossa cota de coincidências já deveria ter acabado.

Espera!

Aí não! Não, não e não.

Se ele vier até aqui, vai descobrir que eu não sou Rebecca e tudo vai por água abaixo. Merda! Merda! Merda!

Precisamos sair daqui.

Precisamos antes que...

— Becca.

Tarde demais.

Fecho os olhos rapidamente e respiro fundo. Como eu vou sair dessa agora?

Ergo a cabeça devagar e deparo com seu olhar castanho sobre mim. Cara de poucos amigos de longe é o que eu usaria para descrever a expressão que ele está fazendo.

— Oh, Christopher. — dou-lhe meu sorriso mais falso e nervoso – Que surpresa...!

Surpresa mesmo. Essa é a palavra.

— O que faz por aqui? – pergunto, querendo afastar qualquer possibilidade de ele olhar para Natham e tudo vir à tona.

— Estou voltando de um trabalho.

Seus olhos caem instantaneamente no loiro ao meu lado e a minha tentativa se faz falha. Os dois se encaram. Eu tenho que fazer alguma coisa antes que o bocudo do Natham dê com a língua nos dentes.

— Esse é o amigo que me convidou para vir passar um tempo aqui na cidade.

— Do que você está fa...

Dou um chute por baixo da mesa no idiota para que não fale mais do que o necessário. Seus olhos buscam os meus e eu faço a melhor cara de "*segue o fluxo*" que posso. Por seu bufar contrariado, sei que entendeu, mas não gostou nem um pouco.

Sim, eu usei o seu nome como álibi.

— Huh. É um prazer conhecê-lo, ah...

— Christopher. Christopher Hayes.

— Natham Stewart.

Ambos apertam as mãos e vejo a tensão crescer entre eles. O que é isso?

Profundamente constrangida e inquieta, vislumbro Christopher e o ciúme é nítido em seu rosto. Mais que droga!

— Eu preciso ir. – ele diz, num tom ríspido — Depois nos falamos.

Vejo como sua mão abre e fecha nervosamente, como se estivesse coçando para me tocar. Trocamos um último olhar e Chris dá meia volta, indo embora.

Meu olhar o segue por todo o trajeto até o rapaz que veio com ele e só volto à tona quando ouço a voz grossa do Natham indagar:

— Becca?

— Eu tenho uma explicação para isso. – respondo, encarando a caneca em minha mão.

— É claro que tem. Você sempre tem. A questão é: você vai contar ou esperar até a próxima vez que estivermos numa delegacia? Tem que parar com isso, Yanna.

Irritada com o que acaba de acontecer e com o rumo que as coisas estão tomando, fuzilo-o e retruco com raiva:

— Não vai acontecer de novo! E eu vou parar, não que seja da sua conta.

Nam respira fundo e consente a contragosto. Nós nos encaramos.

— Eu não sei o que você está tramando, Yan, mas acho bom tomar cuidado. Mais do que machucar os outros, você vai acabar machucando a si mesma.

Com os olhos pinicando, somente lhe respondo com um aceno, mantendo para mim o “*Eu sei*” que verdadeiramente gostaria de dizer.

[...]

O final de semana chega e com ele o aniversário de 29 anos do Daniel.

Christopher não me ligou ou mandou mensagem, o que só demonstra que

realmente não gostou do que viu na cafeteria aquele dia. E eu não sei o que pensar em relação a isso.

Elliot também desapareceu, embora tenha mandado notícias dizendo que estava muito ocupado com os ensaios, mas que logo nos veríamos.

Resumindo: não encontrei nenhum dos dois e estou sentindo falta de ambos.

Apesar de não gostar muito de baladas e não estar com o melhor dos ânimos por causa do que aconteceu na semana envolvendo Christopher, eu não perderia a festa por nada (mesmo tendo-o enganado dizendo que não iria só para conseguir livros de graça).

Havíamos marcado de sair juntos, mas como a lavanderia demorou para entregar o vestido que pretendo usar, acabei mudando os nossos planos. Vou um pouco mais tarde e irei encontrá-lo no camarote que reservou para a sua festa.

Apesar de ser adepta do estilo livre e preferir tênis ao invés de salto alto, não poupo esforços quando decido me produzir. Além disso, eu sei quando a ocasião pede algo mais do que uma saia indiana ou um básico jeans. E hoje é uma dessas ocasiões, então vou arrasar.

A Yanna “sou sexy e maravilhosa” vai entrar em ação essa noite.

Chego no salão de beleza no horário marcado e a funcionária me atende com um sorriso simpático. Geralmente eu consigo me virar com o cabelo e a maquiagem, mas como é o aniversário do Dani, achei melhor ter um toque profissional na produção.

Depois de praticamente duas horas, retorno ao meu apartamento e coloco o vestido estilo mullet e ombro a ombro que comprei e quase não me reconheço. Não pensei que ficaria tão sensual quando o namorei na loja há três dias.

Eu realmente gostei do resultado final.

Como sei que vou beber, deixo o carro em casa e vou de táxi. Não me surpreendo ao avistar a entrada entupida de pessoas e uma longa fila de

espera. Bem, é uma balada nova e que está em destaque nos maiores sites e nas redes sociais, não é à toa que esteja assim. Sorte que reservamos um camarote com antecedência e que os nomes dos convidados (incluindo o meu) estão na lista.

Pago e despeço-me do motorista, e me equilibro nos saltos até a porta. O segurança, nem um pouco discreto, mede o meu corpo de cima a baixo e lança um sorrisinho de lado para mim. Reprimo a vontade de revirar os olhos e dou-lhe um sorriso “simpático”. Me aproximo mais e digo:

— Vim para a festa de aniversário de Daniel Jung.

— Seu nome?

— Yanna.

O cara confere na lista que está em sua mão e risca alguma coisa.

— Sim, pode entrar. O camarote é no final do corredor, subindo as escadas.

— Obrigada.

As luzes negras e piscantes do lugar me recepcionam e eu caminho pelo largo corredor até as escadas que o segurança orientou. A pista está lotada e a música estridente. As pessoas se movem loucamente e há copos circulando por todos os cantos. Apesar da atmosfera exalar animação, já não me excita tanto quanto antes, quando eu tinha meus dezenove/vinte anos.

Devo estar ficando mesmo velha.

Assim que subo as escadas e entro no camarote, vejo Daniel conversando com um grupo num canto e ele abre um de seus largos sorrisos ao notar que estou parada na porta. Não demora nem um segundo para que venha em minha direção e me prenda em um abraço de urso. Que animadamente retribuo.

— Wow! Você é mesmo a minha amiga hippie que mora num trailer no meio do mato? – ele brinca, apertando a minha bochecha e eu sorrio.

— Acredite que eu sou.

— Você está linda! Ah, não que eu não goste do seu estilo desleixado.

— Você me adora de qualquer jeito, Dani.

— Estou mesmo mimando você. – revira os olhos, mas logo sorri – Vamos! Pegue uma bebida e vamos curtir. Tenho muitas pessoas para apresentar.

Deixando-me levar pelo entusiasmo do meu melhor amigo, agarro uma taça de champanhe e o sigo. O camarote é realmente espaçoso e dividido em três ambientes. Pulamos de grupo em grupo, e Dani me apresenta para todos os convidados. Jogamos conversa fora por vários minutos com diversas pessoas até irmos para outro círculo e recomeçar tudo de novo.

Descemos para a pista a convite de uns colegas da editora e dançamos a batida envolvente e animada de “I Got Feeling” do Black Eyed Peas. Pulamos e cantamos como se não houvesse amanhã e Daniel não se contém em mostrar do que é capaz quando uma boa música está rolando. Ele se move no ritmo e faz passos que eu sequer imaginava que poderia fazer. Como o bom exibicionista que é, meu melhor amigo toma a atenção da pista e me puxa para dançar também.

Me divirto com ele e os nossos colegas de trabalho por mais duas músicas e então voltamos para o camarote. Já estou na terceira taça quando passamos para o último ambiente. Tal como os demais, esse também está relativamente cheio. Cumprimentamos uma e outra pessoa, e seguimos com conversas descontraídas.

Quantas pessoas esse doido chamou?

De repente, Daniel ergue a cabeça como se estivesse localizando alguém e então pega a minha mão. Chegando mais perto, ele murmura:

— Lembra que eu disse que frequentei uma escola de dança no colegial? – balanço a cabeça confirmando e ele continua – Um dos meus amigos daquela época está aqui, comemorando o noivado também. Quero te apresentar a ele.

— Fica por sua conta em risco. Se eu descobrir qualquer história constrangedora do seu passado sombrio, vou atormentar a sua vida até

estarmos bem velhos.

— Você conhece e esteve em vários momentos constrangedores da minha vida, além de ser a causadora de alguns, então estou bem.

Sorrindo, enlaço o seu braço com o meu, dou um gole na bebida e caminho com ele na direção em que vai. Cruzamos algumas mesas e subitamente ele grita:

— Elliot!

Meu corpo paralisa de imediato ao ouvir esse nome. Oh, não! Por favor, por favor, que seja outro Elliot.

Não aquele Elliot. Não o meu Elliot.

Sem conseguir me mover, nem para correr, sinto um arrepio horripilante percorrer a minha espinha quando aqueles familiares olhos azuis encontram os meus. Inquisitivos e surpresos. No entanto, há algo mais em sua expressão.

— Esse é Elliot Park, o amigo que comentei e com quem fiz aulas de dança no colegial. – Daniel apresenta uma vez que estamos diante do loiro. Nenhum de nós fala – Eli, essa aqui é a Yanna. Autora principal da editora e a minha melhor amiga.

O loiro franze as sobrancelhas intrigado. Engulo em seco ao notar o meu real nome escapar de seus lábios num dizer mudo e confuso, como se tentasse digerir o que lhe foi dito, o que é verdade ou não.

Porém, no segundo em que me encara por baixo de seus cílios longos, sei que ficou claro que fui desmascarada.

Isso não pode estar acontecendo!

— Ué? Onde.... Ah! Ali está ele.

E como se não bastasse o primeiro baque, o segundo quase faz o meu coração sair pela boca. Minhas mãos começam a tremer muito e os meus lábios também.

Da mesma forma que eu paralisei, o moreno também o faz. Seus olhos estão arregalados. Os meus e os de Elliot também. O pânico deve ser tão evidente no meu rosto quanto o deles é evidente para mim. Tudo está desmoronando.

Daniel agarra-o pelos ombros num abraço de lado e fala:

— E esse aqui é Christopher Hayes, o noivo do Elliot. – bate em seu peito de leve e aponta para mim – Essa é a Yanna que eu vivo falando. A autora estrela da editora.

Se eu achava impossível meus olhos abrirem mais, essa frase prova o contrário.

Eu ouvi direito? Noivo?

NOIVO?

N-O-I-V-O??

Meus olhos vão de Elliot para Christopher diversas vezes e os deles permanecem fixos em mim. Sinto como se um buraco abrisse sob os meus pés. Sinceramente, eu preferia que houvesse um buraco para que eu entrasse nesse exato minuto. Pois eu não sei o que é pior: a sensação de trair ou ser traída.

A nossa teia de inverdades tinha mais pontas do que eu imaginava.

Assim como as duas faces não eram apenas minha.

Capítulo 22

YANNA

Sabe aquele momento em que você tem a impressão de que o mundo parou ao seu redor? Que nenhum som chega aos seus ouvidos, à não ser aquela vozinha na sua cabeça gritando “*Eu avisei!*” e bem alto? Esse é o meu estado atual.

Como eu deveria me sentir? Mais do que ser desmascarada em frente aos dois homens com quem estou envolvida, acabo de descobrir que eles, além de conhecerem um ao outro, são noivos. NOIVOS! Meu Deus, como assim?

Encaro-os, num misto de culpa e raiva, e mantenho-me calada. Daniel ao meu lado não faz ideia do que acontece, mas sei que pode sentir a atmosfera densa que se formou de repente. Longos minutos se passam em completo silêncio, apenas do barulho estrondoso da música, até que Christopher toma a iniciativa:

— É um prazer, Yanna. Daniel fala muito de você.

Eu seria muito estúpida se não notasse a acidez em suas palavras. Seus olhos castanhos e fogosos não são mais do que um profundo lago sem emoções. Elliot não fala, apenas acena brevemente com a cabeça e seu olhar azulado que antes transmitia tanto calor, agora são como duas verdadeiras pedras de gelo.

Sinto-me mal por isso, mas também estou furiosa porque eles mentiram para mim. Somos todos igualmente culpados, não há somente um lado errado. Porém, estamos os três irritados e se eu não quero enxergar e menos ainda admitir tal coisa, não posso esperar menos desses dois, que claramente estão prontos para o pior dos embates. Nós iremos colidir, é questão de tempo.

Mesmo sem saber o que acontece ou talvez só ignorando o clima estranho, Daniel continua falando e falando, induzindo-nos a conversar. O tom impessoal em nossas vozes é mais do que suficiente para qualquer pessoa entender que não queremos papo. Pelo menos, não uma conversa civilizada. Estamos com os nervos à flor da pele e, presumo eu, que não seja a única que está inquieta com a avalanche repentina de emoções e querendo respostas.

Muitas respostas.

O problema é que eu também terei que as dar.

Permanecemos em nosso confronto silencioso enquanto Dani não para de tagarelar. Se eu não o conhecesse, pensaria que está fazendo de propósito, mas possivelmente ele só passou da conta com a bebida mesmo.

Além disso, é bem típico dele querer apaziguar os ânimos (apesar de não saber que estão exaltados) com uma boa conversa. Eu sempre adorei esse lado do meu amigo, mas estou reconsiderando isso agora.

Minutos se vão e o toque repentino do celular de Daniel interrompe a "conversa". Ele o pega no bolso da calça e sorri ao ler algo no visor.

— Oh, é o Natham. Ele disse que está lá fora. — comenta.

Uma chance de escapar. Obrigada senhor!

— Provavelmente veio trazer o seu presente. — digo.

— Será que não vai entrar?

— Ele disse que está muito ocupado com um processo.

— Bem, eu vou descer para encontra-lo. Volto daqui a pouco.

— Eu vou com você. Talvez nós dois consigamos convencê-lo.

— É melhor não. Se você disse que ele está ocupado, não vou forçá-lo. — dá de ombros, complacente — Bem, eu vou lá rapidinho e já volto.

Daniel, sem o mínimo de hesitação, me larga sozinha sob os olhares nada amistosos de Elliot e Christopher. Tenho vontade de correr atrás dele ou simplesmente dar as costas e sair andando para bem longe. No entanto, estou numa posição que *"se correr o bicho pega, se ficar o bicho come"*.

Ou seja, não tenho muita escolha à não ser enfrentar.

Apanho a primeira taça que encontro pela frente e viro o conteúdo de uma vez só. O álcool se mistura com as emoções desordenadas em meu interior, e

enfim tenho coragem de encarar os dois homens. Nossa troca de olhares é intensa.

— Yanna? É sério isso? – indaga Elliot, desacreditado. Ele joga os cabelos louros para trás e bufa – Você tem muitas explicações a nos dar.

— E não sou a única. – ironizo, pegando outra taça – Então vocês são noivos?

— Sim. E você é uma mentirosa. – dispara Christopher.

A tensão é tão tangível que pode ser cortada com uma faca. Mesmo não fazendo questão de prestar atenção, percebo que a música da pista mudou para um remix de *“What Goes Around... Comes Around”* do Justin Timberlake. A circunstancia não poderia ser mais irônica, tanto que acabo sorrindo por isso.

Meu coração bate a mil. Dou mais um gole na bebida e vejo que a minha mão treme. Estou tentando aparentar segura e indiferente, porém, o meu estômago dá cambalhotas e mais cambalhotas. Agir como uma megera as vezes é melhor do que a honestidade, só que tenho a impressão de que a fachada impassível não irá funcionar com esses dois. E como eu tenho palpite?

Simples: porque eu não consigo ser indiferente a eles.

— De onde você conhece o Daniel? – Elliot pergunta. Sua voz é quase um rosnado, embora continue tão suave quando me lembro.

— Ele é o meu melhor amigo. Conheço-o a anos e, como ele mesmo disse, trabalhamos juntos. – respondo – E antes que pergunte, eu não fazia a mais vaga ideia de que vocês se conheciam. Se eu soubesse...

— Eu não sei nem o que pensar. – Christopher lambe o interior da bochecha, num ato que reparei ser uma mania de quando está furioso.

Voltamos a ficar quietos, cada um remoendo à sua maneira. Tanto eu quanto eles temos várias palavras embaladas e prontas para disparar, o que é um problema (o conjunto da obra é um enorme problema desde o início).

Eu não sou a pessoa mais prudente do mundo, contudo, tenho noção de que esse não é o lugar e nem a hora de discutirmos esse assunto. Toda essa história ainda vai render e não demorará muito. Do jeito que estamos, talvez ainda essa noite.

Querendo apaziguar a situação pelo menos por enquanto, respiro fundo e coloco-me na defensiva. Nenhum deles aparenta estar disposto a uma trégua momentânea, o desejo de esfernear e cobrar respostas é evidente em suas expressões, mas não há muito o que fazer além de adiar a discussão.

— Olha, eu sei que é a última coisa que gostariam de ouvir, mas eu acho melhor....

— Voltei! – Daniel praticamente grita, pondo o braço envolta dos meus ombros.

Sua interrupção, por incrível que pareça, vem bem a calhar. O cheiro de bebida impregnado em sua roupa indica que realmente passou da conta. Provavelmente o seu lado rabugento vá surgir daqui a pouco. Só espero que não cause problemas; meu amigo olha de um para o outro e resmunga contrariado:

— Que clima é esse, gente? Vamos nos alegrar. É o meu aniversário, pô!

Como bons atores, sorrimos. A trégua vai ter que acontecer de um jeito ou de outro. Virando-se para mim, Dani dá um generoso gole em sua cerveja e diz:

— O Nam já foi, só veio para entregar o presente mesmo.

Ele mostra a bolsa que ajudei a comprar e agora está transpassada em seu peito, e sorri. Eu sabia que ele iria gostar. Dani adora essas coisas.

— Ele disse que você ajudou a comprar.

Vislumbro Christopher de relance, lembrando do nosso encontro aquele dia e em como aumentei mais a mentira, e então consinto.

— Sim. Foi no mesmo dia que comprei os braceletes.

— Braceletes? Que braceletes?

Arregalo os olhos.

— Droga! Eu não acredito que esqueci de entregar o seu presente.

— Que amiga mais relapsa. – solta uma gargalhada e me aperta em um abraço.

Reviro os olhos para o seu drama.

— Venha, eu vou pegar a bolsa e entregar o seu bendito presente.

Aproveitando a brecha que o universo criou para que eu possa escapar, pego Daniel pela mão e o arrasto para fora da sala, respirando aliviada assim que atravesso a porta. Preciso de uns minutos longe daqueles dois.

Preciso de vários minutos longe.

— Yan, está tudo bem? Você parece meio tensa. – Daniel questiona enquanto caminhamos até a *chapelaria* exclusiva do camarote.

— Sim, tudo ótimo.

— O Elliot ou o Christopher disseram algo para você?

Paro e viro bruscamente com sua pergunta. Será que ele sabe de alguma coisa? Pouco provável. Porém, se sim, eu só posso deduzir duas coisas: ou Daniel é candidato a novo Sherlock Holmes ou aqueles dois contaram. A segunda opção é impossível, então só posso deduzir que o meu amigo é mais esperto do que eu imaginava.

Mais tensa do que antes, interrogo-o:

— O que eles poderiam me falar?

— Eu não sei. Você só está.... Estranha. – dá de ombros – E os três não estavam no melhor dos climas.

“Se você soubesse”, respiro profundamente e guardo o pensamento para mim. Não estou preparada para contar essa história a Daniel. Ainda não.

Sei muito bem o que acontecerá quando entrarmos de novo nesse tema. Principalmente porque, apesar de condescendente, ele nunca aprovou que eu fizesse esse tipo de coisa.

— Eles não disseram nada. — desconverso — Você sabe que eu posso ser um pouco antissocial em ocasiões como essa.

— Não foi o que pareceu enquanto estávamos na pista de dança com o pessoal.

Sorrio e aperto a ponta do seu nariz.

— Eu disse que posso e não que sou. Agora vamos logo pegar o seu presente.

Depois de entregar o pacote esquecido na bolsa para o meu amigo e quase colocar tudo o que comi e bebi para fora no instante em que ele me ergue e começa a rodar até que estarmos tontos, minha meta passa a ser desviar de qualquer interação com Elliot e Christopher. Mais do que digerir a notícia de que estão noivos, eu preciso de tempo para entender as emoções que reverberam dentro de mim.

Por isso, ao longo de quase toda a noite, ponho-me ao lado do meu melhor amigo e colegas de trabalho. Mas eles me perseguem. Como duas sombras, Christopher e Elliot estão em todos os cantos que vou e seus olhos não saem de mim. Eu até ficaria feliz (e bem excitada) se toda essa atenção fosse por outro motivo. Só que não há mais do que ressentimento e decepção nesse ato.

A tensão entre nós é tão grande, que me pergunto como o camarote ainda não explodiu.

Quando bate uma da manhã, não posso mais aguentar. Invento uma desculpa qualquer para Daniel e digo que vou embora. Temos que resolver logo essa história. Continuar postergando não vai adiantar de nada.

Dando um olhar rápido para o canto da sala, saio acompanhada com Dani e despeço-me assim que faço sinal para um táxi; entro no carro e encosto a cabeça no vidro, preparando-me mental e emocionalmente para o vendaval

que virá.

Ao pisar no meu apartamento, toda a minha confiança cai por terra. O pensamento de pegar o carro e sair às pressas é tentador. Entretanto, não demora mais do que dez minutos para o interfone tocar. Já sabendo perfeitamente o que me espera, destravo a porta de entrada e espero até que subam ao meu apartamento. Minha garganta bloqueia por um instante e tenho que limpar o suor das mãos na barra do vestido que sequer tive a oportunidade de tirar.

Quando a campainha dispara, dou um pulo. Malditos elevadores modernos que sobem num piscar de olhos. Respiro fundo uma e outra vez, e caminho lentamente até a porta como se estivesse prestes a ser atacada e devorada por lobos famintos.

E acho que estou mesmo.

Uma vez que abro a porta e deparo com Christopher e Elliot, o meu coração dá uma guinada no peito. Não somente pelo impacto que os dois juntos me causam, mas também por que foi nesse apartamento que partilhamos tantos momentos de luxúria e paixão. E é aqui que tudo acaba também.

— Olá, Rebecca. — Christopher alfineta — Ou melhor, Poliana.

— Oh, que engano o nosso. — é a vez de Elliot soltar o veneno — Desculpe, *Yanna*.

Encaro os dois e respiro o mais fundo que consigo. Isso não vai ser fácil.

Até me passa pela cabeça sugerir que sentem para termos essa conversa, mas se eu não estou com um pinga de vontade de fazê-lo, imagina eles. Uma tolice pensar nisso. Quando as revelações vierem à tona, a última coisa que faremos é ficar sentados. Então, apenas nos encaramos por longos e quase intermináveis minutos.

Eles finalmente entram no apartamento, cruzam o corredor como furacões e param no centro da sala. O aroma do perfume cítrico e refrescante de Elliot mistura-se com o amadeirado de Christopher e sinto-me momentaneamente embriagada.

Noto como avaliam o espaço e depois se entreolham, num entendimento mútuo. Depois da longa semana sentindo a falta de ambos, não era assim que eu queria encontrá-los. Contudo, isso é apenas reflexo do que nós criamos.

Do que eu criei.

— Até quando pretendia levar essa mentira? – Christopher pergunta. Sua expressão aparenta apatia, porém, percebo que é somente uma maneira de esconder o nervosismo que está sentindo.

— Eu faço essa mesma pergunta a vocês.

Elliot solta uma risada debochada, desdenhando-me.

— Como você pôde? – indaga, andando de um lado para o outro como um leão enjaulado – Mentiu para nós. Mentiu sobre tudo!

— E vocês não mentiram? – retruco.

A culpa e o ressentimento crescem dentro de mim.

Eu sou a mentirosa, não eles.

— Não sobre quem éramos! Não inventamos ser outras pessoas como você fez.

Ok, ele tem razão. Apesar de também serem culpados em algum ponto, fui eu quem inventou o pior da história. Mas ainda assim não vou permitir que me taxem como única responsável por toda essa confusão. Não mesmo.

— Mas mentiram sobre o relacionamento de vocês. Esconderam que estavam noivos. Noivos, droga! Como imaginam que eu devo lidar com isso?

— E como nós devemos lidar? – Christopher se pronuncia – Nós sequer sabíamos que você é a mesma mulher. Pensávamos estar nos envolvendo com pessoas completamente diferentes, porra! Tudo bem que erramos sobre não contar do noivado ou mesmo que tínhamos alguém, mas era algo que pretendíamos fazer mais para frente com as “pessoas” com quem estávamos. E que agora, por uma ironia do destino, descobrimos ser *a pessoa*. Uma única

pessoa.

Ele passa as mãos nos cabelos castanhos e solta um palavrão para o ar. Sua máscara da indiferença enfim vai ao chão. Elliot, com os braços cruzados e rodando encurralado no mesmo lugar, dá um passo à frente e diz:

— Qual era a sua? O que ganhou fazendo a nós dois de idiotas?

— Eu não ganhei nada, exatamente. E não fiz nem um de vocês de idiota.

— Ah, não? E do que você chamaria o que fez?

Esfrego as mãos no rosto, frustrada. É óbvio que eu fiz os dois de idiotas, como sou hipócrita. Não quero tomar a responsabilidade toda para mim, só que a verdade é que a maior parte de fato culpa minha. Apesar de não ter sido a intenção, foi o que acabou acontecendo. Meus motivos mudaram desde que resolvi entrar nesse jogo de novo, mas, infelizmente, eu usei ambos de qualquer forma e estou errada.

Acho que eu preciso de um cigarro.

— É um pouco mais complicado do que parece. — digo, soltando um suspiro.

— Pois comece. Nós vamos adorar ouvir. — Christopher diz, cheio de cinismo.

Minha atenção vai de um para o outro.

Merda, como vou explicar isso sem parecer uma cretina? Antes que eu possa começar a tentar expor como enfiei os pés pelas mãos, Elliot solta:

— Por acaso isso tem algo a ver com aquele caderno de capa vermelha?

Arregalo os olhos no segundo em que cita o caderno. Como ele sabe sobre isso? Compreendendo o espanto em meu rosto, justifica:

— Antes que pergunte, eu o vi no dia em que vim a primeira vez aqui, no “apartamento do seu primo”. Você o deixou cair e eu o peguei enquanto recolhia a minha bolsa do chão. Não foi certo, mas acabei espiando e vendo

uma passagem do nosso encontro em Munique. Pensei que fosse algum tipo de diário, mas já não tenho tanta certeza assim. – aperta os olhos com as pontas dos dedos num gesto tenso e respira fundo – Sinceramente, não tenho certeza sobre muitas coisas agora. Estou duvidando até o que o seu nome verdadeiro seja mesmo Yanna.

Angustiada com o rumo que a situação está tomando, contenho a vontade de acender um cigarro e respondo com uma falsa firmeza, apenas para não demonstrar que tê-los irritados e decepcionados dessa forma comigo não está me magoando:

— *Esse é o meu nome.* E de alguma forma, sim, tem a ver com aquele caderno.

Ambos se aproximam e param a poucos centímetros de onde estou. Os pares de olhos, que mesclados parecem ainda mais hipnotizantes, encaram-me tão friamente que sinto a garganta fechar em um nó que não experimento a anos.

— Afinal, quem é você de verdade? – Christopher questiona, visivelmente magoado, assim como Elliot – Por que, de longe, não é a pessoa.... Ou melhor, “as pessoas” com quem estivemos no último mês. Por quem...

Sua frase desvanece no ar. Eu sei o que ele pretendia dizer e dói-me.

Encontrando a minha própria voz em meio aos gritos de ódio e frustração travados na garganta, respiro fundo e começo a explicar, não há mais porque esconder:

— Meu nome é Yanna e eu sou escritora. Eu sou isso o que vocês veem agora. Eu inventei a Rebecca e a Poliana, e usei os nossos encontros para escrever as minhas histórias. – ergo o olhar para Elliot, que está com as sobrancelhas franzidas, e engulo em seco antes de prosseguir – O caderno que viu é onde eu rascunho os meus manuscritos. Tudo o que vivemos até a pouco tempo atrás.... Bem, na verdade até um pouco mais de duas semanas, foram parar no e-mail do Daniel e provavelmente virarão livros. Mas eu não coloquei o nome real de vocês, então...

— Você usou a nós dois...? — Christopher praticamente sussurra, desconcertado com tudo o que acabo de revelar — Além de mentir, você colocou tudo o que compartilhamos num livro? Todos os momentos que...

— Então quer dizer que você inventou duas personagens e viveu como elas por todo esse tempo apenas para escrever suas histórias? — Elliot indaga e eu consinto — E você tem feito isso desde quando? Fomos apenas nós ou... Teve outros?

Engulo a súbita vergonha que me atinge e balanço a cabeça, respondendo:

— Tiveram outros, sim.

Eles gritam. Atiram suas acusações sobre mim e eu não posso fazer nada contra. Não sabendo que estou errada. Não sabendo que feri a ambos com as minhas mentiras.

Christopher se mantém parado próximo ao sofá enquanto Elliot anda em círculos no tapete, praguejando. E eu, bom, continuo pateticamente imóvel ao lado da estante.

Em outras circunstâncias, eu rebateria cada mínima palavra. Só que o peso na consciência não permite que eu o faça.

— Eu não consigo entender... — Elliot solta um riso anasalado, cheio de sarcasmo — Você mentiu sobre tudo? Não houve um momento em que foi verdadeira conosco?

Tenho vontade de gritar que as últimas semanas não fui mais ninguém à não ser eu mesma. Talvez desde o começo eu tenha sido. Mas dizer tal coisa seria muito oportuno agora e eles não acreditariam.

Sendo assim, prefiro permanecer calada. Ele prossegue com suas acusações.

— Então, não existe primo e nem amigo? — balanço a cabeça, ouvindo-o soltar o ar com força — E esse apartamento é seu, desde o início?

Mordo o lábio e novamente consinto.

A quietude de ambos é a prova irrefutável de que estraguei tudo.

— Em que tipo de farsa você está vivendo? — deprecia Christopher.

Suas palavras me chocam. Não por ser a verdade, mas sim porque é como se estivesse abrindo os meus olhos para algo que eu relutava tanto em enxergar.

— Para mim já é o suficiente! — Elliot exclama subitamente — Eu não preciso ouvir mais do que isso, francamente. Pode parar por aqui.

— Elliot... Christopher...

— Nós erramos em não contar sobre o noivado. Ok, eu admito. Não sabíamos que você era a mesma pessoa, mas ainda assim foi errado. Só que essa mentira, quero dizer, essa omissão não chega perto do que você fez. Nem ferrando.

— Eu sei. — fecho os olhos um instante, tomando consciência do que fiz.

— Você é uma mentirosa insensível que só pensa em si mesma.

— Eu também sei disso.

“Sei melhor do que ninguém”, penso. E pretendia continuar seguindo assim, se vocês não tivessem entrado na minha vida e mudado tudo.

A sala cai em um silêncio desconfortável e constrangedor. Eu nunca quis que chégássemos a esse ponto, especialmente quando descobri o que realmente comecei a sentir em relação aos dois. Contudo, sabia que essa brincadeira não teria o melhor dos finais e estava absolutamente certa. Só errei em uma coisa...

Errei ao pensar que não sentiria isso no fundo da minha alma.

— Vamos embora Elliot. — Christopher põe a mão no ombro do noivo e olha para mim, medindo-me de cima a baixo como se quisesse me gravar em sua memória pela última vez — Não volte a procurar nenhum de nós dois. Você já teve o que queria.

Atônita, vejo-os dar as costas e caminhar até a porta. Saem tão rápido que

sequer tenho tempo para piscar. Sozinha no meio da sala de estar, observo a porta que acabaram de fechar e o peso das minhas escolhas cai igual pedra nos meus ombros, bem como um incomodo conhecido cresce em meu coração.

Não, eu não tive o que queria. Consegui o completo oposto.

Deixo que o meu corpo vá ao chão, exausto de tantas emoções. Sento no tapete, abraço os joelhos e encaro a televisão desligada. Um riso irônico escapa dos meus lábios, porém, o que realmente me impressiona são as lágrimas quentes que escorrem para as minhas bochechas. Levo os dedos até uma delas e a umidade em minha pele fica tão evidente quanto os sentimentos que tentei não enxergar.

Não podia estar acontecendo, mas aconteceu.

Eu me apaixonei.

Me apaixonei pelos dois.

Leia os primeiros trechos de "Somos Três"

CHRISTOPHER

O clima em nossa casa sempre foi agradável. Apesar de não passarmos muito tempo aqui por conta das viagens e do trabalho, fazemos questão que a todo o momento o lugar que chamamos de lar e compartilhamos a quase três anos seja o mais alegre e aconchegante possível. Tentamos ao máximo não trazer os problemas de fora, pois, aqui é o nosso refúgio.

Só que isso mudou há dias atrás. O nosso recanto, que antes era cheio de ânimo, agora vive em uma tensão constante. Bem como nós dois. E tudo por que ainda não conseguimos encarar o fato de que Yanna, a quem achávamos ser Rebecca e Poliana, nos enganou sem um pinga de escrúpulo. Fez a nós dois de idiotas.

Porém, antes o problema fosse apenas esse.